

ALBUM

DO

ACTOR SANTOS

Repositorio de curiosidades dramaticas

LISBOA
TYPOGRAPHIA MATTOS MOREIRA
Praça dos Restauradores, 15 e 16
1885

ALBUM

DO

ACTOR SANTOS

Repositorio de curiosidades dramaticas

LISBOA
TYPOGRAPHIA MATTOS MOREIRA
Praça dos Restauradores, 15 e 16
1885

AOS SEUS ASSIGNANTES

dedica

José Carlos dos Santos

LISTA DOS EX.MOS SRS. ASSIGNANTES

Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando.
Condessa d'Edla.
José Gregorio da Rosa Araujo.
D. Perpetua Moreira Marques.
Joaquim Moreira Marques.
Henrique A. Franco.
D. Sophia A. Franco.
D. Carolina Julia Carneiro Lourenço.
Carlos Julio Lourenço da Silva.
Francisco Ennes Ruas Vianna.
Antonio Fernandes Barbosa.
Eça Leal.
Joaquim Cardoso Ayres Pinheiro.
Frederico Xavier de Mesquita.
Florencio Serra.
João Baptista da Silva.
Antonio Pimentel da Silveira.
D. Manoel Zerbone Junior.
Salles Lobo Junior.
Manoel José Carretta.
Luiz José da Costa.
José Lamas.
M. Vieira d'Andrade.
Augusto de Vargas.
Conde de Bertiandos.
D. Antonia Eugenia Fonseca Abreu Castello Branco Nogueira.
Conde da Foz.
Condessa da Foz.
Condessa da Ponte.
Fernando Maria de Sá Camello.
J. B. Dotti.
João Manoel do Rego Botelho.
Marquez de Fronteira.
Luiz de Carvalho Daun e Lorena.
Joaquim Filippe de Miranda.
Agostinho d'Ornellas.
José da Gama.
Barão de Marajó.
Barnabé d'Orta, Visconde d'Orta.
José Agostinho d'Oliveira.
Frederico James.
Viscondessa da Fonte Bôa.
Conde da Ribeira Grande.
João Alegro Pereira.
Visconde da Falcarreira.

D. Amelia V. Q. Graça.
D. Clotilde Quartim.
Thiago Antonio da Silva.
Antonio Raphael.
José Francisco Collares.
Pedro Vidoeira.
José Raymundo Peres.
Roberto P. James.
Arthur Alberto Lessa.
Manoel Nunes Corrêa.
Custodio de Mello Sarria.
Francisco d'Oliveira Soares.
João Henriques da Silveira.
Bruno da Silva.
Florencio Sarmento.
André d'Aquino Ferreira.
José Xavier Silveira da Motta.
A. V. Reis e Sousa.
Dr. Luiz Jardim.
Visconde de Monte-São.
José da Costa Pedreira.
Visconde de Feilão.
Visconde do Rio Vez.
Conde Cabral.
Antonio Joaquim Moraes.
Lourenço de Magalhães.
A. de Palno F. Maare.
Antonio Ignacio de Faria.
H. A. Pereira Rodrigues.
J. M. d'Azevedo da Silva.
A. de Carvalho Cortez.
Francisco de Mendonça Freitas.
José Amsalak.
D. Luiz da Camara Leme.
D. J. Alves Machado.
Henrique Pires.
Conde d'Almedina.
Araujo Assis.
Emilio Achilles Monteverde.
Venancio Deslandes.
M. F. d'Almeida Brandão.
Antonio F. Brandão.
D. Candida Rosa d'Almeida Brandão.
D. Emilia d'Almeida Brandão.
José Maria dos Passos Valente.
D. Adelaide de A. Pinto da Cruz e Mello.
Dr. Severo de Carvalho.
F. Julio Cascaes.
Ricardo Ernesto de Carvalho.
Joaquim José Pereira Alves.
Rego Freitas.
Polycarpo José Lopes dos Anjos.
Dartaston C. Shore.
Victor Bastos.
Antonio Augusto Pereira de Miranda.
Julio Cesar de Mouta Vásconcellos.
R. Sousa Monteiro.
Alfredo Emilio Monteverde.
Frederico Augusto Ferreira.
Julio Cardoso.

Antonio Moura Borges.
Luiz Victor Lecoq.
João José de Sousa Telles.
José Joaquim da Costa.
Francisco Augusto Florido de Mouta Vasconcellos.
Visconde de Castilho.
Dr. Antonio F. d'Oliveira David.
Dr. Ignacio Silveira da Motta.
Tito Augusto de Carvalho.
Alfredo Cordeiro Feio.
M. S. Damasceno Monteiro.
David Cordeiro Feio.
João da Cruz e Oliveira.
Henrique Sauvinet.
Manoel José Dantas.
Francisco José Guedes Vilhegas Quinhones de Mattos Cabral.
Victoriano Peixoto Braga.
Carlos Barreiros.
João Pedro d'Oliveira Soares.
Antonio de Bettencourt Pereira Sousa.
Francisco Freire Teixeira Marques.
José Simões Ferreira Machado.
Henry Burnay.
Emygdio Pires.
Prior da Pena.
Visconde de Daupias.
Ricardo Dias Henriques.
Eduardo A. de Villar Coelho.
Dr. Pereira Guerra.
Alexandre Mó e Silva.
Antonio Cardoso Avelino.
D. Elisa T. Bonacho dos Anjos.
D. Julia Sophia Pinto da Cruz.
José de Castro.
João Corrêa Loureiro.
A. M. Couto Monteiro.
Carlos Augusto Bastos Cruz.
Julio Hilario Pereira Alves.
Joaquim Ventura Pereira.
Manoel Carvalho Ribeiro Vianna.
João Radich.
H. R. Juhel.
F. Garay.
Joaquim Santos Corrêa.
Lima Mayer.
Joaquim Antonio Raposo.
A. J. Gomes Netto.
José Gregorio da Silva Barbosa.
Conde Casal Ribeiro.
D. Maria Vial.
Carlos Krug.
Carlos Bon de Sousa.
Antonio Joaquim d'Oliveira.
Barros Proença.
J. F. de Carvalho.
José Francisco Machado.
João Baptista Podestá.
Zoé Wauthelet.
Miguel Osorio Cabral.

Francisco da Costa Paulino.
Francisco Gavazzo.
Dr. Xavier da Fonseca.
Eduardo Augusto Macieira.
João Augusto Pereira d'Eça Chaby.
Cypriano Ribeiro Calleia.
Hygino Augusto da Costa Paulino.
J. C. Dias Costa.
Carlos Ferreira dos Santos Silva.
Joaquim Mattozo da Camara.
Augusto Carlos Bastos Cruz.
Francisco Ribeiro da Cunha.
José Mesquita da Rosa.
Simão Cohen.
João Joaquim Caldeira Pires.
J. J. Marques.
João Nunes Ribeiro Montanha.
Francisco Mendes.
D. Pedro José de Noronha.
João Caldas.
D. Maria Sousa Netto.
Alfredo Felgueiras da Rocha Peixoto.
Frederico Torres Pereira.
Duque de Palmella.
Luiz Guimarães.
Pedro Christiano.
Carlos Anjos.
Fernando Rodrigues.
Sousa Bastos.
D. Antonia Julia de Lima e Brito.
D. Maria Justina Stelling Massa.
Francisco Felix Pereira.
João Felix Pereira.
Antonio Marques de Carvalho Junior.
Antonio Pinto.
D. Emilia Mascarenhas.
José Joaquim Pedroso.
D. Maria Guilhermina M. dos Anjos.
Alfredo Ferreira dos Anjos.
Conde de Valbom.
Carlos Lobo d'Avila.
J. L. d'Avila da Graça.
D. Joanna d'Orta Ennes.
João Ulrich Junior.
Vicente de Castro Guimarães.
D. Maria da Gloria Macedo.
Baroneza de S. Cosme.
João Nepomuceno de Macedo.
João Henrique Ulrich.
A. Sousa Lobo.
Conde de Prime.
Augusto Pinto M. Costa.
O. J. Pinto Leitão.
Antonio Gaspar Teixeira de Lemos.
Pedro Rebello Carneiro.
José de Saldanha Oliveira e Sousa.
Guilherme Nicola Esteves.
Antonio José Duarte Nazareth.
Pucci.
Antonio de Vasconcellos e Sousa.

[redacted]

ALBUM

DO

ACTOR SANTOS

Repositorio de curiosidades dramaticas

LISBOA
TYPOGRAPHIA MATTOS MOREIRA
Praça dos Restauradores, 15 e 16
1885



DEPOIS

AOS SEUS ASSIGNANTES

dedica

José Carlos dos Santos

meu dever dar o primeiro logar ao eminente professor da escola medica José Thomaz de Souza Martins, a esse coração d'ouro que tem sido para mim ha dez annos de uma tal dedicação, que não conheço palavras com que lhe possa agradecer.

É sempre medico e sempre amigo dedicado. Que humorista de fino gosto! Como elle sabe quando se acha á cabeceira dos doentes seus amigos, distrahi-los com a sua *verve*, e discutir segundo a occupação de cada um; com os poetas falla de poesia, com os jornalistas de politica, com os *touristes* de viagens, com os actores de theatro... sempre em dia com tudo.

— Mas, doutor, não me receita nada?...

— Espere... não tenha pressa...

— Ai que dôr...

— Diga-me uma cousa: a vossê leram-lhe hontem o artigo do *Gil Blas* em que o Mauban discute com o Coquelin sobre a interpretação do Scapin de Moliere se deve ser comico ou dramatico?...

Finalmente, quando nos deixa, ficamos por momentos na duvida se somos nós o doente, ou alguma pessoa da casa que está de perfeit saude.

Faço votos para que elle veja completament realisados os seus dois grandes ideaes: o en grandecimento do Jardim Zoologico e o hospi cio para a cura da tisica no alto da Serra d Estrella. Que todos o coadjuvem, que bem merece.

Começa a minha vingança contra os que nã assignaram para o meu livro, é bem feito.. não ficam sabendo nada d'estas particularida des nem apreciando o meu bello estylo; é ver dade que os maganões hão de estar á espreit a ver se o podem ler de borla ou apanha-l por dois patacos n'algum alfarrabista, mas li vrem-se que eu o saiba... que lá está o Bor dallo Pinheiro que vae de companhia commig e me vingará. Bordallo Pinheiro! pois os de senhos do meu album não valerão pelo meno metade da obra?!... valem, sim, e o grand caricaturista ao constar-lhe a affluencia da assignaturas deve no seu intimo ufanar-se po saber quanto vale o seu nome e o seu lapis Talvez que este meu bom amigo se não lem

bre que ha vinte annos, indo jantar commigo, á sobremeza lhe fiz a seguinte saude: «Brindo áquelle que é, será e ha de ser o primeiro entre os primeiros de todos os caricaturistas do mundo». Realisou-se a profecia. Aproveito esta occasião para agradecer o quanto concorreu para o embellezamento do meu album ao trabalhador infatigavel o lithographo Guedes. Um aperto de mão a Mattos Moreira pelo trabalho de rever as provas; e fecho o *soneto*, não com chave d'ouro, que bem merecia soneto e chave d'ouro; deixei o seu nome para o fim, de proposito: é o editor Tavares Cardoso; só tratando intimamente com elle se póde bem avaliar o seu caracter... quantas vezes os ultimos são os primeiros!...

* * * * * * * * * * *
* * * * * * * * * * * *

Continuemos; já houve o intervallo preciso para descançar o cerebro e para a gymnastica dos ossos, porque é preciso que saibam que estou dictando estes apontamentos com a perna pela segunda vez fracturada. Que bello futuro me espera... cego e coxo!... quem o diria ha doze annos!...

Já que fallei de cego... lá vou outra vez saltar d'uma cousa á outra, mas como n'estas descosidas phrases não tenho pretensões a hombrear com o grammatico Epiphanio Dias, nem com o nosso primeiro estylista Latino Coelho, caminho no meu proposito unicamente com a idéa de me fazer comprehender no phraseado da palestra intima, evitando os sermões de lagrimas.

Veio-me, pois, á memoria que, ensaiando com Manoela Rey a *Valleria* de Scribe (conhecem todos esta peça) a protogonista é uma cega; esse papel estava confiado a Manoela Rey, eu fazia o medico que tratava a doença, não me recordo os processos que usava para a cura, mas lembro-me que eram bem differentes dos que emprega o doutor Van-der-Laan; em todo o caso ficava boa no final da peça, e ella pagava-me dando-me a sua mão...

N'um dos ensaios d'apuro d'essa peça disse-me Manoela:

— O Santos, imita lá um cego para eu ver...

Sentou-se, e eu principiei a fazer a diligencia por lhe satisfazer o desejo; d'ahi a pouco, Manoela, com a sua ingenuidade infantil e expansiva alegria dos 18 annos, gritava, batendo com as mãos:

— Bravo, Santos! bravo! é isso, é isso mesmo! Que verdadeiro cego!!... que cego tão perfeito!...

Vinte annos depois eu fazia o papel com todo o realismo... e se Manoela ainda fosse viva, recordar-se-hia com verdadeira magoa e sentimento do ensaio da *Valleria*, e se alguma vez me encontrasse na rua de certo não desviaria o olhar, nem hesitaria um momento em me offerecer o seu braço para me ajudar a atravessar d'um passeio a outro... tinha alma e coração para isso!...

Nota alegre... já estava a descambar para a tristeza.

Como já disse, nem todos os meus biographos sabiam certas particularidades da minha vida artistica; eu talvez como manhoso as guardasse para mim, para que se algum dia publicasse um livro tivesse tambem alguma cousa a dizer, e quizesse fazer como os pyrotechnicos que guardam para o final as melhores peças de fogo preso.

Talvez muita gente não saiba que a minha primeira mania theatral era ser timbaleiro?... Eu e mais alguns rapazes, entre elles os irmãos da Exma Sr.ª D. Guilhermina Anjos, tinhamos em casa do pae d'esta senhora um theatrinho de marionnettes. Cada um de nós tinha as suas attribuições: um fazia mover as marionnettes... outro o machinismo... um outro imitava o canto... até havia scenographo... recordo-me que se chegaram a dar as seguintes peças com todo o esplendor: *Rainha de Chipre*, *Guilherme Tell*, *Roberto do Diabo*... tudo grandes operas. Os musicos de que se compunha a orchestra tinham por instrumentos, comprados na ultima feira do Campo Grande, violas de seis vintens... rebecas de dois tostões... harmoniuns, cornetas, cornetins, e os timballes, representados por duas cadeiras, sobre o assento das quaes, com duas improvisadas baquetas, eu rufava com tal enthusiasmo

que acabava sempre por lhes metter os tampos dentro... Partitura em que não fosse preciso timballes amuava-me e havia pancadaria grossa.

As duas senhoras, D. Guilhermina Anjos e D. Perpetua Moreira Marques, podem attestar a veracidade d'estes desacatos.

Fechavam sempre as *matinées* com uma tourada infernal e que só finalisava quando a Sr.ª D. Guilhermina, do pavimento superior, nos impunha silencio batendo para baixo.

Que essa senhora me perdôe as dores de cabeça que lhe fiz soffrer.

Mas que coincidencia! ella que tanto horror tinha ás tourinhas, quem lhe diria que, passados annos, teria de abraçar orgulhosa e com lagrimas de alegria um filho que, voltando victorioso e acclamado por todo um povo, lhe depunha no regaço as corôas ganhas com todo o denodo na grande arte dos marialvas!

Da orchestra saltei para o palco e começou a mania de imitar os grandes actores.

Aos sabbados, dias feriados das aulas, era eu requisitado para casa dos meus amigos como um objecto precioso; ahi dava as minhas sessões dramaticas e fazia-me applaudir por toda a familia da casa; ainda me lembro da alegria expansiva com que era victoriado pelos papás e mamãs dos amiguinhos da minha idade, e das correrias dos creados pelos corredores para irem espreitar-me. Devem lembrar-se com saudade d'esse feliz tempo o meu particular amigo Aguiar, hoje ministro das obras publicas, o conselheiro Silveira da Motta, Faustino da Gama, Luiz d'Araujo e outros. É que realmente eu era um portento! Foi d'ahi que principiou o desejo de entrar na caixa de um theatro, mas um theatro verdadeiro...

Passo em claro alguns annos, que vão narrados pelos meus biographos, a quem cedo o logar, como de direito lhes pertence.

Tambem fui jornalista, revisor, traductor, e auctor! hein?!... que tal?... tudo isto tendo largado o bibe ha poucos annos.

Como os caloiros, paguei tambem o meu tributo, e fizeram-me partidas diabolicas... Entre outras ha uma engraçadissima do poeta João de Aboim, que n'essa epocha era proprietario do jornal *O Peneireiro*... Dando-me

ares de Lopes de Mendonça, escrevi um folhetim para esse jornal, no qual fazia a critica de uma peça, punha o auctor pela rua d'amargura e dava uma sova tremenda nos artistas... Era tal a curiosidade de ver a minha sublime prosa, que andei a rondar toda a santa noite em volta da redacção, esperando ancioso o romper da manhã e a sahida do primeiro distribuidor para lhe apanhar o jornal. Oh! desillusão!... que não sei de nojo como o conte!... As palavras estavam lá... o meu nome tambem... mas aquelle judeu do Aboim tinha trocado o sentido a tudo: o que era criticado mudou-o para elogios... Fiquei corrido... fugi... andei escondido mais de um mez!

Uma outra peripecia engraçada que me fizeram... foi no theatro de D. Maria, eu era então discipulo d'esse theatro, ganhava sete vintens por noute e uma vela de cebo... Dava o cavaquinho por figurar em peças militares, grandes bigodes... e botas de montar... Como as botas eram muito caras, arranjei uns canhões de papelão, que, assentes sobre uns sapatos, davam o resultado desejado; mas os demonios dos collegas tiveram artes para entrar uma vez no meu camarim, sem eu dar por isso, foram a um dos canhões, descoseram-no, deixando-o quasi todo em falso, e resultou d'aqui que, ao entrar em scena, com o movimento para o manejo militar, ficasse com uma das pernas de sapato e meia e a outra de bota de montar! Imaginem!... Desconfiei sempre que entrou tambem n'esta entrudada o meu collega Moreira, que era d'esse tempo. Já que fallei n'este bom collega confesso aqui, que lhe devo a alta fineza de nunca se ter esquecido de mim, e se o maganão se divirtiu á minha custa, contribuindo para me pregarem aquella peça, verem-me com a barriga da perna núa de piúga e sapato, trinta annos depois para quem conhecer aquelle excellente caracter póde imaginar o que soffreria lembrando-se que a mesma perna, que tanto fez rir, está hoje inutilisada para sempre!...

Outras peripecias e aventuras d'esta vida de bohemio, se quizerem sabel-as, ouçam o Gomes d'Amorim, não pelo que diz de mim, mas vale a pena pelo seu estylo brilhante; sempre juve-

nil, não é um escriptor de ha quarenta annos, os crueis padecimentos por que tem passado ainda não foram capazes de o prostrar... não estacionou... vive radiante de luz esse imparedado do largo do Carmo. Que bom amigo! dedicado... com que juros elle pagou a sua divida ao Garrett! Veremos agora como lhe paga o paiz! mas que importa se não lh'o pagar? Resta-te, amigo, o livro! e o teu nome que ficará immortal.

* * * * * * * * * * *
* * * * * * * * * * * *

Em 1863 fui a França, a expensas d'el-rei o Sr. D. Luiz; aqui lhe deixo o testemunho da minha gratidão e mais uma vez me curvo reverente deante da sua augusta pessoa e lhe beijo as mãos. Abro um parenthesis para que el-rei o Sr. D. Fernando me não tenha na conta d'um ingrato, nem podia fallar do filho sem fallar do pae. Todo aquelle que presta culto ás artes tem sempre uma divida em aberto para com este rei artista. Meu senhor, quando um principe desce do seu throno para proteger, animar, e conviver com os que trabalham, não temos palavras para lhe agradecer, ha sómente adoração.

Acompanhou-me n'essa viagem o actor Tasso, um exemplar de boa camaradagem e notavel artista; os seus amigos e o publico por largos annos se lembrarão d'elle!

Voltei de Paris, tendo aproveitado o quanto me foi possivel em estudar o que por lá havia que me pareceu melhor; creio que dei provas de que não tinha só passado o tempo a *flanar* nos *boulevards*, e que a protecção do meu rei sempre serviu para dar um pequeno impulso á arte, e alguns conselhos a collegas, que hoje tanto honram o theatro portuguez. Aquelles que os acceitaram e se aproveitaram conheço-os eu bem, mas está da sua parte e não da minha fazer lembrar quem lhes foi guia, e não ser eu quem faça a lista dos seus nomes.

Não tenho vaidades, se dei a educação theatral a alguns, eu tambem a recebi dos meus collegas mais antigos, e se com esses discutia,

fui eu sempre que aproveitei. Os que precisavam ouvir-me, sabem que nunca me impuz como sabichão, e nem hoje boto programma nem faço estendal dos meus serviços, proclamando-me o primeiro ensaiador d'estes reinos... mestre dos mestres... e que tive curvados deante de mim todos os actores portuguezes; creio que já houve quem o fizesse, não sei mesmo se de si para si tem suas duvidas de ter andado por este mundo n'outras eras, e de ter ensinado a sahida do Paraiso ao nosso Pae Adão... o primeiro actor do mundo!...

Em 1865, 67, 68 e 76, voltei de novo a visitar os theatros de Madrid, França e Londres.

A Hespanha tem um verdadeiro culto pelo seu theatro, adora os seus auctores antigos e não admitte que os modernos d'outros paizes sejam melhores que os seus. A zarzuella é um genero que só elles sabem cultivar e não tem rival. Lope de La Vega, Calderon, e outros têm sempre um publico favorito, e é escutado o classico reportorio n'um extasi de respeito e veneração. Enthusiasmaram-me em Madrid tres notaveis artistas; dois já na decadencia, mas ainda mostravam bem o que tinham sido: era Julian Roméa e Mathilde Diaz. Quando os vi estavam velhos, obesos; era o seu genero a alta comedia. Que maneira de dizer tão natural... que certeza de gesto, que distincção... como estavam bem em scena... Felizes d'aquelles que os poderam admirar no auge da sua gloria.

Recommendo aos actores a leitura das biographias d'esses dois grandes artistas; a obra intitula-se *Retratos dos actores notaveis da Hespanha*.

O outro actor de que me resta fallar é Vico, um tragico, uma alma de fogo; a phrase sahe-lhe sempre quente, talvez um pouco exagerado... mas o theatro hespanhol, os seus dramas e tragedias precisam de ser representados com o sangue a ferver. Os hespanhoes estimam-no muito e n'esse ponto, como os francezes e mesmo os inglezes, todo o estrangeiro que vem representar ao seu paiz é sempre muito bem recebido e applaudido, mas no final de cada acto os amigos dizem uns para os outros com certo orgulho:

— É magnifico... mas nós temos egual.

Foi em Madrid que, pela primeira vez, vi o tragico Rossi. Confesso que nunca na minha vida tinha visto representar assim! Estava estonteado... surprehendido... Dando largas á minha expansão com alguns hespanhoes com quem conversava, um d'elles respondeu-me:

— Oh! sim... é admiravel! mas venha na terça-feira ver o Vico...

Fui... gostei... mas...

Na França já não pude avaliar Frèderic Lemaitre, que estava sem dentes... nem a Déjazet, mas deixaram-me saudosas recordações os actores da Comedia Franceza, e entre elles o Bressant, Delaunay, Got, Provost, Sarah Bernhardt, Coquelin, e as duas Broan. Mais tarde encontrei n'esse theatro um actor que de certo irá longe, se quizer emendar-se e ouvir os conselhos que a imprensa já lhe tem dado: é Mounet-Sully, um talento... mas um doido.

D'estes artistas de que acima fallei e de como se representa na casa de Molière é escusado dar a minha opinião; quasi todos os nossos actores têm hoje visitado a França e sabem como ahi se representa, e se o sacrificio que se possa fazer para ir lá não será bem compensado pelo que se traz de proveitoso e util para o engrandecimento da arte.

O theatro em Londres pareceu-me um pouco atrazado, ainda assim n'estes ultimos annos lembro-me d'algumas notabilidades muito para admirar e estudar. Vou fallar primeiro de tres americanos e um irlandez que de tempos a tempos vão a Inglaterra fazer-se applaudir exhibindo o seu reportorio: Edwin Booth, Mac-Culloch, Lawrence Beunet; este ultimo endoudeceu o anno passado em Londres; o primeiro é quem tem o privilegio de ter creado o papel na celebre peça o *Cardeal de Richelieu;* é um primor este desempenho... desde a primeira á ultima scena não ha o mais pequeno gesto que não tenha sido estudado com um cuidado e saber dignos do maior elogio; está explicado o grande exito que a peça alcançou e a razão porque o theatro se enche todas as noutes. Lawrence Beunet tambem representa este papel, mas não com tanta perfeição. O irlandez Barry Sullivan não representa hoje, porque está de *rabuge.*

Actualmente o primeiro tragico inglez é Henry Loving; Wilson Barreth é tambem um outro tragico; está agora representando o *Hamelet* e o *Ernani*, e ha ainda um outro, Vezin, notavel no *Othello*.

Estes tres ultimos, quando o Rossi e Salvini estiveram em Londres, bateram-se valorosamente com elles nas tragedias de Shakespeare: houve suas arranhaduras de parte a parte... ficaram todos feridos...

Falta-lhes hoje aos inglezes um actor que muito estimavam, Fescther, o primeiro que creou em Paris o papel de Armand Duval na *Dama das Camelias, O Filho da Noute*. Este actor, meio inglez e meio francez, ia a Londres nas ferias representar em inglez o seu reportorio; era um artista muito distincto.

É preciso que se saiba uma cousa — tanto nos theatros de Paris como nos de Londres contribue n'uma grande parte para o exito das peças o *ensemble*, a afinação, a *mise-en-scène*... finalmente a boa direcção. Está visto e provado que sem um bom e intelligente director de scena, a quem todos obedeçam, reconhecendo-lhe a authoridade... nada se faz... as grandes batalhas para se ganharem precisam de bons generaes.

Nós tambem por cá tivemos quem entendesse da materia, e bem a fundo, o mestre dos mestres: Epiphanio Aniceto Gonçalves. Não vá esquecendo o busto que se lhe prometteu ao lado de Garrett; já é tempo de lhe pagar o muito que lhe devemos. Depois d'elle ficou o pae Rosa que, á parte algumas caturrices, prestou grandes serviços á arte, sabia do seu officio, e quando se lhe pedia um conselho não se perdia o tempo. Este grande actor tinha distracções impagaveis, e contava historias que faziam rebentar de riso. Teve sempre a mania de que todo o collega que fosse para a scena levasse o seu sello artistico; por exemplo: estavamos no camarim ao cavaco, de repente sentiamos na face o contacto da cabeça d'um dos dedos da sua mão, corriamos ao espelho, e viamos nas faces mais duas dedadas de carmim sobre a caracterisação já feita. Furiosos com elle, diziamos:

— Que fez vossê?...

— O que tu não sabias; representas n'esta peça um galan; essas duas dedadas ao canto dos olhos fazem-te mais novo dez annos...

As mulheres ás vezes desesperavam-se... mas depois agradeciam-lhe. Via-se quasi sempre ás portas dos camarins das actrizes, contando-lhes anecdotas do seu reportorio, e ellas, encostadas aos umbraes, á espera da deixa, riam, achando-lhe muita graça... de repente zás—como um gato deitava-lhes as unhas á cabeça, tirava-lhes dois ganchos e transformava-lhes o penteado...

— Vossê endoudeceu... escangalhou-me o cabello...

— Olha para o espelho, rapariga, então hein!... agora, sim... agora é que tens a formosa cabeça da altiva Antonietta.

Rodava sobre os calcanhares, voltando-lhe as costas, e de bengala ao hombro ia por alli fóra resmungando:

— Não entendem nada...

Ellas corriam atraz d'elle abraçando-o... beijando-o... e rindo... Rosa sabia o que valia. Nunca conheci actor que melhor vestisse á epocha e que melhor se caracterisasse. Não posso resistir a contar um episodio que se passou commigo. Eu teria então dezeseis para dezesete annos, fazia umas traducções mascavadas onde elle quasi sempre tinha o papel principal; entre ellas recordo-me da *Herança de um tio russo, Se Deus quizer* e *Fidalgo pobre*. Elle, que nada o contentava, queria tudo a seu modo e facil para dizer; chamava-me para os cantos e obrigava-me a emendar, substituir, e trocar as fallas dos papeis como entendia e lhe parecia; eu exasperava-me, mas fazia-lhe todas as vontades; depois, para me adoçar a bocca, dizia-me:

— Agora vae lá para fóra para o fundo da geral, tu és o meu povinho, vê que effeito produz este acto; depois vem-me dizer se vou bem e se gostaste...

Fazia de mim a sua Lafouret! Sempre artista! Depois que morreu tem-se fallado muito das suas creações. No meu entender ha cinco papeis que teem a *griffe* do leão... «o imperador Vespasiano Augusto», «o Morel» dos Mysterios de Paris, «o Primo e o Relicario», o

«Rei e Duque», «o grotesco morgado de Fafe» e um *bût* de *rôle* que, a meu ver, vale mais que todo o Ségliere: é «o marquez de Marialva» dos *Amores de Bocage*. Não ha typo mais perfeito nem creação mais completa! Que magestosa e soberba entrada, rodeado dos seus picadores, no terceiro acto! Alli não faltava nada... desde a cabelleira até á espora!... Com que elegancia de fidalgo endireitava com os dedos as rendas da sua camisa de bofes!... como no arqueado das pernas nos dava a perceber que estava alli o calção de ferro que domava a fogosa raça d'Alter! Como brincava com a varinha de marmeleiro e nos fazia recordar o poder e valentia d'aquella mão de rédea!... Ninguem em duas palavras é capaz de fazer mais.

A morted erribou este carvalho gigante, mas feilzmente não levou as raizes que hão de continuar (espero) as suas gloriosas tradições.

Ainda tivemos ultimamente um bom director, o dr. Luiz da Costa Pereira, um erudito. Não representava, foi sempre ensaiador; os auctores e actores do seu tempo devem-lhe muito; serão ingratos, mal agradecidos e invejosos os que o não confessarem.

Houve um homem que, em theorias, talvez fosse superior a todos: Duarte de Sá; mas o muito que sabia foi quem o perdeu; podia ter deixado de si um nome glorioso entre os artistas e ter concorrido para o engrandecimento da arte, mas não soube ser modesto nem esperto; na sua bocca nunca houve um artista completo, a todos tinha que censurar... elles sabiam-no... Ainda assim, apezar de tudo, deixou discipulos que muito honram a sua memoria; mas os actores já feitos, quando um dia os chamou a si, voltaram-lhe as costas; quando quiz apostolos para a propagação das suas theorias, esqueceu-se que tinha primeiro de lhes lisongear a vaidade, não se lembrou que para lhe acceitarem a sua arte de representar tinha, primeiro que tudo, de representar com os actores.

Como saltei de Londres para Lisboa, hein? — não admira... tinha pressa de estar entre os meus... e já que tanto fallei dos actores que vi no estrangeiro, direi sinceramente que,

se os admirei, se aprendi com elles, se vi grandes notabilidades, não posso deixar de confessar que por cá tivemos tambem alguma cousa de bom e digno de menção honrosa.... Emilia das Neves, Barbara, Manuela Rey, Delphina, Soller, Roza, Epiphanio. Se um dia lhes não derem o logar que lhes pertence no theatro normal, não se admirem que algum commissario da Comedia Franceza, que conheça a historia do Theatro Portuguez, ncs leve os seus retratos ou bustos para o seu *foyer*, o que não é nada impossivel, pois já lá temos um que talvez muitos dos nossos actores nunca lhe ouvissem o nome... é a Florinda.

* * * * * * * * * * *
* * * * * * * * * * * *

Tratemos agora do periodo fastoso da minha vida de empresario. Curtos momentos de felicidade, crueis dissabores e amargos de bocca. Mais uma vez reconhecido e grato, abro os meus braços a Pinto Bastos, tornando bem patente a grandeza d'aquella bôa alma. Todos o conhecem; só apparece hoje uma vez no anno aos seus amigos d'outro tempo, e na maneira como é recebido está a prova do que foi o seu passado. Os amigos, auctores e actores, que n'outras epochas lhe deveram uma fineza, vêm n'essas noites recordar-lhe que são ainda os mesmos seus dedicados, e que o não esqueceram.

Até nos separarmos nunca deixou de ter para mim as mesmas attenções e estima do primeiro dia; não tive uma exigencia para a scena que não fosse logo satisfeita, um capricho a que se recusasse; depositava em mim a mais completa confiança, não se mettia no que não entendia, nem aconselhava disparates. Tinha o bom criterio de só se occupar da parte financeira; soubemos ser um para o outro bem educados, e conhecermos o nosso logar. Foi durante a nossa empreza que veio a Lisbôa o tragico Rossi. Pinto Bastos teve a coragem de metter commigo hombros á tentativa; e se o publico não concorresse, teria sido uma perda fatal.

Eu estava em Madrid; já n'outro logar confessei a grande impressão que me tinha cau-

sado aquelle actor, mas o que me resta dizer é que a primeira peça em que o vi foi no *Othello*. Senti tal enthusiasmo que, sem procurar ser-lhe apresentado, entrei no camarim como doido e atirei-me aos seus braços. Elle perguntou-me: «Quem é o sr.?...» disse-lhe o menos que podia dizer de mim, mas o nosso ministro n'essa côrte, que se achava presente, teve a extrema delicadeza de fazer a minha apresentação. Depois de algumas trocas de comprimentos, convidei-o para vir a Lisboa dar um numero de recitas; respondeu-me que já uma vez o governo lh'o tinha proposto, mas que achara caro; disse-lhe: Quer vir ao meu theatro? Quanto quer por tantas recitas? —Tanto. — Está feito o contracto, respondi-lhe eu... Mas o peor é que me não conhece... e se eu faltar?...— Dê-me a sua mão... tornou elle, está assignado o contracto.

No dia seguinte escrevia ao meu socio Pinto Bastos: «Não sei o que fiz, creio que foi uma doidice, mas está feita. Contractei o tragico Rossi, custa muito caro.» Elle respondeu-me immediatamente pelo telegrapho: «Fizeste muito bem; somos solidarios dos nossos actos, ambos o contractámos, não foste só tu».

Veio a Lisbôa o eminente tragico, deu as suas recitas, cumpriu-se o contracto, todos ganharam, não foi preciso especular com o publico nem abrir banca de contractador.

Outra arriscada tentativa foi levarmos á scena a opera comica a *Grã-duqueza de Gerolstein*. Cheguei de Paris e disse a Pinto Bastos: mandei traduzir esta peça, não temos nem actores, nem cantores; precisamos de scenario novo e o guarda-roupa custa muito dinheiro, mas eu quero luctar; o que me dizes tu?... Elle respondeu-me: — É começar amanhã os ensaios.

Foi a *Grã-duqueza* á scena, e os artistas houveram-se briosamente no desempenho dos seus papeis. Fallar n'esta peça sem citar o nome do Faria é ser um ingrato para com o fallecido actor. Quem ha ahi que se não lembre do primoroso desempenho do general Boum?... Infeliz amigo!... meu primeiro companheiro de camarim!... Que o publico e os seus amigos, ao lerem estas linhas despretenciosas, ve-

jam que te faço a merecida justiça, que de direito te pertence.

Este actor tinha muitos pontos de contacto com o seu collega francez que fez o mesmo papel. Eram dois tristes, dois misanthropos, dois bisonhos; pouca gente os viu completamente alegres durante toda a sua vida, e ambos eram dois comicos que fizeram rir no decurso de meio seculo a actual geração.

Faziam lembrar aquelle legendario clown, sempre triste e pensativo, a quem um dia perguntaram:

— Porque se não distrae? que tristeza é essa?... Nunca o vêmos rir....

— Não posso, respondeu elle, tudo me aborrece....

— Vá esta noite ao Circo ver o celebre clown que faz rir todo o mundo.

— Lá irei sim... ao Circo.... como todas as noites.... porque esse clown de quem falla... sou eu.

O actor francez a quem me refiro tinha tanta graça que muitas vezes fazia perder de riso em scena os proprios collegas. Baron, seu amigo intimo, que o esperava á porta do theatro das Variedades no dia do seu enterro para se encorporar no prestito, disse rindo e chorando para a Schneider, que tambem estava presente:

— Aquelle morto que alli vem ainda me faz rir....

Pobre Couderc! tanto horror tinhas á alegria que até quizeste acabar tragicamente mettendo uma bala na cabeça!... Mas não conseguiste sensibilisar-nos.... havemos sempre lembrar-nos de ti... e rir!...

Finalisei a empreza com o meu socio Pinto Bastos e ainda hoje somos os mesmos amigos.

* * * * * * * * * * *
* * * * * * * * * * * *

Seguiu-se a minha empreza no theatro de D. Maria. Nem tudo foram rosas; tenho a consciencia que trabalhei o mais que pude; nem sabia mais. Ao fim de seis annos uma commissão de litteratos, nomeada pelo governo, deu o theatro a outra empreza. Hoje é administrado por uma sociedade de actores, que têem feito

quanto possivel para elevar a arte, mas os seus erros têem sido os mesmos dos anteriores emprezarios, e se não se vêem tanto a descoberto, é porque os envolve um véu que pelo seu brilho cega a vista e fascina. Não desculpa não dar originaes, montar peças extrangeiras com scenarios deslumbrantes. Não é fazer theatro-escola, theatro-normal, copiar typos extrangeiros, que a maior parte do publico não conhece nem nunca viu. Portanto, o final d'esta empreza fatalmente será o de todas, irá pondo de parte cada vez mais os originaes; d'ahi resultará o descontentamento dos auctores, e a critica da imprensa. Não os censuro por nos darem um pertence de scena verdadeiro em vez de um de pechisbeque; nem que o velludo e o setim não sejam uma imitação; eu tambem gostava de poder fazer o mesmo; e alguma vez por outra que tentava chegar á verdadeira realidade, isto é, levar á scena uma peça sem que nada lhe faltasse, o publico na seguinte exigia mais, na outra mais ainda, e quando por fim não podia, e lhe dave cretone por damasco, como estava com a bocca dôce, já não lhe agradava e censurava.

Ora taes magnificencias custam muito dinheiro, o rendimento das recitas não é sufficiente para fazer face a estas pompas, e não ha empreza que resista; portanto, um conselho: retirar emquanto é tempo. Essa pleiade de bons artistas que já mostrou ao governo que por cá tambem se sabe representar, veja se consegue alcançar um bom subsidio, não o da Comedia-Franceza... mas emfim, alguma cousa que sirva para d'uma vez por todas fazer d'alli um theatro-escola, um futuro para alumnos de declamação; dar exclusivamente originaes portuguezes, nem uma só traducção; dar uma recita por semana por meios preços para estar ao alcance de todas as bolsas; alternar com os originaes novos, as peças de Garrett, Gil Vicente, Camões, Feijó, Antonio José, Pinheiro Chagas, Antonio Ennes; fazer reviver o theatro antigo de Mendes Leal, Cascaes, Gomes de Amorim e outros; finalmente, seguir o systema estabelecido pela Comedia-Franceza. E' tentar obter o subsidio, como lhes disse, e talvez o consigam; não pódem queixar-se de não serem attendidos; tudo que teem desejado têem alcan-

çado; eu é que nunca fui tão feliz; se quiz a canalisação do gaz arranjada para que não houvesse alguma fatalidade, tive de a fazer á minha custa.

Lembra-se toda a gente do estado miseravel e nojento em que estava a sala do theatro... mas é preciso tambem que se saiba que requeri milhares de vezes para que se attendesse a uma necessidade tão urgente. Pedi primeiro para reformar as cadeiras da plateia, depois requeri pintura do theatro.... corredores e forrar os camarotes.... Nunca recebi resposta favoravel, sempre evasivas.... sempre faltas de dinheiro.... nunca recebi nada.... ah! perdão já me esquecia, mandaram-me uma carrada de cordas para segurar os pannos... e esta mesma generosidade foi devida talvez ao receio de que um dia os culpassem de terem sido a causa de ficarmos alli todos sepultados debaixo d'aquelles ceus velhos. Seis annos depois gastavam-se contos de réis não só para embellezamento da sala, mas do palco, camarins, e até para uma luxuosa e notavel canalisação que serviu, segundo me consta... pela primeira vez para effeitos de luz de um drama de *boulevard*.

Meus amigos, visto tudo terem alcançado dos poderes publicos, como já disse, e todos sabem, façam mais a derradeira tentativa para que o governo lhes pague as despezas que têem feito com scenario, vestuario, etc... administrando-o elle por sua conta com um commissario intelligente á frente, ou então que lhes dê o subsidio; assim é que não póde continuar por muito tempo, acreditem. O publico não concorre como devia, e quer theatro barato. Para estar em harmonia com as deslumbrantes mise-en-scènes, os artistas têem por força de exigir ordenados fabulosos; os homens poderão ainda com algum sacrificio satisfazer ás exigencias a que habituaram o publico, mas as actrizes é impossivel. Hoje não é só questão de *toilettes*, é tambem a lucta com os brilhantes. Ouvi ler não sei em que jornal estrangeiro que os emprezarios iam protestar contra as pedras preciosas: e na verdade este luxo exagerado das actrizes, as ricas *toilettes*, sem rasão de ser, estão pedindo séria attenção; trazem ás

vezes ridiculos que muito prejudicam as peças, esses duellos de trapos; o quererem ficar vencedoras tem já occasionado resultados bastante comicos; por exemplo: uma actriz que entra em scena saindo do seu quarto e diz: «Dormi tão mal... levantei-me tão cedo...» e vem constellada de brilhantes... Passeiar n'um jardim, n'um dia chuvoso, de sapatos de setim e *queues* de dois metros... representar uma scena de miseria no lar domestico de um empregado publico, e a mulher com dois solitarios nas orelhas!

Vi n'um theatro de Paris uma actriz que fazia o papel de criada, com os dedos todos cobertos de brilhantes..... emquanto outra que fazia de duqueza trazia apenas um modesto annel. Zolá, no prologo do seu drama *L'Assommoir*, dá o correctivo a esses exageros e diz a verdade, que não agradará a todos, mas é a verdade. As actrizes que prezem a arte e quizerem ser verdadeiras na composição dos seus papeis, leiam esse magnifico prologo. Paul de Saint-Victor, Sarcey e Alexandre Dumas, filho, começaram a tratar do assumpto; Saint-Victor é morto, mas Sarcey e Dumas estou certo que não hão de abandonar a discussão e que d'esses dois fortes conhecedores do theatro, dos seus prós e contras, se ha de chegar ao fim desejado.

Voltando á questão das luxuosas mise-en-scènes e de não querer dar o falso pelo verdadeiro, direi que ninguem procurou ser mais realista do que eu, mas muitas vezes era obrigado a retroceder e a transigir, porque o theatro tem uma optica convencional, e o realismo as suas barreiras.

É tentador, bem sei, e muito preferivel para nós que estamos lá dentro ter a moldura do quadro d'ouro puro. Depois está claro que todos os auctores sem excepção devem ser exigentes, porque uns não hão de ser filhos e outros enteados... *noblesse oblige*... não se ha de levar á scena uma traducção com grande apparato e em seguida ter de pôr um original e não lhe prestar as mesmas honras, fugindo-lhe com o scenario, e pedindo ao seu auctor que lhe diminua os direitos. Quem matou a antiga

sociedade d'actores e os trouxe sempre em continuos embaraços, foram as enormes despezas com as peças de espectaculo: *Alcaide de Faro*, *Templo de Salomão*, *Mysterios de Paris*, uma ou duas magicas, a *Prophecia*, e mais algumas de que me não recordo. Deram muito dinheiro, é verdade, rios de dinheiro, mas ficou tudo absorvido pelas grandes despezas. O velho Theodorico, que era então thesoureiro, se vivesse o poderia attestar.

Fallando d'este collega não posso deixar de dizer que era homem honrado, que foi um bom actor, mas um excentrico, intransigente para com a arte moderna; actor que enchia a scena, como diziam os antigos, d'uma construcção herculea, peito amplo.... excellente pulmão. Na sua galeria artistica do meu tempo ficaram-lhe alguns papeis perfeitamente marcados. Entre outros são notaveis as creações: do *Alcaide de Faro*, *Martim de Freitas*, *Egas Moniz*. Fiel sempre á sua bandeira, queimou até ao fim o ultimo cartuxo em defeza da sua arte antiga. Ha d'elle um acto extremamente louvavel e santo. Epiphanio, seu collega, que teve a coragem, para não transtornar o espectaculo, de representar no proprio dia em que falleceu uma sua irmã a quem muito estimava, succumbiu quasi instantaneamente á noticia de que seu filho era atacado de febre amarella. Quasi nos ultimos momentos queria fallar, mas a voz apagava-se-lhe na garganta, e não se ouvia. Theodorico, desprezando o contagio d'aquella doença fatal, deitou-se junto d'elle, no leito, e collando o ouvido á bocca do moribundo, perguntou-lhe: — Que queres tu?! Epiphanio respondeu-lhe: — Recommendo-te o meu filho.

Desde esse momento, aquelle homem, hora por hora, dia por dia.... mezes... creio que dois annos até, não largou os ministros para que o filho do primeiro actor portuguez fosse empregado, e conseguiu; o duque d'Avila teve de vencer grandes difficuldades, mas obteve o que se pretendia.

Conheceu-me, pode dizer-se, da saida do collegio. Eu gostava muito de o imitar, andava elle alli pelos bastidores e quando o ensaio pará-va, chamava-me, faziam roda os outros actores e dizia-me: Imita-me lá. — Eu então nos bicos

dos pés e com voz de trovão satisfazia-lhe o pedido; todos riam e achavam muita graça... Imitava-o tão bem que até cá por fóra o publico o sabia.

Pelo carnaval intercalou-se uma scena nova na peça: *O estrangeirado*, e fui á scena imital-o no seu conhecido monologo do *Alcaide de Faro*. Feliz tempo!.... Quem nos diria a ambos que, passados annos, eu seria considerado um actor e junctamente com o Tasso companheiros de camarim!

Foi sempre um excentrico..... Não posso resistir a contar um comico episodio. Assim como a arte moderna trouxe o realismo, outra maneira de estar em scena, de fallar, de gesticular, trouxe tambem o aperfeiçoamento no vestuario e caracterisação.

Antigamente não se conhecia o *pó de Rachel*...... a *pomada Imperatriz* para dar a brancura á pelle e o verdadeiro effeito que se pretendia para a scena; usava-se então d'um grande pedregulho, conhecido pelo nome de *gesso-matte*, que seria muito economico, mas sujava a cara e não dava o effeito desejado; tambem não se conhecia a *pomada à front*, para unir a cabelleira á testa, nem o *rouge fino*, e outros preparos que hoje estão tanto em voga.

— Pois senhores:

Theodorico levou annos para fazer uma pequena concessão á arte moderna; foi preciso conduzil-o como uma creança. Que prazer que sentia quando nós outros nos estavamos caracterisando á moderna, e elle saccava do gavetão a preciosa pedra, começando magestosamente a caiar a cara! percebia-se que estava dizendo lá comsigo: pois sim, vão vossês com esses *francezismos*, que eu hei de ficar sempre de melhor partido e mais bonito.

Todas as vezes que o apanhavamos ausente iamos ao monolitho, e roubavamos-lhe um bocado; n'outras occasiões escondia-se-lhe, pondo-se-lhe sempre a caixa do *pó de Rachel*, alli á mão, como por acaso, a vêr se o tentavamos; até que uma noite fez como os rapazes, fechou se por dentro no camarim, tapou as fechaduras, calafetou as janellas, e atirou-se ao pomo prohibido, mordeu a maçã... gostou... Tinhamos homem. Que ratão!...

Não quiz nunca tirar o retrato, não cedeu ao pedido do seu melhor amigo.

Porque não tira vossê o retrato?

Porque não quero ir um dia emmoldurado para a feira da Ladra, e que me cuspam em cima quando me queiram limpar da poeira.

Bordallo Pinheiro, sem o consultar, fez-lhe a caricatura.

Não gostou... embezerrou-se... que ratão!

* * * * * * * * * * * *

* * * * * * * * * * * * *

Ha hoje no theatro de D. Maria dois actores que pela minha experiencia me parece que andam erradamente: são Antonio Pedro e Brazão.

Sei que lhes posso dizer o que sinto, porque têem talento e no seu intimo hão de conhecer que não é para os censurar mas sim para agradecer o que lhes vou dizer. É realmente curioso o que se está dando com estes dois artistas; caminham em sentido diametralmente opposto, um procura subir tanto que não alcança ganhar o que poderia conseguir com muito menos trabalho, o outro procura descer rapidamente, podendo subir bastante.

Antonio Pedro, parece que não quer trabalhar; quem no seu reportorio conta creações esplendidas não deve apresentar-se em publico em scenas comicas sem importancia, nem acceitar papeis que não sejam dignos de si.

O publico assim como eleva o idolo tambem o despedaça; n'uma noite pode-se perder o que em annos tanto custou a ganhar. N'esta arte não se deve retrogradar, é ir para a frente até haver forças, ou retirar a tempo.

Tenho ultimamente ouvido dizer que a Antonio Pedro lhe falta o seu publico, que não é aquelle o seu theatro; não concordo, ainda que sei de dois actores francezes, dois grandes artistas, cada um no seu genero, que confessam elles mesmos não saber representar senão deante do publico do seu theatro, que só ali estão bem; são os actores Dupuis, das Variedades, e Saint-Germain, o *enfant-gâté* das plateias do Gymnasio.

Dupuis diz que n'outro palco é capaz de fa-

zer chorar os mesmos que com elle estão habituados a rir.

Saint'Germain diz que precisa do conchego do seu theatro do Gymnasio, e estar bem em contacto com os *habitués* para não ser obrigado a forçar a voz; mas estes dois artistas nunca fizeram o *Saltimbanco*, nem os *Solteirões*, nem o *Paralytico*, e Antonio Pedro não precisou de theatro nem de publico especial para ser applaudido e acclamado.

Repito: quem firmou com o seu nome creações d'esta ordem, de que todos ainda se recordam, não se deve eximir a estudar outros papeis; póde ainda juntar ao seu reportorio o *Avarento* de Moliére, o *Shylock* de Shakespeare, o *Triboulet*, do *Roi s'amuse*, o *Froilão Diaz* do *Alfageme*; e depois me dirá se sou amigo e se o conselho foi mau.

O grande tragico Salvini mandou-me pedir um dia para representar deante d'elle *A vida d'um rapaz pobre*; n'um dos intervallos foi comprimentar-me ao camarim, dirigiu-me algumas amabilidades e convidou-me para d'ahi a dois dias ir ver a mesma peça representada por elle.

Entre outras coisas disse-me: — Saiba que é este o genero de que mais gosto. Fiquei um pouco admirado e perguntei: — Mas a tragedia?...—Gosto sim... gosto muito, mas gostava mais... em fim vá ver a peça feita por mim, depois fallaremos.

D'ahi a dois dias estava eu sentado na plateia de S. Carlos a vêr o *Rapaz Pobre* pelo Salvini; n'um dos intervallos fui pagar-lhe a visita.

— Então viu, meu amigo? disse elle, já percebeu? devia ter conhecido se gosto ou não d'este papel, assim como tambem gosto do Marquez de Villemer e outros d'esse genero; mas viu que não posso... (eu sorri-me) sim meu amigo, não tenho nem figura... nem voz.

O maganão tinha tudo a mais!... Era esmagado pelo proprio talento e pelos excellentes dotes com que a natureza o dotara.

Lembro-me que n'essa noite se deu commigo um facto bem notavel: eu tinha bastante amor áquelle papel, estudei-o com o cuidado que os meus recursos permittiam. Salvini n'essa peça quando não podia chegar ao que dese-

java, porque a figura e a voz o atraiçoavam, suppria com o gesto.

Eu daria todo o meu papel por uma unica scena que elle fazia no quinto quadro; a maneira de olhar para o testamento do seu avô no momento em que o atirava ao fogo era extraordinaria!

Digo francamente que n'aquella scena tinha seguido uma interpretação errada, e que não conheci o partido que se podia tirar d'esta admiravel situação; cheguei a julgar que estava vendo um quadro novo, e uma scena que não existia no drama.

É ali que o actor deve bem patentear a grande alma do marquez de Champcey; sem dizer uma palavra, só apenas com o olhar e o gesto, fazia-nos comprehender que preferia que o coração lhe estalasse, fibra a fibra, a deshonrar aquella familia!.... Que transições!.... Como n'um relance nos mostrava que ao deixar o fatal palacio sacrificava a sua fortuna para ficar bem com a consciencia e limpos os seus pergaminhos! N'um momento não se póde ser mais finamente fidalgo, mais orgulhoso e mais digno. Que magestosa scena! Grande mestre! Quem tiver de fazer este papel e quizer aproveitar-se do que deixo escripto, pense no caso, que vale a pena.

Ramalho Ortigão e Pinheiro Chagas por varias vezes me disseram:

— Porque não faz vossê o Othello?

— Ah! meus amigos, se eu pudesse... se tivesse forças... mas o monstro póde esmagar-me; ainda tentei por dóses homœopathicas vêr se conseguia domesticar a fera.

Fiz-lhe um cerco com o Antony e o Frei Luiz de Sousa; mas a arca do peito ainda não tinha poder sufficiente e os pulmões e a larynge podiam atraiçoar-me.... portanto, recuei.... resignei-me... fugi... não me envergonho de o confessar. O actor que se quizer medir com similhante adversario precisa de contar bem com os seus recursos. Triste do que, tendo de fazer um papel de tal ordem, vá na esperança de que os mais lhe digam: fez o que poude. Alli não ha meio termo: ou vencer ou morrer. Aquelle carneiro preto, como lhe chama o proprio Shakespeare, aquelle doente que precisa de ser es-

tudado pathologicamente, como aconselha o Francisco Hugo, não é para a nossa educação theatral, nem para a nossa organisação. Brazão não tem peito, nem gesto, nem olhares, nem garganta, nem pulmões para fazer o Othello, nem o Hernani, nem o Ruy Blas. Devia fazer admiravelmente o Carlos V e o D. Cesar de Bazan. Pode desenganar-se e talvez seja um bem para a sua saude. Elle bem o sabe, e o publico já lhe disse que nunca poderá fazer tragedia. Será sempre um primeiro actor d'alta comedia, um *gentleman*, um duque, um diplomata, d'uma apresentação distincta e digna; se quizer será o nosso Delaunay. Faça o *Duque de Aleria*, *Por causa d'uma carta*, o *Misanthropo* de Molière, *O copo d'agua*, de Escrib, *O duque Job* e todo o reportorio de Alfredo de Musset, até que os auctores portuguezes lhe escrevam peças originaes em que possa brilhar o seu talento. Olhe o meu amigo que vale mais ás vezes andar cá por baixo á caça dos rouxinoes, do que trepar aos pincaros das montanhas com a ambição de conquistar a rainha do ar... ás aguias não se deita facilmente a mão... Repare bem o meu collega Brazão que não disse não ter estudado os papeis que citei com amor, nem mesmo que os não tivesse comprehendido; disse apenas que não é aquelle o seu genero e que não tem folego para tanto. O sr. Olivier de Jalin, do *Demi-monde*, o duque de Richelieu da *Mademoiselle de Belle-Isle*, e o Alma Viva, do *Barbeiro de Sevilha*, valem tanto como o *Ernani* e o *Ruy-Blas;* estude-os, e com os seus recursos verá o resultado que tira. Eu bem sei que os outros seduzem mais, mas é necessario que um actor tenha a coragem de não se illudir e de resistir a tentações.

Um artista que representa diante d'um publico que paga, não póde ter os caprichos d'um amador de theatro particular. Dir-me-ha que o Delaunay tambem fez o *Ernani*, sendo um galan d'alta comedia; é verdade que fez, e eu vi-o, foi em 67, no tempo da Grande Exposição Universal; mas concorreu para isso, não a sua vontade, como explicou a Paul de Saint-Victor n'uma carta. Napoleão III tinha levantado a excommunhão a Victor Hugo, e o seu go-

verno consentiu e ordenou que o theatro francez, d'onde o *Ernani* estava banido ha muitos annos, voltasse á scena com todo o esplendor, e que os primeiros actores da *Comédie* apresentassem aos visitantes que se achavam então na grande capital os sublimes versos do Homero do occidente.

Não havia n'esse tempo na Comedia Franceza quem pudesse fazer o papel senão Delaunay.

No quinto acto já ninguem entendia palavra; se elle estava fóra do seu genero... senão podia... mas confessou-o, declarou-o pela imprensa. Estas coisas nunca ficam mal confessal-as.

Rossi disse-me uma vez: «Não tenho medo do Salvini senão no ultimo acto do *Othello*. A peça que eu mais desejava representar é o *Ricardo III*, mas não me atrevo, vejo sempre diante de mim o meu mestre».

Salvini representava esplendidamente o *Milton*, mas quando era comprimentado pelo seu brilhante desempenho, não deixava nunca de confessar: «Sim... será assim... mas é preciso vêr Majerone».

Depois, quando se dá tragedia n'uma dicção falsa, a garganta resente-se, os orgãos vocaes desafinam, e quando se volta á comedia as notos saem asperas, estranguladas e rouquenhas.

Representar seis noutes consecutivas uma tragedia e no dia seguinte uma alta comedia, para isso são precisos dotes excepcionaes e uma voz privilegiada.

Ficar morta de cansaço, fatigada da larynge, depois de representar *D. Sol, Phedra, Adrianna Lecouvreur*, sem intervallo de dias para descansar, e representar em seguida a *Celimène*, a *Belle-isle*, e a *M.lle de la Seiglière*, hoje, para esses milagres, só a voz d'ouro de Sarah Bernhardt. Portanto, meu collega, aproveite d'estas mal alinhavadas linhas o que lhe parecer, e olhe que fui amigo, não o comparei a nenhum bocado de lona velha, para mim é o sr. Delaunay portuguez.

Lá vae agora um bocadinho para rir, e que não posso resistir a contar. N'esse mesmo anno da Exposição levei d'aqui uma carta do photographo Solas, recommendando me a um seu amigo, um pintor de historia. Estando com

elle á porta do Café Madrid, no boulevard dos Italianos, perguntou-me:

—Onde vae esta noute?

—Vou vêr o *Hernani*, respondi eu, e o senhor hade acompanhar-me.

O homem empallideceu, recuou e disse:

—Se é meu amigo, não me falle do *Hernani*...

—Porquê, não gosta da peça? um francez!...

—Não é isso, tornou elle, é que esse maldito *Hernani* fez-me perder um dos meus melhores amigos, estou mal com Delaunay. Eu lhe conto.

Deu-me o braço e descemos o boulevard. Sabe toda a gente o rigor e a exactidão com que é posta uma peça no Theatro Francez.

Os societarios da *comedie* para que nada faltasse á obra do mestre, mandaram os seus pintores a Aix-la-Chapelle copiar a scena do Caveaux, onde está o tumulo do Imperador Carlos Magno, e a Madrid os seus *costumiers* estudar nos quadros de Velasques a epoca de Carlos V.

—Pois saiba o meu amigo que estou mal com Delaunay por causa do *Hernani*, e que detesto o Hernani por causa das botas do Delaunay.

—Que botas?... disse eu, sendo d'esta vez quem recuava.

—Nós somos visinhos. Oito dias antes da peça subir á scena, o maldito não me deixou dormir uma só manhã! Que bulha... que inferno... andava no quarto como um doido d'um lado para o outro... Eu batia para cima... gritava... fui ter com elle... pedi lhe por quanto havia que me deixasse dormir. Não posso, dizia Delaunay; pois tu que és um pintor de historia, um artista! não vês que estas botas são da epoca, mas tem este feitio, e que se um actor não se habituar a ellas póde cair em scena! Que ridiculo... estava tudo acabado e adeus peça!

—O homem, mas eu nunca vi um feitio mais feio... isso não são botas... faz-te um pé elephantino... Transije!

—Quê! um societario da Comedia franceza!... Hei de leval-as e habituar-me com ellas.

—A minha cabeça que o pague...

—Pois muda-te... põe escriptos... disse-me

elle.—Virei-lhe as costas e bati-lhe com a porta na cara.

Veja o meu amigo se poderei ouvir fallar d'essa peça, ir admirar á luz da rampa aquellas botas golpeadas de côr cinzenta, a quem lancei para sempre a minha maldição!

Deu-me um tal frouxo de riso, que não sei como não rebentei, e elle riu tambem, o maganão.

—Adeus! não quero faltar ao primeiro acto.

—Sim, vá depressa, não falte.

Ia já em distancia quando ouvi chamar pelo meu nome; voltei-me e elle, acenando-me com o lenço, disse-me de lá:

Mes compliments aux bottes!

* * * * * * * * * * * *
* * * * * * * * * * * * *

Hesitei quasi até ao fim d'estes apontamentos se havia ou não de citar um facto excepcional e não vulgar.

Fazendo um beneficio no Porto, um sujeito chegou-se a mim e pediu-me com empenho uma cadeira para a minha festa; dei-lha, agradeceu-me e durante dez annos nunca mais o vi.

Um dia recebi uma carta em que uma pessoa residente em Macahé, no Brazil, me enviava uma ordem de cem mil réis, pedindo-me desculpa de não ter ha mais tempo satisfeito a divida em que estava para commigo.

Hesitei pois em fallar n'isto, em primeiro logar porque elle me pedia segredo, e em segundo por eu não desejar tornar o caso ruidoso; mas haver um homem que ao fim de dez annos, separado de mim por milhares de leguas, que pouco me conhecia e que ao saber da desgraça que me tinha ferido, toma por pretexto uma divida de 500 réis para me presentear com vinte libras, não é justo que uma alma d'estas, um coração tão cheio de bondade, um caracter tão digno, seja desconhecido de todos.

A pessoa de quem fallo é o sr. barão da Povoa do Varzim, hoje residente em Macahé.

Meu bom amigo, se este livro algum dia lhe chegar ás mãos, conhecerá pelo que deixo dito, que não fui um ingrato nem um esquecido,

e perdoe-me não ter obedecido ás suas ordens, deixando na sombra uma acção tão delicada e que tinha direito á publicidade.

* * * * * * * * * * * *
* * * * * * * * * * * * *

Vamos acabar, que para massada já basta.

Meus collegas, falta aqui dizer que talvez cahisse em alguns dos erros que censuro, mas isso não obsta a que a experiencia depois deixe de aconselhar os outros.

Não se illudam nunca com elogios bombasticos, nem com estrondosos applausos. Quantas vezes se estuda com amor e com o maximo cuidado uma scena que nos parece de seguro effeito, que tinha jus ao applauso do publico, e elle passa por ella indifferente, havendo outras, porém, a que não demos a menor importancia e que o proprio publico applaude com frenesi, a ponto de perguntarmos a nós mesmos: Que diabo fiz eu de extraordinario?!

Imcomprehensivel arte que todos se julgam habilitados a entender, seguir e criticar!

Para a nossa consciencia, estudo e garantias, tinhamos sempre a nosso lado, como companheiros fieis, bons conselheiros e mestres, o livro de Aristippe, *Paradoxe sur le Comédien*, o *Hégel*, e a *Historia do Theatro Portuguez*, por Theophilo Braga; é o bastante para um actor intelligente: todas as outras obras que tratam do theatro não adiantam muito mais; e para rir um bocado, o romance comico de Scarron; agora para aquelles que principiam, que julgam tudo facilidades, que veêm por toda a parte injustiças por não se lhes confiar primeiros papeis logo de começo, que leiam o livro de Jorge-Sand, *Pierre qui roule;* aos que criticam sem consciencia, que tomam esta arte por um divertimento, que tudo são festas e rosas, recommendo as Memorias de Villemessant.

Não ambicionem muito, não se deixem levar por phantasticas illusões; ponham os olhos em mim, que se não fossem alguns amigos dedicados, o parlamento magnanimo, e as sympathias que o publico sempre me dispensou, quem sabe a que teria chegado!... Portanto, a mira sempre no futuro, porque nem todos poderão

ser felizes como eu; ainda assim tenho soffrido alguns dissabores e já experimentei que o proverbio: quanto tens quanto vales, é uma verdade amarga

Resta-me agradecer ao publico em geral, á imprensa, aos meus collegas, aos emprezarios, C. Polla, Freitas Brito, e a Sousa Bastos a alta generosidade e cavalheirismo com que se prestaram a acudir-me quando a fatalidade me accommetteu inesperadamente.

Não me esqueço dos portuenses, e aqui lhes voto a minha eterna gratidão, e por ultimo á antiga Sociedade Taborda, esse grupo de rapazes cheios de bondade e leal coração. Paguei-lhes com o mais que um artista póde dar, offereci-lhes a primeira corôa que conquistei. Para os que sabem o que valem estas coisas, e para elles que o comprehenderam, estou bem com a minha consciencia; esta corôa tinha-m'a dado João Veiga, o millionario que morreu pobre em Italia onde ganhava a vida como cantor! Coração de ouro, grande alma de artista! que as ultimas palavras da minha carta sejam para ti... Felizes dos que morrem e ficam lembrados!

Lisboa, 23 de janeiro de 1885.



ANTES

JOSÉ CARLOS DOS SANTOS

I

Em 1850 appareceu na caixa do theatro de D. Maria II um rapazinho, bem trajado e bem fallante, de physionomia sympathica e maneiras insinuantes, que attrahiu a minha attenção. Eu era tambem moço (tinha 23 annos), alegre, sádio e robusto; percorrêra já longo e doloroso caminho, mas não perdêra ainda as illusões.... e Deus sabe se hoje mesmo as conservo, com todo o viço mentiroso d'essa quadra ditosa!

Estabelecêra a minha residencia n'um segundo andar da travessa do Forno, n.º 8, por detraz do referido theatro, dentro de um pateo, em que havia fornos de padeiros, fabricas de doces, e a visinhança mais pittoresca e apropriada para os meus cuidados de então. Parecia uma colonia de carthaginezes; mas adorava-me, e não tinha a fé punica dos compatriotas de Amilcar e de Annibal. Em paga das constantes picardias e tumultos, que eu e muitos dos meus amigos lhe faziamos, dava-me porco assado no entrudo, amendoas e doces na Paschoa, filhozes pelo Natal, e... descantes de guitarra, que ainda hoje me fazem humedecer os olhos com saudades!

Tasso ajudára-me a forrar a sala com programmas de theatro, de côres, sobre os quaes collámos figuras extravagantes, recortadas em papel preto, que produziam effeitos estupendos. O meu senhorio, informado das scenas

phantasticas, jantares e ceias pantagruelicas, córos de hymnos guerreiros, tão espantosos que faziam rachar as paredes, ia espreitar por um grande buraco, aberto na porta, se eu andaria a demolir interiormente o predio; e punham-se-lhe os cabellos em pé, á vista dos monstros decorativos... de papel preto.

No carnaval assaltavamos os fórnos, armados com lanças e chuços, do theatro, e apoderavamos-nos de um ou dois perús assados, que pagavamos depois, pelo buraco da porta, com grandes discussões sobre os preços, aos donos indignados, offerecendo-lhes ás vezes uma aza, além do dinheiro, ou propondo-lhes uma satisfação a florete. Para este effeito, abriamos a porta, e, com toda a cortezia, davamos-lhes a escolher bater-se com qualquer de nós, e até lhe deixavamos bizarramente a escolha das armas.

N'uma d'essas occasiões, succedeu ser o offendido um lacaio, que ia buscar o perú e uma porção de doce, encommendado ao meu visinho conserveiro. Depois de muitos discursos, com que lhe abrandámos a colera faquista, embebedámol-o, comêmos-lhe os bolos, em cima do perú, e, á meia noite, lia-lhe eu uns versos, ferozmente republicanos, emquanto elle devorava meio arratel de palha de enxergão, com talos de couve crua, e crostas de lagosta tiradas do barril do lixo. Tinhamol-o convencido de que sem passar por esta prova, a que chamavamos spartana, elle jamais poderia ser membro da republica universal.

Posto na rua, pelo patrão, com uma boa sova, appareceu-nos muito vexado, d'ali a dias, e tivemos de o sustentar por subscripção, até que foi para o Brazil. Ah! se elle está vivo, se é porventura algum d'esses grandes homens que por ahi passeiam hoje, ricos e viscondes, e se tiver a suprema ventura de saber soletrar estas linhas, lembre-se de que deve a sua fortuna aos seus amigos da travessa do Forno, e mande, ao menos, dois perús a cada um. Infelizmente, poucos restamos já dos d'esses felizes tempos! Eu encarrego-me de fazer a distribuição com a melhor vontade.

Havia empenhos, como se pode imaginar, para ser apresentado no *meu salão,* ornado

com uma grande estante de casquinha, pintada de azul, e cheia de livros; uma enorme secretaria, antiga, de gavetas até baixo; uma marqueza, estofada, com palha de milho; e varias cadeiras de páu santo, com igual enchimento, compra feliz, em dia de feira da ladra, e de maior abundancia de dinheiro. — Havia empenhos, sim: porque, além dos estudantes, promptos sempre para assignalar os seus vinte annos com toda a casta de brincadeiras, iam ali os maiores poetas e litteratos de Portugal, os mais celebres artistas, os mais peregrinos talentos do meu tempo.

Garrett, que chamava a essa residencia a *casa dantesca,* presidia quasi todas as noites ás sessões magnas. Na sua presença, é claro que o *cavaco,* embora alegre e despreoccupado, se mantinha em maior altura; só quando elle se retirava, e algum outro amigo de mais idade e respeito, recomeçavamos os nossos gracejos de rapazes, que todavia nunca degeneravam em actos censuraveis. Quem uma vez deslisava do caminho da honra e da virtude, era expulso para sempre.

II

O novo frequentador do palco de D. Maria II, apesar de ser alguns annos mais moço do que eu, notando a sympathia que me inspirava, chegou-se para mim naturalmente. Indaguei da sua vida e circumstancias. Era filho de excellente familia, muito bem aparentado. Mas fôra-lhe adversa a fortuna, apenas sahido do berço; e varias causas iam tornando a sua situação demasiado precaria. Interessei-me por elle ainda mais vivamente, depois que soube a sua curta historia. Eu tive, desde a mais tenra idade, a singular pretensão de guiar os outros, dando-lhes conselhos que nem sempre soube aproveitar para mim proprio!...

Levei-o á *casa dantesca,* e propuz-lhe que ficasse vivendo ali, até que se lhe abrisse algum caminho. Repartiriamos do meu pouco, e elle retribuir-me-hia, escrevendo o que eu lhe dictasse, auxiliando-me em copias e outros trabalhos. Acceitou e installou-se immediatamente.

Estudavamos juntos; relacionei-o com toda

a gente que eu conhecia, fiquei-lhe chamando o meu *Pitorra*, e gabava-me audaciosamente de que havia de fazer d'elle um homem illustre. Quando, na primeira noite de sessão com Garrett, lh'o apresentei, o immortal poeta meneou tres vezes a cabeça com solemnidade, fitando os olhos no apresentado, e rosnou:

— Parece-me que o pupillo tem muito sangue na guelra, e que hade fazer a barba ao mestre! A pinta é boa!

Ás noites, emquanto faziamos o chá, alegremente, aquecendo a agua n'uma chaleira, posta sobre lamparina de azeite, eu dictava scenas de comedia, que nunca terminavam, porque tanto o amanuense como o auctor riam mais do que trabalhavam; e as outras pessoas tornavam impossivel, com os seus apartes, qualquer tentativa séria.

Entretanto, *Pitorra* aprendia francez, e ia-se illustrando com successivas leituras; os annos juvenis, e o genio jovial, brigavam ainda muito n'elle contra a sugeição a que eu queria obrigál-o. A minha primeira ideia, a seu respeito, fôra pedir a Garrett que o empregasse comigo, que esperava a cada momento o meu despacho para uma repartição de marinha. Mas desde certo tempo, comecei a notar que as suas tendencias o chamavam para a scena: sabia de cór grandes pedaços de varias peças notaveis; recitava alguns trechos com correcção e propriedade; passava horas a declamar, quer estivesse só quer acompanhado; e imitava felizmente os mais distinctos actores. Estudei-o durante mezes, desejoso de esclarecer-me sobre se todas essas demonstrações não seriam mais que o natural gosto dos rapazes por coisas de theatro, ou revelação de uma vocação sincera.

No theatro, durante os ensaios, e na presença dos artistas, pedia-lhe para dizer monologos extensos, repetir dialogos, procurando com elle as verdadeiras inflexões; e acabei por me convencer de que as suas aptidões eram indubitaveis. As outras pessoas riam-se: achavam-lhe graça, apenas; eu achava-lhe talento.

Interroguei-o um dia gravemente; e, em vista da sua resposta, consegui que Epiphanio o admittisse como discipulo. O mestre certificou-

me, d'ahi a pouco tempo, que eu não me tinha enganado, e que, havendo opportunidade, o exporia ás provas públicas.

Escrevi então o *Ghigi;* e fiz expressamente, para estreia do meu *Pitorra,* o papel de *Marino.*

Em 31 de maio de 1851 subiu o drama á scena. Todos os meus amigos acudiram ao theatro. Era a minha estreia e a do que elles chamavam meu pupillo. Ao cair do panno, José Carlos dos Santos estava reconhecido e proclamado actor; e eu começára tambem a minha carreira de humilde auctor dramatico.

Vencendo algumas resistencias, obtive-lhe a primeira escriptura, modesta ainda, mas que já o punha a coberto de dependencias e necessidades. — Assim se lhe abriu a liça que devia tornál-o famoso nos fastos theatraes.

Foi por sua ordem que referi a casual intervenção que tive nos seus destinos. Isso justifica o motivo de ser o meu nome o primeiro que se encontra n'este livro, usurpando o logar devido a outros menos obscuros. É verdade que o encargo de guarda-portão se costuma dar aos soldados velhos, inválidos, ou reformados, quando tenham sido sempre fieis á honra; porque, emfim, guardar a porta da casa sempre é prova de confiança.

III

Depois de 1851, a sua vida foi marcada por um sulco luminoso na scena portugueza. Joven ainda, galgára em pouco tempo, a passos de gigante, o espaço que tantos gastam annos a percorrer, e no qual raros attingem a méta. Viajou, estudou os grandes modelos, e, já celebre mestre, ia levado, pelo rio da fama, na barca da sua gloria, empavezada pela signa do genio. A cada récita, inscrevia na sua bandeira um novo triumpho. As suas poderosas faculdades artisticas pareciam ter supprimido o impossivel!...

Uma tarde, passados trinta e quatro annos, aquelle que eu vira partir quasi creança, já forte porém, e preparado para todos os azares da fortuna, entrou no meu quarto de trabalho, alquebrado, conduzido pelo braço de outrem; e

disse-me que ia publicar um livro, e que desejava que eu lhe fizesse o prologo. — Ao avistál-o, saltaram-me as lagrimas dos olhos. Mais doente do que elle, podia comtudo vêl-o ainda!... Disse-lhe que sim. E aqui estamos outra vez juntos, como na noite de 31 de maio de 1851, no palco do Theatro normal, appellando ambos para a benevolencia pública.

Mas... ha trinta e quatro annos, quer no meu gabinete de então, entre os meus amigos — ai! quantos já hoje mortos! — quer no palco do theatro de D. Maria II, diante da multidão que nos applaudia, eu desvanecia-me de ter adivinhado, primeiro que ninguem, e de saudar na sua aurora o talento precoce do grande artista; orgulhava-me do meu proprio papel, conduzindo pela mão ao templo da arte o novo sacerdote que ia honrar-lhe o culto; offerecia a sua fronte juvenil ás corôas, que deviam enramál-a; e sentia-me feliz, vendo cair-lhe aos pés as palmas verdejantes. Então, era a manhã da vida; as vozes enthusiasticas dos espectadores similhavam canticos de rouxinoes; a luz da rampa annunciava o dia da gloria....

E agora?!...

Ai! se alguem me invejou, por eu ser o primeiro n'este livro, não reflectiu de certo quanto é cruel a dor que punge os que teem coração e memoria! Lembrar-me de que na primavera o levantei sobre os escudos, levando-o a ver o primeiro fogo, mostrando-o ao exercito dos que foram seus admiradores e o coroaram com os louros da victoria, e ter de apresentál-o hoje, como Belisario, ás lagrimas dos que lhe faziam as ovações! Elle assim o exigiu.

Anoiteceu-lhe em pleno dia: uma nuvem negra cobriu para sempre a estrella que o guiava por caminhos florentes; a espada flammejante do anjo da desgraça, tocando-o na fronte, privou-o do mais bello dos espectaculos, do da natureza, cercando-o de horrores que elle jamais sonhára em seus delirios scenicos.

Eil-o, pois, longe ainda do inverno, na quadra em que o genio do homem alcança os maximos esplendores, apalpando as trevas, e rolando ao acaso no espaço, como astro que se apagou!

A dor e o espanto de o ver cair das cumia-

das da luz nas profundezas do infortunio, fez emudecer todas as vozes, gelar o riso em todos os labios, e banhar de lagrimas as faces de quantos o admiravam. Mas, oh prodigio! passado o momento de prostração e assombro, o artista levanta-se, superior á sua desventura; e, como Miguel Angelo, cego, apalpava a estatua truncada de Apollonio e Affonso Domingues as pedras do mosteiro da Batalha, vae elle, d'ora em quando, tacteando o proscenio, evocar a memoria das suas creações inolvidaveis. Admirêmol-o, agora mais do que nunca, porque só pela resignação e constancia no soffrimento se attinge a verdadeira grandeza e se vence a adversidade.

Muitas das paginas que compõem este livro são das mais viçosas flores com que lhe juncaram o caminho da existencia; se elle não pode já vêl-as, compraz-se ainda em aspirar-lhes o perfume vivificante. Oxalá que possa tambem sentir largamente o benéfico effeito, resultante da sua publicidade! Os seus amigos e admiradores recebêl-as-hão de mãos erguidas, na attitude de quem o applaude e de quem pede a Deus por elle.

Lisboa, 9 de janeiro de 1884.

Francisco Gomes de Amorim.

[redacted]



CARIDADE

Versos do Ex.mo Sr. Pinheiro Chagas, recitados pelo actor José Carlos dos Santos, na recita de 11 de Janeiro 1877 em beneficio dos inundados

De pobre choupana á porta
batem tres vultos sombrios.
Lá fóra crescem os rios,
ruge infrene a tempestade!
Quem és tu? — Eu sou o Inverno!
E tu quem és — A Miséria!
Tu que tens na face etherea
pranto e luz? — A Caridade!

Nos sonhos da Grecia antiga,
que aureos mythos phantasiava,
do cerúleo már brotava
candida Venus louçã!
Brota o Anjo — Caridade
da procella, da agonia,
como da noite sombria
rompe a estrella da manhã.

Astro e anjo, a forma humana
toma, e entre nós caminha,
veste os trajos de rainha,
mas do céu é que ella vem.
Não, não tem a Caridade
uma incarnação mais bella,
é mais que rainha, é estrella,
é mais do que santa, é mãe!

Se mãos de rainha santa
é que em oiro mudam flores,
tambem folgando, senhores,
podeis a angustias valer.
Troquem no oiro da esmola
c'o as suas mãos abençoadas —
ella as rosas perfumadas,
vós as rosas do prazer.

Depois da minha grave enfermidade, e já quasi sem vista, foi a primeira vez que appareci ao Publico, fazendo esse immenso sacrificio, não só em homenagem ao humanitario fim a que se destinava o beneficio, como á Piedosa Rainha que o promoveu.

N'essa noite, quando acabou a recitação da poesia, Sua Magestade El-Rei mandou-me chamar ao seu camarote, e, agradecendo-me, terminou com as seguintes palavras: — Santos, nunca me hei de esquecer de si.

LA BIENVENUE

Poesie de Mr. J. de S. Mendes Leal aux membres des deux congrès Antropologique et Littéraire réunis a Lisbonne le 20 Septembre 1880

RECITÉE PAR L'ACTEUR J. C. DOS SANTOS AU THÉATRE RECREIOS

Nos bras vous sont ouverts, nos mains cherchent les vôtres,
Ô maîtres applaudis, beaux esprits reconnus !
Vous, savants, vous, lettrés, vous, chercheurs, vous, apôtres,
Venus de toutes parts, soyez les bien-venus !

Soyez les bien-venus! En passant nos frontières
Vous devenez pour nous, quel que soit le milieu,
Bien plus que des amis, tout autant que des frères:
Vous êtes l'hôte, et l'hôte est l'envoyé de Dieu!

Une intense lueur, il faut qu'on le proclame,
S'allume à l'horizon, surgit de points divers,
Recueillant dans son cours tout éclair, toute flamme,
Et monte, astre nouveau, planant sur l'univers.

Ce centre lumineux, qui tour à tour rayonne
Sur les grandes cités pour mieux les rajeunir,
Étoile du matin, se leve sur Lisbonne,
Comme un phare dans l'ombre éclairant l'avenir!...

L'étonnement saisit le modeste interprete,
Tant son cœur est ému d'un sentiment profond,
Car les vives clartés qu'un tel foyer projette
Vous ont mis à chacun une auréole au front.

En voulant retrouver l'empreinte, fraiche encore,
De vos pas vers le but ouvert sur l'infini,
Nous regardons le ciel du côté de l'aurore:
Porteurs du feu sacré, pour nous, pour tous, merci.

L'amour du vrai, du bien, abaisse les frontieres;
Il n'est plus aujourd'hui de talents inconnus.
Salut au nom de l'art au groupe de nos freres!
Nos mains serrent vos mains: Soyez les bien-venus!

Tive por esta occasião a honra de receber no meu camarim, e ser por elle cumprimentado, Mr. Henri Martin, membro dos dois Congressos, e uma das maiores intelligencias dos tempos modernos.

Á MEMORIA DE CASTILHO

Poesia do Ex.mo Sr. Dr. Cunha Belem

Mestre! pendeu-te a fronte. A gloria que a cingia
D'enastrados festões de flôres e de amor,
O beijo recebeu da morte; e a morte fria
A lyra divinal te fez então depôr.

Mestre! pendeu-te a fronte. Obreiro infatigavel
Do que ha de bello e bom—poesia e instrucção—
Flôres e fructos d'alma—a morte inexoravel
Surprehendeu-te a lidar, valente campeão.

como bravo em meio da peleja,
oi-te repouso ao improbo lidar,
e abre ao teu culto as portas de ampla egreja
audade e o amor te erigem novo altar.

lo da memoria, alli se ergue teu nome
, venerando, exemplo ás gerações,
da fama a voz, que o tempo não consome,
eros colher perennes saudações.

E da morte o archanjo pallido
Feriu-te no coração,
Que te fôra tabernaculo
De tanta e nobre affeição.
Se das flôres da existencia
Alli se expandia a essencia
Em perfume divinal,
Tambem o philtro da morte
Lhe verteu da mesma sorte
A sua gota fatal.

Disseras em tom fatidico,
Que te haviam celebrar
Porque da vida entre jubilos
Souberas o que era amar.
É cumprida a prophecia,
E da tua campa fria
Ergue-se estranho esplendor
A dizer, no immenso brilho,
Que tu, sublime Castilho,
Foste o poeta do amor!

Amaste com a fé mais vivida
O que é bello e nobre e bom,
Na grande intuição mirifica
Que dos genios é o dom!
Ás flôres da primavera
Déste a affeição mais sincera
Do teu ardor juvenil;
E da tua alma a poesia
Em sorrisos refloria
Ao florir de cada abril.

Amaste... Que amor tão intimo
Te prendeu a esse irmão,
Que ao entrar da morte os áditos
Te legou o coração!
Que exemplo d'amor fraterno
N'aquelle abraçar eterno
De dois corações assim;
Que nem mesmo a morte avara
Desune, afasta, separa
No seu enlace sem fim!

Poeta de amor! que de angustias
Enlaçadas ao prazer,
Te semeiou na existencia
A doce mão da mulher!
Do amor e melancolia
Traduziste a poesia
Nas estrophes divinaes,
E do bardo, nos ciumes,
Tens o reflexo dos lumes
De tormentos infernaes!

Do joven poeta, porém, d'alma ás flôres
Succedem-se os fructos da edade viril;
E a lyra sublime, c'roada de amores,
Prepara as canções da instrucção infantil.

Poeta, ridente, caminha seguro,
Seguindo a doutrina do meigo Jesus,
Chamando as creanças: e á voz do futuro
Desvenda os mysterios, e inunda-os de luz.

Jazia na treva da negra ignorancia
O povo: e o poeta lá cumpre a missão,
Apostolo ardente, de dar pela infancia
Ás eras vindouras a luz da instrucção.

Empenho sublime, mirifico exemplo
De como se ostenta de um genio o poder!
A escola, a escola converte-se em templo,
O mestre em amigo, em deleite o saber!

Na feia masmorra em que outr'ora jazia
A ferula tetrica o mestre depôz,
Que á luz dos affectos, que á voz da poesia,
O mestre é pae terno, não é mais algoz!

Castilho! teu nome será celebrado
Das aves no canto, das flôres no odôr,
Porém ha de erguel-o mais alto inda o brado
Das meigas creanças nos hymnos de amor.

Já n'um, já n'outro hemispherio
Em Portugal, no Brasil,
Fizeste firme o imperio
Do teu estro tão gentil;
E se déste á tenra infancia
Os perfumes, a fragrancia
Do mais santo e terno amor,
Não esqueceste a desdita,
E no antro, que a dôr habita,
De uma pobre alma contricta
Foste patrono na dôr;
E com teu estro sublim[illegible]
Tiraste o labeu do cri[illegible]
Da fronte d'um anciã[illegible]
E rival de Victor Hu[illegible]
Foste roubar ao v[illegible]
A vida de um teu irmão,
Coroando a realeza
De c'rôa de mór grandeza
Da que deriva o perdão.

Mestre, pendeste a fronte. Descansado
Chegaste da jornada ao termo alfim,
Mas teu nome, Castilho sublimado,
Vae c'roal-o da gloria o cherubim.

[illegible] a saudade, a magua immensa
[illegible] tão sentida, tão fatal,
[illegible] alma no espaço inda suspensa
[illegible] de luz meigo fanal.

[illegible] não se apaga: immenso brilho
[illegible] no sepulchro o arrebol;
[illegible]lendido, o nome de Castilho
[illegible]'rô porvir, radiante sol!

Esta poesia foi r[illegible] 1875, depois da morte do visconde de Castilho, em frente do [illegible] Lupi, e estando em scena toda a companhia dramatica.

Fui o iniciador [illegible] genio que tanto o honrou. Representou-se tambem o — [illegible]



BENGALA

A BENGALA

Poesia comica por Eduardo Garrido, recitada no Theatro de D. Maria II pelo actor José Carlos dos Santos, no anno de 1863

O personagem, que figura ser um *elegante* de vinte a vinte e cinco annos, entra pelo fundo: apenas o panno sobe, examinando attentamente uma *badine* que apresenta ao publico.

I

Comprei-a agora.— Que dizem?...
Não fui na escolha infeliz:
Uma *badine plus chic*
Confessem que nunca teve
Nenhum janota em *Paris*!

Ligeira .. fina... graciosa...
Debil... curta... tudo, emfim!
Uma bengala elegante!...
Uma bengala de chique...
Uma bengala p'ra mim ...

Sim.— p'ra mim! Talvez se admirem
Do que me acabam de ouvir?...
Pois vou pedir a palavra
Para provar que da phrase
Não ha motivo p'ra rir!

Meditem.— scismem um pouco
E, depois d'isso, hão de vêr
Que uma bengala como esta
Não comprehende — não sabe,
Não póde usa-a qualquer!...

Pois digam lá: não estão vendo
Qu'isto é mesmo uma bengala
D'um homem *chic* — *du monde*,
Que falla bem com senhoras,
Que sabe entrar n'uma sala?

D'homem que foi a Paris,
Que anda co'a gente do *tom*,
Que conhece as *primas-donas*,
Que lê romances francezes,
Que põe banhas do Baron?

Não vêem, talvez!... — Pois creiam
(Não é um tolo quem falla!...)
Que se conhece — e a prova
E' que eu conheço na rua
O homem pela bengala!

Podem ter a maior fé
N'esta sentença que eu disse;
Tem seu ar de parvoice,
        Mas não é!
O que mil vezes encobrem
Os modos — o fato — a falla,
Indica-o... mostra-o... descobre-o...
Proclama-o sempre a bengala!

Se eu fosse aqui bengaleiro,
(Desgraça de que o Supremo
Sempre ao abrigo me tenha!)
Para entregar as bengalas
Não precisava de senha!

Era appar'cer um sujeito,
E dizer, chegando á porta:
«Venha a bengala p'ra cá!»
Examinal-o um momento,
Lançar a vista ás bengalas
E responder: — «Aqui está!»

Quem, vendo um chapéo de chuva
        Bem pesado,
Com grande cabo de buxo
E grande panno encarnado;
Chapéo que, aberto, não cobre
Um homem, mas um milheiro,
Não diz logo que o seu dono
É saloio ou aguadeiro?

Dizem todos!
                Co'a bengala
A mesma coisa acontece! —
Pela bengala — acreditem —
É que o homem se conhece!
Não crêem n'isto talvez...?
P'ra mim é ponto de fé:
Eu em vendo uma bengala
Sei logo o dono quem é!

II

Bengala d'unicornio — castão d'oiro —
Ricasso — pe de boi   homem feliz,
Que vem gosar tranquillo as largas sommas
Que soube amontoar n'esses Brazis!
Que usa lenço de seda — e bom grilhão
Pendente do pescoço em trinta rolos;
Que tem caixa doirada e grande annel
Um grande annel aqui...
  (*mostrando o indicador*) no fura bolos!

Bengalão
De castanho ou de pau santo,
Sem ponteira nem castão,
Com passadeira de couro
P'ra nunca fugir da mão: —
Ou de cabo de policia,
Ou então
D'homem que foi marinheiro,
Mas tem outra occupação:
Calafate... ou cigarreiro...
Typo com quem se não manga
Sem ficar em maus lençoes,
Que usa de calça de ganga,
Chapéo alto — e caracoes!

Grande canna da India, amarella,
Comprida e pesada,
Com ponteira de chifre ou de ferro
E muleta de chumbo oitavada: —
Se não fôr da policia secreta
O seu dono famoso ornamento,
Foi com certeza zabumba
Ou trompa de regimento!

Grosso junco, revirado
Nas alturas do castão: —
Soldado que, livre do negro serviço,
Vae dar quatro voltas — fallar ao derriço
Do seu coração;
E que olhando a namorada
Risca na areia encarnada
Em dias de procissão!

Outro junco!... Mas queimado
N'uma graciosa espiral;
Appetecido e comprado
Na rua do Arsenal, —
E um quasi nada mais grosso,
Tendo em cima um botão d'osso
Por castão: —
Boçal gallego enfeitado
Em dia de confissão!

Bengala de tronco d'arvore: —
Homem de gostos singelos;
Mas de tal fórma niquento,
Que antes quer trazer chinellos
Que andar um dia... um momento,
De botas de polimento
Com pespontos amarellos!

•

Formidavel *casse-tête*
Com formidavel castão,
Cujo aspecto medo mette
Ao mais afouto pimpão: —
Valente de botiquim!
Lingua fórte — pulso fraco;
Ratão que dá o cavaco
Por ir ceiar ao Penim!...
Typo de pouco dinheiro,
Que fuma sempre *brejeiro,*
E traz o chapéo...
(*Pondo-o á banda*)
assim!
Grande fadista — farçola...
Que diz chufas atrevidas,
E tem tres unhas compridas...
Mas que não toca viola! —
Homem bulhento em cafés,
Que a toda a gente acommette,
Que rapa do *casse-tête*...
E apanha dois pontapés!

•

Castão sobre o junco mais liso e mais lindo,
Mostrando a careta medonha de Pan,
Ou Venus, na concha, das ondas sahindo,
Ou Eva formosa comendo a maçã: —

Sujeito bem conservado
Com presumpções a ser bello,
Que traz a calça vincada
E tem luneta doirada
Com seu cordão de cabello; —
Pessoa de boa fama
Que nunca entrou em *batotas,*
Que anda com as botas na lama
E nunca enlameia as botas: —
Que p'ra questões sendo pouco
Se alguem um sôco lhe deu,
Em vez de dar outro sôco
Vae apanhar o chapéo! —
Ratão que das namoradas
Aos amorosos desvelos,
Deve as prendas delicadas
D'umas carteiras bordadas
E um lindo par de chinellos! —
Homem de poucos credores,
Sempre das contas mais lisas,
Que dos visinhos não falla,
E guarda á noite a bengala
Na gaveta das camisas!

III

Porém, não é da bengala
Só pelo estudo, a meu ver,
Que o homem nos facilita
O modo de o conhecer!...

Outra maneira inda existe,
E vou de leve indical-a:
Tambem se conhece o homem
Nas posições da bengala!

Exemplo: —
Sujeito parado na rua
Que torce o bigode com certa nobreza,
E curva a chibata na ponta da bota...
É mestre d'esgrima com toda a certeza!

Figurão que vae girando
Co'a bengala em derredor: —
Emquanto se não descobre
Nenhum indicio melhor,
Tem-se a certeza que é homem
Que nunca foi tambor-mór!

Exemplos como este ha mil cada dia
Qual d'elles mais bello, frisante e melhor, —
E eu todos sem custo mostrar-vos podia
Porém não me quero tornar massador!

Depois vou ainda provar que a bengala
Se tem muitos contras — de certa maneira,
Off'rece vantagens que o dono compensam
Do sestro maldito de ser chocalheira!

IV

Encontra a gente na rua
Um massador... um maroto,
Que nos manda um perdigoto
A cada coisa que diz;
O que ha de n'um caso d'estes
Fazer um pobre infeliz? —
Agarra assim na bengala...
(*Mette-a debaixo do braço*)
Ageita o laço, importante,
E o figurão a quem falla
Põe meia legua distante! —
Em taes apuros me vendo
É sempre o meio que escolho!...
E o homem não se approxima
Porque tem lá seus receios
Que a gente lhe vase um olho!

Surge uma bella... uma deusa...
Mostrando um pé delicado...
(Como um que eu vi ha bocado
Alli no caes do Sodré!...)
N'esse momento bemdito
Basta largar a bengala,
Fazer assim...
(*Abaixa-se*)
e apanhal-a,
P'ra não ver sómente o pé!

Um homem 'stá no passeio
A conversar com alguem;
Tem uma bota apertada
E o pé no chão não 'stá bem!...
Se acaso não traz bengala
E fizer isto...
(*Curva a perna*)
é vergonha!...
Se a trouxe, porém, comsigo,
Da *troça* fica ao abrigo,
A posição de cegonha!
(*Enrola a perna na bengala*)

Mas, uma vez que lhes disse,
E que já sabem como é
Que a gente ás vezes se livra
D'um grande *aperto de pé;*
Dêem-me ainda attenção,
E vão saber, sem cansar-se,
Como é que podem livrar-se
D'um grande *aperto de mão!*

Apenas o homem a mão nos estende
Recua-se um pouco, fazendo-lhe assim...
(*Esgrime com a bengala*)
Brejeiro... patife... maroto... tratante...
Apanhas um *bote* se avanças p'ra mim! —
Depois de um minuto termina-se a graça,
E a gente, sem custo, consegue o seu fim!

Vê-se na rua um patusco
D'estes que alargam os braços,
E vem gritando e sorrindo,
De nós ainda a cem passos,
E um homem deixam n'um bolo
Co'a força dos seus abraços! —
«Olá! olé! que surpreza!»
Grita-lhe a gente de cá!
«Venha de lá esse abraço!»
Diz o ratão! — «Venha lá!»
Alegra-se então o rosto
Pelos sorrisos mais lêdos;
Porém, apenas o sucio
Já mais de perto nos falla,
Pega-se assim na bengala...
(*Colloca-a horisontalmente entre os dedos pollegar e index de cada mão, alonga depois os braços e estende, como para um shake-hands, dois dedos da mão direita.*)
E dão-se-lhe estes dois dedos!

Está a gente a fallar com senhoras...
Muita coisa... d'aqui e d'alli...
Mas tem ido cortar o cabello
E caiu-lhe um cabello p'r'aqui!
(*Indica as costas*)
Como ao pé do bello sexo
Ter maneiras descompostas
É sempre de mau effeito,
Não póde agora um sujeito
Ir co'a mão coçar nas costas! —
D'esta scena attribulada
Como ha de sair?
Faz isto
(*Leva a bengala atrás das costas*)
E dá assim, sem ser visto,
Uma fricção disfarçada!

V

Já vêem que é justo dizer que a bengala,
Se tem muitos contras — de certa maneira,
Off'rece vantagens, que o dono compensam
Do sestro maldito de ser chocalheira!

E pois que as vantagens vos fiz conhecer,
E a todos de certo proficuas serão, —
Cedendo aos impulsos d'um santo dever,
É justo que ao mestre pagueis a lição!...

Fui eu que dei ao amigo Garrido a idéa d'esta poesia, e a primeira bengala com que a recitei, e que ainda conservo, foi-me dada por Bernardino Martins, mais conhecido pelo Martins do *Burlesco,* onde revelou todos os dotes do seu espirito critico e mordaz.

No Porto foi substituida esta bengala por uma outra offerecida pelo meu amigo Eduardo Vianna, que todos conhecem como um excellente cavalheiro.

HISTORIA D'UM CÃO

Poesia do ex.mo sr. Luiz Guimarães Junior,
recitada em meu beneficio no Theatro do Principe Real, no anno de 1883

—«Eu tive um cão. Chamava-se Velludo:
Magro, asqueroso, revoltante, immundo;
Para dizer n'uma palavra tudo
Foi o mais feio cão que houve no mundo.

Recebi-o das mãos de um camarada
Na hora da partida. O cão gemendo
Não me queria acompanhar por nada:
Emfim—mau grado seu—o vim trazendo.

O meu amigo, cabisbaixo, mudo
Olhava-o... O sol nas ondas se abysmava...
Adeus!— me disse,— e ao affagar Velludo
Nos olhos seus o pranto borbulhava.

«Trata-o bem. Verás como rasteiro
«Te indicará os mais subtis perigos;
«Adeus! E que este amigo verdadeiro
«Te console no mundo ermo de amigos.»

Velludo a custo habituou-se á vida
Que o destino de novo lhe escolhera;
Sua rugosa palpebra sentida
Chorava o antigo dono que perdera.

Nas longas noites de luar brilhante,
Febril, convulso, tremulo, agitando
A nua cauda — caminhava errante
Á luz da lua — tristemente uivando.

Toussenel, Figuier, e a lista immensa
Dos modernos zoologos doutores
Dizem que o cão é um animal que pensa;
Talvez tenham razão esses senhores.

Lembro-me ainda. Trouxe-me o correio,
Cinco mezes depois, do meu amigo
Um *enveloppe* fartamente cheio:
Era uma carta. Carta! era um artigo

Contendo a narração miuda e exacta
Da travessia. Dava-me importantes
Noticias do Brazil e do La Plata,
Fallava em rios, arvores gigantes;

Gabava o *steamer* que o levou; — dizia
Que ia tentar innumeras emprezas:
Contava-me tambem que a bordo havia
Mulheres joviaes — todas francezas.

Assombrava-se muito da ligeira
Moralidade que encontrou a bordo:
Citava o caso de uma passageira...
Mil cousas mais de que me não recordo.

Finalmente, por baixo d'isso tudo
Um *post-scriptum* do melhor cursivo
Recommenda «o pobre dó Velludo»
Pedindo a Deus que «o conservasse vivo».

Emquanto eu lia, o cão tranquillo e attento
Me contemplava, e—creiam que é verdade—
Vi commovido, vi n'esse momento
Seus olhos gotejarem de saudade.

Depois lambeu-me as mãos humildemente,
Estendeu-se a meus pés silencioso
Movendo a cauda,—e adormeceu contente
Farto de um puro e satisfeito goso.

Passou-se o tempo. Finalmente um dia
Vi-me livre d'aquelle companheiro:
Para nada Velludo me servia,
Dei-o á mulher d'um velho carvoeiro.

E respirei! — Graças a Deus! já posso
— Dizia eu — viver n'este bom mundo
Sem ter que dar diariamente um osso
A um bicho vil, a um feio cão immundo.

Gósto dos animaes, porém prefiro
A essa raça baixa e aduladora
Um alazão inglez de sella ou tiro,
Ou uma gata branca scismadora.

Mal respirei, porém! quando dormia
E a negra noite amortalhava tudo,
Senti que á minha porta alguem batia:
Fui ver quem era, abri. Era Velludo.

Saltou-me ás mãos, lambeu-me os pés ganindo,
Farejou toda a casa satisfeito;
E — de cansado — foi rolar dormindo
Como uma pedra — junto do meu leito.

Praguejei furioso. Era execravel
Supportar esse hospede importuno
Que me seguia como o miseravel
Ladrão, ou como um perfido gatuno.

E resolvi-me emfim. Certo é custoso
Dizel-o em alta voz e confessal-o:
Para livrar-me d'esse cão leproso
Havia um meio só: era matal-o.

Zunia a aza funebre dos ventos,
Ao longe o mar na solidão gêmendo,
Arrebentava em uivos e lamentos...
De instante a instante ia o tufão crescendo.

Chamei Velludo: elle seguiu-me. Emtanto
A tempestade em furias me arrancava
Dos frios hombros o sombrio manto
E a chuva meus cabellos fustigava.

Despertei um barqueiro. Contra o vento,
Contra as ondas colericas vogámos;
Dava-me força o torvo pensamento:
Tomei um remo — e com furor remámos.

Velludo á prôa olhava-me choroso
Como o cordeiro no final momento:
Embora! Era fatal! Era forçoso
Livrar-me emfim d'esse animal nojento.

No largo mar ergui-o nos meus braços
E arremessei-o ás ondas de repente...
Elle moveu gemendo os membros lassos
Lutando contra a morte. Era pungente.

Voltei á terra,— entrei em casa. O vento
Zunia sempre na amplidão — profundo,
E pareceu-me ouvir o atroz lamento
De Velludo nas ondas moribundo.

Mas ao despir dos hombros meus o manto
Notei — oh grande dôr! — haver perdido
Uma reliquia que eu presava tanto!
Era um cordão de prata: — eu tinha-o unido

Contra o meu coração constantemente
E o conservava no maior recato,
Pois minha mãe me dera essa corrente
E, suspenso á corrente, o seu retrato.

Certo cahira além no mar profundo
No eterno abysmo que devora tudo;
E foi o cão, foi esse cão immundo
A causa do meu mal! Ah! se Velludo

Duas vidas tivera,— duas vidas
Eu arrancara áquella besta morta!
E aquellas vis entranhas corrompidas!
N'isto senti uivar á minha porta.

Corri,— abri. Era Velludo! Arfava:
Estendeu-se a meus pés,— e docemente
Deixou cahir da boca que espumava
A medalha suspensa da corrente.

Fôra crivel, oh Deus? — Ajoelhado
Junto do cão,— estupefacto, absorto,
Palpei-lhe o corpo: estava enregelado;
Sacudi-o, chamei-o! Estava morto.»

Fui eu quem recitou, pela primeira vez em Portugal, versos d'este eminente poeta.

A MORTE DE D. QUICHOTE

Poesia do Ex.mo Sr. Gonçalves Crespo, recitada no Theatro do Principe Real, no meu beneficio, no anno de 1883

Rôto o escudo, sem lança, a cóta escalavrada,
Sosinho, abandonado e á tôa como um cego,
Do crepusculo á luz dolente e immaculada
Entra na sua aldeia o altivo heroe Manchego.

O tenue fumo sae do côlmo das herdades,
Riem ao pé da fonte as frescas raparigas,
E á clara vibração sonora das trindades
Juntam-se brandamente as vozes e as cantigas.

E o audaz campeador, o Justiceiro, o Forte,
Que andára pelo mundo a combater os maus
Defendendo a mulher, desafiando a morte,
Do paterno casal sentou-se nos degraus.

Nos joelhos fincando o cotovêlo agudo,
E no punho cerrado a fronte reclinando,
Quedou-se largo espaço, illacrymavel, mudo,
Para o inutil passado os olhos alongando.

E alli, na dôce paz da sua alegre aldeia,
Sentiu que o avassallava uma tristeza infinda,
Quando esta voz se ouviu: «morreu-te a Dulcinêa,
«Missionario do Bem, tua missão é finda!»

E elle a ouvir e a scismar! A trefega sobrinha
Beija-o, falla-lhe, ri, abraça-o, mas o Heróe
D'est'arte lhe volveu: «A morte se avisinha,
«Levae-me para o leito!» E ouvil-o pena e dóe.

Do leito á cabeceira o Bacharel e o Cura
Tentam resuscitar-lhe os sonhos e as chimeras;
Pintam-lhe o negro mal triumpante, ó amargura!
O fraco aos pés do forte, o bom lançado ás féras.

Contam-lhe o frio horror dos carceres sem luz,
Que nas torres feudaes campeava o velho Crime,
Que os crescentes do Islam tinham vencido a Cruz,
Que a iujustiça era a lei... Então feroz, sublime,

Inquieto, semi-nú, sinistro, o cavalleiro
Bradou como um trovão: «Enverguem-me a loriga,
«Sellem-me o Rocinante, ó Sancho, ó escudeiro,
«Traze-me a lança, présto! e a minha espada amiga.

Tinha em brazas o olhar, e troculento o aspeito,
E vibrava em redór a imaginaria lança...
Logo depois cahiu do respaldar do leito,
Morto: tendo no labio um riso de creança!

Nunca ouvi recitar versos como este auctor. Confesso que foi depois de o ter escutado muitas vezes, que me arrojei a ir dizel-os em publico.

Tive tambem a gloria de ser o primeiro a apresentar em theatro poesias d'aquelle talento gigante, que a morte tão cedo nos roubou, mas que não fez esquecer. Á memoria de Gonçalves Crespo, devo este preito de homenagem.

O AMANHECER

AOS PROTECTORES DAS CRECHES

Versos do Ex.mo Sr. Thomaz Ribeiro,
recitados no Theatro dos Recreios Whittoyne pelo actor José Carlos dos Santos
em Novembro de 1879

–Pobres!–Quem chama?–A Providencia.–Agora?...
Céus! que acontece?... – oh socegae: são calmas
no mar as ondas, na cidade as almas;
porém, meus filhos, vae rompendo a aurora.

A estrella d'alva madrugou, e os passaros
gorgeiam já, os arrebóis lá vem;
respira, arqueja a chaminé da fabrica;
pobres, erguei-vos, madrugae tambem.

Já vos convida o matinal concerto
ó mães e paes, ide lidar! commigo
deixae os filhos, eu serei o abrigo
d'estes obreiros de amanhã, que é perto;

d'este embryão, cujo vagido é musica,
d'esta innocencia que enlevou Jesus,
d'estas cabeças, cuja coma é auréola,
d'esta esperança que se abysma em luz.

Eu sou a mãe dos vossos filhos, ide;
vestal, eu guardo o sacro-santo lume,
sou fofo arminho de avezinha implume,
copado olmeiro a que se abraça a vide;

ubero seio de vitaes anhelitos,
fonte de vida em perennal frescor,
colmeia accesa onde volita em fremitos
o louro enxame do futuro em flôr.

Ide sem medo, a Providencia os vela;
pensando n'elles, redobrae d'alentos.
Vinde buscal-os, corações sedentos,
quando fulgir a vespertina estrella.

Então, ó paes, tomae nos braços validos,
erguei, mostrae o vosso filho aos cèos;
então, ó mães, deixae correr as lagrimas,
celeste orvalho aos roseiraes de Deus!–

–E vós quem sois?–Pois nem sequer assoma
á vossa idéa quem serei? Convenho;
julgaes-me extranha, porque um nome extranho
me foram dar e de extrangeiro idioma.

Eu sou d'aqui, sou vossa filha, e ufano-me
da minha patria, onde, espontanea flôr,
brotei, cresci, fructifiquei, dei, prodiga,
a todos tudo, e me senti maior.

O meu sendal anda embebido em pranto,
visito as salas e no hospicio moro;
ora me acérco da viuvez e choro,
ora me abeiro de um bercinho e canto.

Modesta sou, mas a Rainha ampara-me;
plebeia ou nobre, é meu vassallo El-Rei;
mendiga, offerto a plenas mãos, ó miseros,
ouro sem conto de milhões que achei!–

Calou-se, e emquanto no anciar d'ess'hora
das fundas trevas emergia o mundo,
via-se em aureo, transparente fundo
surgir do oriente rutilando a aurora.

Houve um momento de silencio extatico!
Dois infinitos de impolluto albor
se contemplavam com fraterno jubilo,
Deus nas alturas, sobre a terra o amor.

A ARTHUR NAPOLEÃO

Versos do Ex.mo Sr. Guilherme Braga,
recitados no Theatro de S. João, do Porto, em beneficio de Arthur Napoleão,
pelo actor José Carlos dos Santos, em 1865

Quando a lua se levanta
Dos arvoredos do sul,
Meio envolvida na manta
D'aquella neblina azul,
Aos lagos — fulgido espelho —
Aos tectos d'um moinho velho,
D'antigo convento á cruz,
E ás cruzes d'um cemiterio
Dá sempre a côr d'um mysterio
Que não é sombra, nem luz.

Assim o genio saudamos
Na luminosa ascenção;
— Lua que sóbe entre os ramos
Do cedro da inspiração...
Lua que mostra o passado
N'aquelle céo, desmaiado
Como o sol, ao descair
Nas ondas... Lua que dorme
Sobre a cupula disforme
Das cathedraes do porvir! —

Assim devemos saudar-te,
Nós, que somos teus irmãos,
Ao vêrmos a estrella da arte
Erguida por tuas mãos.
Ao vêrmol-a, santa e pura,
Já tomando a fórma obscura
Das nossas aspirações;
E, branca, mas sem desmaio
Mandar um fulgido raio
Á fronte das multidões!

CAMÕES

Poesia do Exmo Sr. Fernando Caldeira,
recitada no Theatro de D. Maria II, pelo actor José Carlos dos Santos,
por occasião do Centenario de Camões

Vous retrouvez partout une ame aussi profonde, que l'Ocean, et, comme l'Ocean, elle unit les deux rivages opposés.

EDGAR QUINET.

Surgindo, como o sol, nos flâmmeos céos do oriente
se arremessou teu genio ás amplidões do espaço.
As suas azas d'oiro ainda o mundo as sente
cubrindo a todo o oceano; abertas, como abraço
d'um grande continente a outro continente.

Que o soberbo galeão singrando triumphante
por tanto mar de morte e tanta tempestade,
não era a gloria só d'um bravo navegante
que elle ia eternisar nas praias do levante.
No barco vencedor passava a humanidade.

Passava a abrir mais campo, a abrir mais amplas áreas
á nova industria humana... E até no mar profundo
as ondas tropicaes, de ha tanto solitarias,
ao verem um mundo alli nos braços d'outro mundo,
lh'inflammavam, de festa, as quilhas temerarias.

Mas quem lhe grava em bronze as famas da victoria?
Em que pagina immensa hade ella ser inscripta?
Surgiste então. Surgiste, illuminou-se a historia
e, em todo o mar talhando a pagina infinita,
Camões era immortal e a patria tinha a gloria.

A gloria de vencer e a gloria de ser tua.
A gloria de ganhar bravissima, valente
na marcha do futuro o logar d'honra, á frente,
e a gloria, que lhe resta, eternamente sua
de ser a tua patria, Homero do occidente.

Grande genio immortal, que em plena eternidade
com tuas azas d'oiro os seculos abranges
na soturna undação dos oceanos da edade,
como abrangeste o mar do patrio Tejo ao Ganges
e vives no infinito e a vêr-te a humanidade.

Sublime coração, que um dia espedaçado
demandavas, penando, aos echos do infinito
a alma tua gentil, que assim se te partia,
se acaso aquella voz, se acaso aquelle grito,
que a terra toda ouviu, no céo tambem se ouvia.

Escuta a voz da patria, o grito, o hymno, o can...
que d'echo em echo vae pelos confins da terra,
como se o mundo todo entoasse um hymno santo;
uma palavra, um nome unicamente encerra;
este nome é — Camões e é Portugal portanto.

Alma gentil da patria, o andar dos tempos hade
unir talvez um dia os povos e as nações
em uma patria só chamada — humanidade —
mas, despenhem-se embora os turbilhões da edade,
é sempre Portugal a patria de Camões.

Foi na festa do Centenario, que pisei pela primeira vez o palco do Theatro de D. Maria II, depois que deixei de ser empresario. A Companhia, e os representantes dos mais Theatros, estavam todos em scena, e a poesia foi recitada em frente do busto de Camões.

Depois o director do Conservatorio, o meu bom amigo Luiz Augusto Palmeirim, tomou-me pelo braço, e dirigiu ao Publico algumas palavras lisongeiras a meu respeito. Aqui lhe deixo consignado um sincero voto de reconhecimento, assim como ao eximio poeta Fernando Caldeira, que precedeu a poesia das seguintes benevolas e indulgentes palavras:

O poeta antecipadamente agradece ao eminente artista José Carlos dos Santos o grande relevo, que aos ...us versos dará o seu brilhante talento, e agradecido

Cordialmente lhe aperta a mão

Fernando Caldeira

AOS PORTUENSES

Poesia do Exmo Sr. Marinho,
recitada no Theatro do Principe Real do Porto, pelo actor José Carlos dos Santos,
em a noite do seu beneficio, em 1877

Não é de todo sombra esta existencia,
Sinto aqui dentro luz que não se apaga;
O impalpavel não morre;
A consciencia indestructivel nenhum vento a esmaga.

Resurjo á luz das sombras da tristeza!
Vós me chamaes... Sinto por vós a vida!
Sangram-me os pés ainda,
Á asperesa do caminho que andei, fatal frida!

Chego pois, já cansado, á vossa porta!
Tomou-me a noite em meio da viagem,
Mas poude, semi-morta,
Salvar, ao menos, a alma da voragem.

Em vossas mãos a entrego... Toda vossa,
É fria já; mas estremece ás vezes ainda,
Se uma voz por ella rossa,
Voz amiga d'irmãos, e portuguezes.

É-lhe o passado tumulo de gloria,
Mortalha que a envolveu;
Esteril sonho de que lhe resta apenas a memoria,
Qual nuvem negra, unica, em céo azul.

Vós sois ainda os mesmos que eu conheço,
E eu sinto em mim o vacuo do impossivel,
Para pagar-vos o que não tem preço
Esse amor que me daes, inexaurivel.

Esta poesia foi recitada quando já quasi tinha perdido a luz dos olhos, estando proxima a terrivel cegueira.

N'este meu beneficio recebi as maiores provas de estima e consideração dos meus collegas de todos os Theatros do Porto, e do Publico Portuense, que, sem eu ter passado um bilhete, encheu completamente a casa.

Recebam todos n'este logar um signal da minha eterna gratidão.

AS VISÕES DO ACTOR

Poesia do Ex.mo Sr. Pinheiro Chagas,
recitada no Theatro do Principe Real, do Porto, pelo actor José Carlos dos Santos,
em seu beneficio, no anno de 1879

Quando entro no theatro, e o gaz, que intensamente
na ribalta scintilla,
me vem morder, co'a luz crua e resplandecente,
a apagada pupilla,

Sinto acordar cá dentro as visões do passado,
os vultos ideaes!
e esvoaçar-me n'alma o bando enfeitiçado
das horas triumphaes!

Vejo no espelho interno um homem, que foi Santos,
«jeune et superbe» então!
Que saudades de mim! Fiz rir, fiz verter prantos,
Fui tragico e ratão!

Um dia, inda me lembro, empunhando a Bengala
sentei-me a conversar,
e fiz rir a valer essa apinhada sala
co'o meu discretear.

Fui o estroina gentil, o galã endiabrado,
o astuto Desgenais,
que defende a moral, fulmina o peccado,
com prosa de Feuillet.

Fui tudo e muito mais! Um dia entrei no drama
e lugubre Antony,
entre os bravos da sala, apunhalei a dama,
tendo o marido alli!

Quiz inda rir... não podia!
«Não ha tristeza maior
que recordar a alegria
em horas de intensa dôr.—»
Já vêem que cito Dante...
Ah! mas o cantor do inferno
não viu inferno peior,
do que este em que vivo agora,
pisando o palco hesitante,
envolto em negrume eterno,
saber que inda existe a aurora!
lembrar-me que fui actor!

E fui actor!... Tive a gloria,
o applauso das multidões.
Encarnei vultos da historia,
e do genio as creações!
Aos phantasmas da poesia
dei vida, dei fórma e côr.
Da tua lenta agonia,
o martyr da monarchia
exprime a angustia e o horror!
Ousei modular Molière,
esse silvo de serpente,
que o teu genio omnipotente
faz em Tartuffo vibrar.
Dos hêroes do romantismo
tive o ardente enthusiasmo;
ora o affecto, ora o sarcasmo
veio em meus labios fallar.

Dei a minha alma angustiada
em repasto ás multidões.
Soltei a phrase inflammada
no fogo de mil paixões;
senti cá dentro o martyrio
da sêde dos ideaes;
tive o sagrado delirio!...
E hoje tudo acabou!
Sou cego e nada mais.

Ó doiradas visões dos mundos da poesia,
arte, da minha noite, ethereo rouxinol,
hoje resplandeceis na minha phantasia
como estrellas no céo, quando se apaga o sol!

Sois o sonhar febril da minha noite escura,
a miragem fallaz do meu peregrinar,
os phantasmas gentis da minha sepultura,
o clarão da ardentia em meu revolto mar.

Como em pleno theatro em pleno drama ovante,
cae o panno e separa a louca multidão
o artista, que acordou o applauso delirante,
e lá fica a scismar do palco na soidão...

Cá fóra tudo é luz, e enthusiasmo e festa!
Repete o echo da turba a palavra do actor!
E elle no camarim limpa o suor da testa,
e escuta os bravos, só, em longinquo rumor!

Actor... caiu-me o panno, em treva estou sepulto,
escondeu-se-me a luz, e a cegueira ficou!
Oiço um vago rumor — é da vida o tumulto!
vejo incertos clarões — e a gloria que passou.

Mas não... oiço ainda mais, oiço o echo das palmas,
Sinto o doce calor da fervida ovação!
O sympathico ardor das vossas nobres almas
inda me faz pulsar alegre o coração!

Sois grandes e sois bons, filhos da nobre terra,
que o artista acolhe assim em gratas saudações.
Como a flor que só nasce em levantada serra
só viça o enthusiasmo em grandes corações!

Já estava completamente cego quando recitei esta poesia.

É este o momento de tornar bem publico, que sou devedor ao ex.^{mo} sr. Pinheiro Chagas, como homem e como escriptor, de todos os obsequios imaginaveis. Os nobres e elevados sentimentos de sua alma, e os valiosos trabalhos da sua penna, tenho-os sempre encontrado na minha existencia, tanto quando ainda conservava a minha vista, como agora que as trevas m'a roubaram. O poeta e o orador está hoje ministro da marinha, mas Pinheiro Chagas continua a ser sempre um homem do mais estimavel coração.

O OPERARIO

Recitada no Theatro do Gymnasio, pelo actor José Carlos dos Santos

Senhores, eis-me! aqui venho
Cumprir sagrada missão;
Trago n'alma o nobre empenho
De sentida gratidão!
Venho em nome do operario
Das artes no sanctuario
Meu debil canto soltar;
Venho em honra do progresso
N'este paterno congresso
A humanidade saudar.

Gloria ao nobre pensamento
Que a associação inventou,
Que ao artista n'um momento
Mais ledo porvir creou.
D'antes, se o triste caía
Sobre o leito da agonia
Sem forças p'ra trabalhar,
Não tinha mão caridosa
Que lhe levasse, piedosa,
Um allivio ao seu penar.

Em pobre enxerga prostrado
Bebia os prantos da dôr,
Depois de ter-lhe esgotado
Té as fezes o amargor;
Se d'alli se erguia ás vezes,
Esp'ravam-n'o outros revezes,
Dividas... fome... oppressão!...
Velho, abatido, esmolava,
E córando mendigava
Um quarto ao menos de pão.

Era uma sorte mesquinha,
Mais triste ainda o porvir!
Esperanças não as tinha,
Não lh'iam n'alma sorrir;
Se em torno os olhos volvia,
A desgraça lhe sorria
Como um sarcasmo feroz;
Era um martyrio cruento,
Acerbo, penoso e lento,
Era um soffrer bem atroz!

E quando a hora chegava
Do seu tormento findar,
Quando na morte encontrava
O termo do seu penar,
Não vinha a voz de um amigo
Dizer-lhe: «Aqui 'stou comtigo,
Coragem, animo... irmão!»
Nem tinha quem o amparasse
E aos labios lhe aproximasse
O lenho da Redempção.

E morria ao desamparo
Consomido pela dôr,
Se alguem o chorou foi raro,
Poucos lhe tinham amor;
Envolto em pobre sudario,
Volve o corpo do operario
Á terra d'onde saiu;
Trabalhou emquanto pôde;
Já pobre, ninguem lhe acode;
Morto, ninguem o sentiu!

Mas hoje o fulgurar de um astro novo
Melhor porvir ao operario deu;
Se a dôr as forças lhe roubou do corpo,
Na angustia da miseria não gemeu.

Já não jaz como outr'ora em pobre enxerga
Velado pelo pranto e pela dôr;
Se familia não tem, socios encontra,
Irmãos pela união e pelo amor.

Tem quem o vele na agonia extrema,
Quem lhe receba o derradeiro alento,
Dar allivio aos irmãos até na morte;
Tal foi da Associação o pensamento.

Gloria ao progresso, á Associação, que póde
Do operario a situação mudar,
E d'esta classe a obscura historia
Em pagina brilhante transformar.

Gloria a quem trouxe aos filhos do trabalho
Soccorros d'amizade fraternal;
Dá-lhes não só o pão não mendigando,
Mas tambem um corforto á dôr moral.

Hoje o homem assim associado
Sente desenvolver-se a intelligencia;
A união fraternal torna-o piedoso,
Confia muito mais na Providencia.

Por isso em nome do operario agora
N'este recinto eu vim meu canto erguer,
E a vós, que o protegeis co'o vosso auxilio,
A santa caridade agradecer.

Gloria ao progresso, á Associação, que liga
Os homens por um laço fraternal;
Gloria á philantropia que engradece
Os filhos d'este nobre Portugal.

A CONSCIENCIA

**Poesia do Ex.mo Sr. Fernando Leal,
traducção de Victor Hugo, recitada no Theatro do Principe Real, pelo actor
José Carlos dos Santos,
em seu beneficio, no anno de 1883**

Os filhos todos vão trajando fulvas pelles;
Sinistro, desgrenhado, em companhia d'elles,
Da presença de Deus fugindo, vae Caim.
Exposto aos vendavaes, cansado, chega assim,
De noite, a uma planicie onde se eleva um monte;
Seus filhos e a mulher, com o suor na fronte,
Dizem: «Vamos dormir deitados sobre a terra.»
Mas não dormiu Caim, scismava ao pé da serra.
Erguendo a vista ao céo, de nuvens enlutado,
Viu um tremendo olhar agudo em si cravado,
Da torva escuridão medindo-o com furor.
«Inda é perto,» exclamou cheio de fundo horror.
Os filhos acordam e a fatigada esposa;
Poz-se então a fugir com rapidez pasmosa;
Trinta dias correu, absorto, pensativo,
Medroso, sem fallar, tremendo convulsivo
Ao mais leve rumor, n'uma afflicção voraz,
Pallido, sem dormir, sem olhar para traz;
E assim chegou á praia atè onde se estende
A região d'Assur. A marcha alli suspende;
Diz: «O asylo é seguro; eis os confins do mundo.»
E, ao assentar-se, viu no triste céo profundo,
Sempre da mesma banda o olhar, sempre a fital-o.
Estremeceu então com um medonho abalo;
«Escondei-me!» gritou; e os netos, presa a voz,
Viram todos tremer o velho avô feroz.
Caim disse a Jabel, o pae, segundo as lendas,
Dos que vão no deserto armar as suas tendas:

«Levanta d'este lado o pavilhão, Jabel.»
E armou-se então alli o ambulante quartel;
E, quando se firmou com pesos de metal,
«Já não vês nada, avô?» lhe disse a virginal
Tsilla, a meiga criança, a loira neta linda.
E Caim respondeu: «Vejo esse olhar ainda.»
Jubal, pae dos que vão por villas e arredores
Soprando nos clarins, batendo nos tambores,
Gritou: «Eu vou fazer uma barreira emfim.»
Fez um muro de bronze, e poz atraz Caim;
Mas Caim disse: «O olhar lá está e não me larga!»
Henoch brada: É mister uma linha tão larga
De torres, que nenhum olhar passe por ella;
Uma forte muralha e, dentro, a cidadella;
Funde-se uma cidade e cerque-se de muros.»
Tubalcaim, o pae d'esses ferreiros duros,
Uma enorme cidade ergueu, quasi divina.
Emquanto elle a construe, os outros na campina,
Afugentam de Seth os filhos e os d'Enós,
Os olhos arrancando aos que se encontram sós;
Lançam frechas ao ar, de noite, contra os astros;
A pedra succedeu á tenda erguida em mastros;
Ligou-se o paredão com duros nós de ferro;
Parecia a cidade um infernal desterro;
A sombra da muralha escurecia as terras;
Deram a cada torre as dimensões das serras;
Gravaram sobre a porta: «Aqui não entra Deus.»
E, arrojando esta luva á colera dos céos,
Fecharam n'uma torre o velho fratricida;
Ficou n'uma attitude inerte, espavorida;
«Ó meu pae, já não vès o olhar?» perguntou Tsilla;
Respondeu: «Não me larga a tétrica pupilla!»
E ajuntou: «Vou morar debaixo d'uma lousa,
Qual morto que na cova escura emfim repousa:
Ninguem mais me verá, nem eu verei mais nada.»
Fez-se a cova; e Caim, com a alma acovardada,
Baixou sinistramente á abobada sombria.
E, quando se assentou sem vêr a luz do dia,
Ficando na cova, assim, entrou, sepulto em vida,
Lá estava dentro o olhar — fitando o fratricida.

Algumas palavras do prologo do «Tartufo» pelo visconde de Castilho

Foi Molière, no consenso universal, poeta moralista dos mais finos quilates, e mestre, que o ha de ser no theatro, e do theatro, para todo sempre.

No farto catalogo das suas comedias algumas avultam ainda hoje havidas por eternos e nunca excedidos exemplares de graça, verdade, e sã doutrina.

Entre as que assim avultam, avulta mais que todas a do *Tartufo*. Não ha povo de meã civilisação litteraria, que não tenha aspirado a passar, com mais ou menos fortuna, ou desfortuna, para a sua lingua vulgar este monumento de inescurecivel genio, que é, ainda por cima, para todos os povos e em todas as edades, proveitosissima licção.

Deixadas no silencio, em que merecida e irrevogavelmente cairam, as traducções que em nossa lingua se perpetraram d'esta e d'outras comedias do grande homem, pesava-nos que ninguem, dotado de alguma força e muito boa vontade, se aventurasse á façanha de o trazer para entre nós.

Cresceu-nos este pesar, quando, pelos fins do anno de 1866, assistimos em Paris a uma representação do *Tartufo*, no insigne theatro da Comedia Franceza. Deram-nos tentações de arcar com o gigante, mas reparámos tambem em nós, e cohibimo-nos; não nos sentiamos David para tão descommunal duello.

Restituidos aos applicados ocios do nosso recantinho, quando nem já talvez nos lembra-

vam aquellas temerarias veleidades, procura-nos o nosso distincto e ousadissimo actor José Carlos dos Santos, e nos roga empenhadamente lhe passemos a alexandrinos portuguezes, para a sua festa no theatro do Principe Real, a comedia do *Tartufo*. Regeitou-nos escusas e constrangeu-nos a affiançar-lhe que pelo menos experimentariamos a mão em trabalho de si tão arriscado e melindroso.

Pozemo-nos a elle incessantemente, e em vinte dias contados, podémos escrever-lhe que se achavam emfim os seus desejos preenchidos.

O *Tartufo* portuguez foi lido perante um auditorio explendido, a convite e no proprio theatro do actor empresario. Applaudiu-se Molière, copiaram-se logo os papeis, e tudo augurava optimo exito á representação, quando a doença de uma das principaes actrizes veiu embargar, e afinal tolheu, o nosso já então commum empenho.



TARTUFO

ACTO III — SCENA III

TARTUFO E D. ISAURA

TARTUFO

Um homem póde amar as coisas eternaes,
amando ao mesmo tempo objectos mundanaes.
Fez Deus as perfeições para enlevar a gente.
As graças que reune em si o Omnipotente
reflete-as pelo sexo em cujas formosuras
se adora repartido o bello das alturas!
Porém do sexo todo, outra nenhuma encerra
como Isaura, em tal copia, os dons dos ceus á terra!
É tanta a luz de Deus que n'esse rosto brilha,
que enleva os corações e os olhos maravilha!
Apenas a avistei, n'essa sem par belleza
admirei mais a Deus que em toda a natureza;
e extatico, incendido, ao Creador fui grato
por me ter amostrado o seu melhor retrato!
A principio temi não fosse o que eu sentia
armadilha subtil que Satanaz me urdia;
lembrou-me até fugir, com medo que esses olhos
á minha salvação não fossem dois escolhos!
Mas tambem reflecti, minha celeste rosa,
poder esta paixão não ser peccaminosa,
uma vez que a modestia a sujeitasse a freio;
e assim foi: trago-a n'alma e ferve-me no seio!
É (não quero negal-o), um grande atrevimento
vir eu d'esta affeição fazer-lhe o off'recimento!
Se m'a acceitar, senhora, haverá sido effeito
só do bom natural d'um anjo tão perfeito,
que eu por mim nada valho! Em suas mãos deponho
a minha esp'rança, os bens, as glorias com que sonho!
Ao seu arbitrio fica: ou terna, ou desabrida,
tornar-me inferno o mundo, ou pôr-me um ceu na vida!

Meu caro sr. José Carlos dos Santos

Lisboa, 28 de janeiro de 1873.

Quando antes d'hontem, domingo, ia para o nosso theatro, enganado como tanta gente, levava-lhe, para lh'a offerecer para a sua pasta, a carta que n'essa manhã recebera do meu Camillo Castello-Branco, e que hoje lhe remetto inclusa na presente, renovando-lhe por esta occasião os meus parabens.

Na manhã do mesmo dia cá recebi tambem os bilhetes de visita de todas as senhoras, e de todos os homens da nossa inexcedivel companhia. Foi um novo e grande favor com que todos e todas me deixaram empenhado para sempre em gratidão. Peço que os abrace por mim a um e um, emquanto o não posso ir fazer pessoalmente em suas proprias casas, ou no theatro, testemunha dos applausos que pelos esforços d'elles tenho recebido.

A quem com tanto acerto emprega as suas horas todas para a civilisação artistica da patria, não é bem que se roubem nem minutos; por isso termino já aqui, assignando-me, com verdadeira ufania, do primeiro actor portuguez, e agora creador do nosso theatro normal e classico

Consocio, collaborador, e servo gratissimo

CASTILHO.

A comedia que vae seguir foi a ultima que estudei ainda com vista.

Fui tambem eu quem, pela primeira vez, levei á scena o meu bom amigo Ramalho Ortigão, de quem é a traducção da peça.

Durante a minha administração theatral subiram á scena quatro producções d'aquelle distincto escriptor, que são quatro primores de linguagem: — *Antony*, *Sphinge, Marquez de Villemer* e *Acrobata*.

O theatro normal deve ter sempre no seu reportorio uma peça d'um escriptor, de quem as traducções valem tanto como os melhores originaes.

Coisa notavel! O publico custou a costumar-se áquella fórma verdadeira de fallar, e ás vezes parecia que desejava applaudil-o e ao mesmo tempo pateal-o!... Tinha medo d'elle, do seu realismo, da naturalidade das suas phrases.

Uma noite chamou-o tres vezes á scena, e, na ultima, meia duzia de individuos patearam-no. Perguntando eu depois a alguem que vinha da sala de espectaculo, o motivo d'este facto, responderam-me: — Embirram com elle, porque traz umas gravatas que ninguem usa!!...

O ACROBATA

Comedia em 1 acto por Octave Feuillet

VERSÃO PORTUGUEZA DE RAMALHO ORTIGÃO

PERSONAGENS

Senhor de Solis	**Joanna**
Gastão	**Um criado**

Um aposento elegante. Dois sofás, um á D. perto d'uma meza carregada d'albuns, o outro á E. — Um fogão com lume á D. — Por cima do fogão, encaixilhado n'uma abertura do muro, um grande vidro. Dois candelabros sobre a chaminé. — Uma porta ao F., no meio. Candieiros accesos em cima de mesas.

SCENA I

JOANNA, *só, n'um sofá á D.; pensa com a cabeça apoiada na mão.*

Joanna (*levantando-se vagarosamente, com indecisão*). Seria uma tolice! (*Aproxima-se da chaminé e parece ainda hesitar.*) No fim de contas, é uma creancice, talvez... Não é mais nada. (*Toma um phosphoro de cima da chaminé, accende-o no lume do fogão, e chega a luz em seguida a 3 ou 4 velas d'um dos candelabros. Emquanto ella se occupa com este trabalho, o sr. de Solis entra pela porta do F.*)

SCENA II

JOANNA *e* SOLIS

Solis (*a Joanna, que ainda não deu por elle*). Oh! illumina-se?... (*Ao criado.*) Que não tirem os cavallos da carruagem.

Joanna (*surprehendida e ligeiramente confusa*). Ah! desculpe.... É que estes candieiros dão tão má luz!... Fazia tristeza... Mas, effectivamente, nada mais facil do que fazermos esta economia. (*Sopra as velas.*)

Solis (*que se tem aproximado*). Mas por quem é... então? Não desejo que a menina desmanche por minha causa um programma tão modesto como este... (*Accende todas as velas; Joanna parece cuidadosa.*) Ora ahi está!... Não se vestiu?... Resolve então não sair?

Joanna (*com agitação*). Resolvo... Confesso-lhe que me sinto cançada. (*Senta-se outra vez.*) Tres noites de baile a seguir: preciso de respirar... Mas como foi que voltou tão cedo?... Não o esperava já em casa, a estas horas.... Cuidei que tinha sessão do conselho esta noite e que ia para lá depois do jantar.

Solis. E vou. Mas, como passei por aqui e tinha ficado com a carruagem, lembrei-me de subir para lhe perguntar se quereria sair, porque a levava commigo.

Joanna. Obrigado... Não, eu já agora não saio. De mais a mais minha mãe ficou de vir hoje... Além do quê, poderei tambem ter visitas... Finalmente, fico... para quem vier. E então o seu jantar? Esteve bom? havia muitas *toilettes?*

Solis. Como *toilettes?* Então não lhe disse que era um jantar de homens?

Joanna. Ah! sim... é verdade!... E d'ahi? Conversaram muito?

Solis. Fallou-se de mulheres... immenso! E disse-se muito bem d'ellas.

Joanna. Ah!... E a que proposito?

Solis. A proposito d'essa tal senhora, d'essa ingleza, lady Foster, que se fez raptar por um acrobata, por um palhaço, um cavalleiro de circo, um clown, ou coisa assim... lindissimo rapaz, dizem.

Joanna. E que é que poderam dizer em bem d'essa senhora?

Solis. Todo o bem que se pode dizer d'alguem n'este mundo... E egualmente dissemos bem do acrobata.

Joanna. E diga-me: jantou... muito?

Solis. Eu! A menina sabe que não tenho vicios.

Joanna. É exacto.

Solis. E tenho alguma pena de os não ter. Parece-me que lhe havia de agradar mais, se os tivesse.

Joanna. Pode ser.

Solis (*sentando-se n'uma cadeira á D. do sofá*). Pois é verdade. São unanimes todas as vozes em entoar o elogio de lady Foster, e em obzequio a ella o elogio do sexo todo em geral... «Que sinceridade!...» diziamos nós... Que franqueza na paixão! Como elles se sabem dar, estes corações de mulher, plenamente, nobremente, sem calculo, sem reserva, sem egoismo! Estava ahi muito socegada essa senhora, a quem não faltava nada. Tinha a gerarchia, tinha o dinheiro, tinha a consideração... Um palacio em Londres... casas magnificas por toda a parte... Todas as alegrias e todas as dignidades da vida. De repente ama. O seu coração estremece, e acabou-se tudo. Pega em si, e parte. Parte para a ruina, para a vergonha, para a miseria, para a morte.... Para onde quizerem! Pois muito bem: isto — é brilhante!

Joanna. Sou inteiramente d'essa opinião!

Solis. Está claro que sim. Não tem que vêr. É brilhante. E note a menina que essa senhora não levou comsigo a sombra d'uma *bank-note*, nem um só diamante! Tinha-se casado sem nada, partiu sem nada... E é isto que faz com que a gente admire tambem — o acrobata. Porque, emfim, trata-se d'um homem cuja existencia é extremamente precaria, que não tem para viver senão aquillo que ganha com a sua miseravel profissão... e que infallivelmente se vae vêr em supremos embaraços!

Joanna. É de suppôr.

Solis. Foi por isso que nós concordámos todos em que elle era apenas quasi nada menos heroico, ao seu modo, do que lady Foster ao modo d'ella... e que finalmente são verdadeiramente dignos um do outro. Sómente nós fizemos entre os dois uma differença, e vem a ser, que lady Foster é um perfeito specimen do seu sexo, ao passo que Carnaby... elle chama-se Carnaby... Carnaby, para o nosso sexo, é um caso d'excepção!

Joanna. Ah!...

Solis. Com certeza, esse individuo é phenomenal. Oh! nós, os homens, fazemo-nos inteira justiça uns aos outros, assim como a fazemos ás mulheres. É verdade que uma das suas superioridades sobre nós é esse arrôjo, essa abnegação, essa... direi loucura, isenta de todo o calculo e de todo o interesse vulgar, com que as mulheres se lançam na paixão. Não ha creatura nenhuma das do seu sexo, que não esteja prompta, como lady Foster, a jogar toda a sua vida no amor, a deixar tudo, a quebrar com tudo, a affrontar tudo para seguir até o fim do mundo o homem que ama. Fazem mais do que resignar-se a esse absoluto sacrificio... Querem têl-o, pedem-n'o, imploram-n'o! (*Com um tom repentinamente serenado.*) Ora nós outros, geralmente, nem pensamos n'isso. No ponto de vista social é uma fortuna que assim seja... Mas não nos faz honra nenhuma ao nosso coração essa fortuna! Não é porque nos sejam desconhecidos os rasgos da paixão... Graças a Deus, somos perfeitamente capazes de os ter... Porém raciocinamos os nossos rasgos! Gostamos de os conciliar com os nossos habitos, com as nossas occupações... E se o amor podér ter a bondade de entrar na nossa vida sem a desarranjar, esse respeito para com a nossa tranquillidade considera-se particularmente obzequioso.

Joanna (*com desagrado comprimido*). Oh! pela parte que lhe toca estou convencidissima que é assim... Mas não será possivel que seja a sua individualidade a que faz uma excepção mais rara ainda do que esse admiravel acrobata, e que nenhum outro homem no mundo tenha sobre as suas paixões o imperio de que o senhor se gloría? que nenhum outro possua no mesmo grau essa arte de regular agradavelmente os movimentos do coração, moderando-os ao seu geito e á sua vontade, e até supprimindo-os inteiramente, o que é infinitamente mais commodo! Eu sou ainda nova e sou principalmente muito inexperiente... mas parece-me que essa maneira tranquilla — confortavel — d'amar não pode suscitar nunca as grandes paixões tão dedicadas e tão heroicas cujo elogio lhe ouvi ha pouco... E permitta-

me acreditar que se ainda ha mulheres que experimentem esses sentimentos, é porque ainda ha tambem homens que os mereçam.

Solis (*levantando-se e passando para a E.*) Que os inspirem... que os inspirem ainda ha; que os mereçam, não. Mas o que eu não sei realmente é por que motivo a menina me envolve a mim na questão!... E uma personalidade gratuita... Nós estamos tratando dos namorados, dos amantes... Eu sou casado, sou seu marido. (*Inclinando-se cortezmente.*) Não tenho absolutamente nada com essas coisas.

Joanna. Pois não comprehendo porque o não tenha.

Solis (*[illegible]*). E pena que o não comprehenda... Mas tenho que a deixar, minha [illegible]... E verdade, diga-me uma coisa: tem estado por acaso com seu primo de Nevil[illegible]e. [illegible]

Joanna. Sim, ainda uma d'estas noites em [illegible] se se não [illegible] Tenho [illegible]

tanto em que cuidar... Mas qualquer d'es[illegible] dias vou-lhe deixar um bilhete... Quando volta elle para Florença?

Joanna. Fica em Paris agora, no ministerio dos estrangeiros.

Solis. Ah! melhor! então tenho tempo... Até amanhã... Respeitos a sua mãe.

Joanna. Até amanhã!

SCENA III

JOANNA (*só*)

(*Levanta-se.*) Que martyrio! o que eu padeci! E que medo que tive!... (*Lança uma vista d'olhos á janella.*) E que assumpto de conversa, meu Deus! Que coincidencia!... Foi o acaso? Seria uma suspeita? Oh! suspeita de quê?... Se não ha nada, absolutamente nada de que suspeitar!... O meu unico erro foi ter dado um ar de mysterio a esta entrevista tão simples... tão innocente na minha intenção... Feli[illegible] Deus [illegible] Gastão viu a carruag[illegible]

á porta, reconheceu-a e não subiu. Ah! decididamente não nasci para estas commoções.

Um Criado (*abre a porta e annuncia*): O senhor de Neville.

Joanna. Ah!

SCENA IV

JOANNA *e* GASTÃO

Joanna (*que retomou o seu logar no sofá, á D.*). Não o esperava.

Gastão. Que acolhimento!... Porquê?.... Houve alguma coisa?

Joanna. Meu marido acaba de sair d'aqui.

Gastão. Bem sei.

Joanna. Voltou a casa esta noite contra o seu costume... E disse-me as coisas mais singulares... Estou receiosa, atormentada, inquieta... Peço-lhe que se vá embora.

Gastão. Minha querida prima, permitta-me dizer-lhe que não comprehendo a sua inquietação... Eu venho simplesmente fazer-lhe uma visita... Não pode a prima receber-me como a qualquer outro!... um pouco mais até do que a qualquer outro, na minha qualidade de parente e de antigo conhecido?

Joanna. Decerto... Mas esta infeliz invenção para lhe dizer que estava só... aquellas luzes, um signal dado... Hontem, no aturdimento do baile, pareceu-me uma simples brincadeira como as do nosso tempo de creanças... Agora reconheço que tudo isto me dá um máu ar detestavel... E todavia Deus sabe se é innocente ou não este pequeno ardil! Porque a verdade é que, o que eu tenho a dizer-lhe n'esta mysteriosa conferencia, são coisas que meu marido poderia perfeitamente ouvir.

Gastão. Nunca tive a fatuidade de suppôr outra coisa, minha prima... Entendi sempre que vinha aqui esta noite a uma entrevista... de amizade. (*Senta-se em uma cadeira, á E.*)

Joanna. Pois melhor o hade entender ainda quando se fôr embora. Vou-lhe fallar com toda a franqueza, Gastão: esta conferencia, esta entrevista, se o primo m'a não tivesse pedido, pedia-lh'a eu. As nossas rapidas conversações na sociedade, por entre a multidão, não basta-

vam para que nos explicassemos bem, um ao outro, a nossa mutua situação e para que fixassemos o caracter legitimo das relações que devemos ter.... no caso de devermos ter relações.

Gastão. No caso de devermos ter relações?

Joanna. Sim, e esta explicação pareceu-me tanto mais necessaria quanto o primo me tem parecido incerto a respeito dos termos em que deve viver commigo, a julgal-o por alguns lapsos de linguagem, desagradavel para mim.

Gastão. N'esse caso bastará que a prima tenha o incommodo de me dizer quaes são esses desmandos para que eu me cohiba. Mas supplico-lhe que comprehenda a perturbação de espirito que eu devia necessariamente sentir ao tornar a vêl-a... (*A um gesto de Joanna.*) Perdão, o que eu digo parece-me, por emquanto, perfeitamente admissivel... Quando ...ado para Florença, ha tres annos, ... amigos, não é verdade? Com- ... da mocidade, habitua- ... de confiança e de ... casada...

É preciso confess... rivel... (*Inclinando-se.*) ... é natural que na sua presença, ... tão novo, eu me ache... como lh'o ... Em terra alheia!

Joanna (*um tanto ironica*). Sim?... Pois bem, é exactamente esse embaraço, admissivel em certo ponto, que eu desejo fazer cessar. Nada mais facil, se quizer... Diz-me que era antigamente meu amigo... Continue a ser o que era.

Gastão. Com toda a vontade e de todas as véras.

Joanna. Mas, entenda-me bem... Eu não vejo effectivamente, que uma amizade permittida a uma rapariga tenha de ser vedada a uma mulher. Estou pois inteiramente disposta a renovar a estima que nos ligava n'outro tempo... e que hoje me deve ser ainda mais dôce, mais util até, segundo creio, mas com uma condição expressa: é que as nossas relações me hãode dar absoluta confiança, e que se conservarão sempre religiosamente dentro dos seus limites... Emfim que esta amizade seja muito sin-

ceramente a amizade, e nada mais. Heide esquecer-me d'algumas palavras de galanteria ridicula, que ultimamente me tem dirigido, mas não quero tornar mais a ouvir-lh'as. Veja se isto lhe convem, e responda-me como um homem de bem.

Gastão (*com tom penetrado*). Obedecerei.

Joanna. Mas... fico inteiramente certa d'isso...

Gastão. Fique.

Joanna. Bem! está dito. (*Estende-lhe a mão, e como Gastão quer beijar-lh'a*): Não, assim não... a sua mão! Como antigos camaradas! (*Apertam-se a mão.*) Agora conversemos. (*Gastão não tem que dizer.*) Falle-me da sua vida em Florença, dos seus projectos, do seu futuro... das coisas que o interessam, emfim!

Gastão (*rindo*). Mas o que mais me interessa é naturalmente a prima. Portanto, para entrar immediatamente no desempenho do meu papel e no uso dos meus privilegios, permitta-me uma verdadeira pergunta d'amigo: É feliz?

Joanna (*friamente*). Muito feliz.

Gastão. Não me surprehende a sua felicidade, porque—apesar de não ter a honra de conhecer pessoalmente o senhor de Solis...

Joanna. A proposito: elle encarregou-me de lhe pedir desculpa da falta em que está d'uma visita.

Gastão (*inclina-se e continúa*): Apesar de não ter a honra de conhecer pessoalmente o senhor de Solis, não oiço dizer senão bem d'elle.... Parece que é um homem encantador.

Joanna (*attenuando*). Oh! emquanto a encantador... É distincto.

Gastão. Extremamente instruido...

Joanna. Isso sim; muitissimo instruido.... (*Rindo com certa amargura.*) instruido de mais para uma pobre ignorante como eu.

Gastão. Com muito espirito.

Joanna. Sim, um espirito um pouco sarcastico... um pouco frio, um pouco agudo... mas com effeito muito espirito.

Gastão. Chega então mesmo, pelo que me diz, a ser um bocadinho original.

Joanna (*sublinhando*). Um bocadinho.

Gastão. E em cima de tudo isso um caracter de ouro, segundo dizem. Muito complacente, muito dado...

Joanna. Muito indifferente sobre tudo... Um impassivel.

Gastão. Isso. dir-lhe-hei, é caracteristico de todos os homens que militaram... Eu sei que o senhor de Solis foi official de estado maior e serviu com notoria distincção. Teem-me citado d'elle muitos rasgos d'um valor extraordinario. Na campanha d'Italia, por exemplo... Mas a prima deve saber, melhor do que eu. a historia de seu marido...

Joanna. É effectivamente um homem raramente valoroso... De resto, não sei se me engano. mas parece-me que os homens sem imaginação devem ser mais facilmente valentes do que os outros...

Gastão. Ha sempre um grande merito em ser valente. com imaginação ou sem ella. Emfim. querida prima. tantas qualidades reunidas a uma excellente casa. explicam perfeitamente a sua acertada escolha. Mas queira dizer-me: ... fez este casamento? Quando eu tive ... me afastar da prima, para se... não estava nada resol... conhecia o senhor de Solis... E, um anno depois, apenas um anno depois de eu ter partido, um bello dia cae-me esta noticia como um raio!

Joanna (*rindo com esforço*). Oh! como um raio! (*Levanta-se, approxima-se do fogão e aquece os pés ao lume.*)

Gastão (*vivamente*). Ah! permitta...

Joanna (*rindo*). Não, peço-lh'o eu... Eu lhe conto; foi muito simples o que se passou. O senhor de Solis tinha viajado por algum tempo depois de ter deixado o serviço militar. Tinha acabado de chegar a Paris, quando o primo partiu... Minha mãe agradou-se d'elle, e acceitou-o immediatamente... Eu puz algumas hesitações... esperei; pedi tempo; mas finalmente... finalmente, achando-me sufficientemente edificada, deixei de hesitar.

Gastão (*de pé, em tom muito serio*). Será preciso que lhe jure, minha prima, que a noticia d'este casamento chegou ao meu conhecimento exactamente na vespera do dia em que elle se devia effectuar?

Joanna (*ironicamente*). É muito verosimil. Mas eu não lh'o pergunto.... e ficar-lhe-hei

muito particularmente agradecida se sobre esse ponto tiver a bondade de não insistir.

Gastão (*com vivacidade*). Perdão! perdão! Que se me permitta não lhe fazer censuras, entende-se; mas que além de as não fazer, tenha ainda por cima de as ouvir, isso parece-me um tanto duro!... Eu bem sei que na occasião em que sahi de Paris, não havia entre nós nenhuma promessa, nenhum emprasamento formal... mas a prima conhecia os meus sentimentos,.. a mim parecia-me conhecer os seus... O que é que eu ia fazer a Florença? Ia ganhar tempo, exigido pela minha familia, que é tambem a sua. Ia conquistar uma posição que me auctorisasse a confessar as minhas esperanças, a pedir um dia o premio d'uma affeição... unica na minha mocidade... unica na minha vida!

Joanna. Oh! esquece-se depressa das nossas convenções, Gastão... (*Passa para a E. e vae sentar-se no outro sofá.*)

Gastão. As nossas convenções não as esqueço... mas, se ellas me obrigam emquanto ao presente e emquanto ao futuro, o que não podem é obrigar-me a renegar e a calumniar o meu passado!... Pois pode imaginar que ao saber d'este casamento me fosse possivel, n'esse mesmo dia, n'esse momento, abafar todos os sentimentos que enchiam a minha alma, que constituiam a minha existencia depois de tantos annos... reduzil-os de repente a uma simples recordação da infancia, a uma pura estima de parentes?... Mas eu nem sequer tentei conseguil-o!... Estava longe, felizmente... Não havia lei nenhuma, nem de consciencia, nem de respeito, nem de honra, que me constrangesse... Pois bem, este casamento de que eu tinha conhecimento, não acreditava que elle se tivesse feito... Não o queria acreditar! Contra toda a esperança, continuei a esperar.... contra toda a razão, continuei a amar.

Joanna (*com voz rapida*). Gastão, lembre-se que já não está longe, que está agora diante de mim.

Gastão. Porque voltei eu? Lá a minha triste loucura era uma felicidade, comparada com o que venho encontrar aqui! Contei de mais com a minha coragem... Por isso, custe-me o que

custar, estou resolvido... e tomei já para esse fim as competentes medidas... vou partir.

Joanna. Não... Não me prive da sua amizade, visto que eu lh'a peço.

Gastão. A minha amizade! Para que precisa da minha amizade! Para que lhe pode ella servir?... A prima é feliz!

Joanna (*com uma amargura e uma commoção crescente*). Feliz... sim... sou effectivamente feliz.. tanto quanto se pode ser feliz quando o aturdimento se substitue á felicidade... quando toda a verdadeira affeição nos falta... quando occupamos em nossa casa não o logar d'uma mulher querida, mas o de uma creança desdenhada... quando se vive constantemente com o coração comprimido, humilhado, gelado.... sob a ironia mais desdenhosa e mais altiva!

Gastão. Como!... Pois é possivel, Joanna?!

Joanna (*repellindo-o e levantando-se com altivez*). Oh! estava cheio de mais o meu coração... Mas esta minha fraqueza acabou tudo. Fallava-me de partir... tinha razão... agora sou eu que lh'o peço, que o exijo!

Gastão (*pegando-lhe na mão*). Partir eu... agora! Quando sei que é infeliz! Partir, sim, Joanna, mas comsigo, se quizer: (*Movimento de susto de Joanna*). Se quizer, comsigo! Só não, não parto. Poderia respeitar a sua felicidade, Joanna; mas o seu infortunio esse prende-me para todo o sempre aos seus pés!

Joanna (*muito perturbada*). Deixe me!

Gastão (*á D. junto do sofá, ajoelha-se devagarinho, e enlaça pouco a pouco a cintura da senhora que está sentada*). Não, não a deixarei mais... Aqui e em toda a parte as suas lagrimas são minhas, e a minha vida pertence-lhe. Oh! se o bello sonho que enganava as tristezas do meu desterro, podesse tornar-se uma realidade á sua voz! Na Italia, sob esse ceu abençoado, n'essa terra encantadora, que festa associarmos o nosso amor... a todos os encantos em que penetram os olhos e o pensamento. Quantas vezes, lá, eu me illudia, imaginando-o! Porque a sua imagem ia commigo para toda a parte... Lá a encontraria, a sua imagem adorada impressa em tudo quanto me era caro. Então, Joanna, então não tornaria a dizer que não é amada.

Joanna (*com desvairamento*). Não me falle, deixe-me!

Gastão (*attrahindo-a a si*). Amada... não... adorada! (*Beija-a na testa.*)

SCENA V

Os mesmos e o SR. DE SOLIS

A porta do F. abre-se, o sr. de Solis apparece. Joanna dá um pequeno grito e ergue-se espavorida. Gastão fica em pé junto d'ella fazendo frente ao sr. de Solis. Solis, pallido, com as feições contrahidas, parece hesitar. Dá um passo ameaçador. Depois, de repente, com voz surda:

Solis. Um momento! (*Sae rapidamente pela D.*)

SCENA VI

JOANNA *e* GASTÃO

Joanna (*perdida, correndo á porta e voltando*). Oh! fuja! parta! Vá depressa... depressa... em nome do ceu!

Gastão (*simplesmente*). Não pode ser.

Joanna. Mas não comprehende então isto? É o perigo... é a morte!

Gastão. Veremos!

Joanna. Por quem é... deixe-me só... Eu nada tenho que receiar, estou certa d'isso... deixe-me... parta... peço-lh'o de joelhos. (*Ajoelha-se-lhe aos pés.*)

Gastão (*levantando-a e amparando-a*). Não posso, minha pobre senhora; peço-lhe que não insista, é inutil... Perdôe-me! perdôe-me!

Joanna. Piedade, meu Deus, piedade! (*Lança-se no sofá e esconde a face nas mãos. Ouvem-se-lhe os soluços. Gastão dá resolutamente alguns passos e fica em pé, serio e grave, com os olhos fitos na porta. Longa pausa.*)

Gastão (*admirado, e ligeiramente incommodado já, depois d'esta longa e anciosa espera*). É singular! (*Nova pausa de inquietação e de silencio. Gastão volta-se lentamente para Joanna, a qual, surprehendida tambem, ergue a cabeça e interroga com o olhar.*) É singular! que quer isto dizer? Comprehende? (*Ella faz tristemente signal de que não.*) Que vem a ser isto?

Joanna (*infantilmente*). Não sei.

Gastão (*perdendo a serenidade e dando alguns passos embaraçadamente*). É excessivamente extraordinario... (*Como tendo uma idéa subita e voltando-se de repente para a senhora.*) Este sujeito era o seu marido, não era?

Joanna. Decerto que era.

Gastão. É que eu mal o conheço... vi-o apenas uma vez ou duas... E isto é realmente tão fóra dos costumes... (*Aproximando-se d'ella.*) Elle disse: «Um momento...» Não foi o que elle disse?

Joanna. Creio que foi.

Gastão (*cada vez mais perturbado*). Mas emfim... parece-me... geralmente fallando, que *um momento* não é isto... é menos!

Joanna (*levantando e estendendo as mãos, do seu logar*). Parta!

Gastão. Não, minha senhora, isso não! Posto que, realmente, eu começo talvez a principiar a ter o direito de partir.... porque isto não tem commentarios... isto não tem nome... é inteiramente inqualificavel! Ninguem deixa um homem n'uma situação d'estas. Dizia v. ex.ª que elle era um pouco original?... Mas tudo quanto ha de mais original n'este mundo, entendo eu!

Joanna (*levantando-se de repente*). Ouço-o... é elle!

Gastão. Melhor! tudo é melhor do que isto!

SCENA VII

Os mesmos e SOLIS

Solis (*gravemente a Gastão*). O senhor de Neville, creio eu? (*Gastão inclina-se levemente.*) Sr. de Neville, eu sou inimigo do barulho, do escandalo, do drama. Receei ha pouco que me faltasse a frieza e quiz tranquillisar-me. Agora desejo antes de mais nada ter um momento de conferencia com minha mulher... Mas peço-lhe que se não retire; attendel-o-hei dentro de poucos minutos.

Gastão (*indeciso, lançando um olhar inquieto a Joanna*). Sr. de Solis...

Solis. Oh! socegue... O senhor não sabe

quem eu sou; não tenho violencias com as mulheres...

Gastão. Fico ás suas ordens. (*Sae pelo F.*)

SCENA VIII

SOLIS e JOANNA

Solis. Socegue, socegue, Joanna... Queira-se sentar alli... Que lhe fiz eu, diga-me, para lhe merecer a offensa mortal que acaba de me fazer?

Joanna. Bem sei que não tenho justificação nenhuma.

Solis. Então?!

Joanna. Não era amada; é quanto tenho que dizer. Não sei o que me espera, mas confesso-lhe que nada me poderá parecer mais cruel do que essa indifferença glacial e desdenhosa com que o senhor me desesperava.

Solis. Muito bem. Queira ouvir. Ha muito tempo que eu tenho considerado como uma lei achar-me sempre preparado para tudo, para o mal e para o bem... Mas principalmente para o mal... E esperando do fundo da minha alma que uma hora tão dolorosa como esta me não estaria nunca reservada, não quiz todavia que se ella um dia viesse, me encontrasse desprevenido, sem um expediente prompto; porque as resoluções tomadas repentinamente em similhantes momentos não são a maior parte das vezes nem as da razão, nem as da honra. Eis aqui pois o que se dá: A menina não ama o seu marido, e ama o Sr. de Neville. Entendeu que podia dar-me a sua vida; enganou-se; a sua vida pertence a outro, o qual, pela parte que lhe toca, está egualmente resolvido a consagrar-lhe a sua existencia. Se o divorcio existisse nas nossas leis, o que teriamos que fazer n'este caso seria simplesmente recorrer ao divorcio. A falta da lei poderemos substituil-a pelo nosso consentimento mutuo. O seu, já se vê, está dado, eu dou-lhe o meu. Não temos filhos, o que é uma felicidade; os laços que nos prendiam, ficam assim muito mais faceis de desatar. Desde este momento portanto a menina é livre, e pode dispôr de si como quizer. Accrescento ainda—e a este respeito permitto-lhe o direito de pensar o que muito bem

quizer, — accrescento que estou egualmente resolvido a não provocar o Sr. de Neville.

Joanna (*a meia voz*). Obrigado.

Solis. Não tenho duvida mesmo de encarregar a menina, se assim o quizer, de lhe participar o resultado d'estas combinações, porque, como pode certamente calcular, uma conferencia do genero da que tem de ser a minha com o Sr. de Neville, ainda quando não é perigosa é desagradavel.

Joanna. Obrigado.

Solis. Excepto, já se entende, se fôr o Sr. de Neville o que deseje conferenciar commigo. Para tudo isto não ponho senão uma condição... E verdadeiramente nem uma condição é, é apenas um conselho que tomo a liberdade de lhe dar. Estimaria muito que fizesse parte dos seus futuros projectos a resolução de viver fóra de França... Ha muitas razões para que evitemos todos o continuar a residir de hoje em diante no mesmo paiz... E se fosse eu que tivesse de exilar-me, confessará de certo que não seria uma coisa justa. Emquanto á sua fortuna pessoal...

Joanna. Por quem é!...

Solis (*friamente*). Creio que não faz tenção de que eu lhe fique guardando o seu dinheiro... Lamento muito ter de fatigal-a com estes pormenores, indispensaveis. Succede, por um feliz acaso, que todos os seus bens se acham em titulos de credito cujo valor se liquida d'um dia para o outro. Se a menina quizer ter o incommodo de passar ao meu escriptorio, ahi lhe entregarei os seus papeis, e a porei rapidamente ao facto de tudo quanto diz respeito aos seus negocios. A menina se aconselhará em seguida com a pessoa que de futuro houver de tratar d'elles. Nada mais legitimo. Fico-a esperando. (*Sae pela D.*)

SCENA IX

JOANNA *e depois* GASTÃO

Joanna (*fica por um momento pensativa, erguendo-se depois com uma resolução febril*). Vamos. (*Dirige-se á porta do F., abre-a e volta a sentar-se no sofá da D.*)

Gastão. Então?

Joanna. Não me abandone, porque não tenho mais ninguem.

Gastão. Abandonal-a, minha senhora!... Mas emfim, que disse elle? Que resolve fazer?

Joanna. Restitue-me a minha liberdade... e põe-me fóra. O simples facto é este: Põe-me fóra. É justo. Acho-me por consequencia perdida... Estou no abysmo... estou na vergonha. Apesar de tudo, se me resta o seu amparo, poderei ainda ser feliz talvez, amada pelo modo como eu sou capaz d'amar.

Gastão. Se a amo, Joanna... quando a vejo assim perdida por minha causa! Oh! acredite que nunca me foi tão cara como n'este momento.

Joanna. Quero acreditai-o... porque, realmente, d'outro modo, enlouqueceria.... Imagine: tenho de me ir embora.... Preciso de partir esta mesma noite, já, immediatamente... Elle assim o exige. *(Passa para a E.)*

Gastão. Pobre senhora! infeliz menina! Vae então para casa de sua mãe?

Joanna. Oh! para casa de minha mãe, não; isso não!... Nem me atrevo a procural-a... Não tenho forças para me encontrar com ella... hei-de escrever-lhe...

Gastão. Sendo então assim, para onde resolve ir?

Joanna. Para onde me quizer levar... Comtanto que saiamos de França.... De resto é uma determinação d'elle... Fallou-me ha pouco da Italia, da Italia que ama...

Gastão. Para a Italia?!... Emfim, como queira.. Visto que é impreterivel isso, que se lhe ha-de fazer?... Vamos então para a Italia... Pela minha parte, bem vê, estou prompto a acompanhal-a para o fim do mundo, e tenho muito prazer n'isso. Mas, por outro lado, acho que seria conveniente não resolver assim... já! Seria bom pensar, reflectir no que se vae fazer... Eu não quero de nenhum modo que minha prima tenha razão para me accusar um dia de ter abusado d'um momento de exaltação para a arrastar a um passo irreparavel.

Joanna. Oh! nada receie... Pelo contrario ficar-lhe-hei eternamente agradecida.

Gastão. Pelo amor de Deus... agradecida!

quando é a prima que vem offerecer-me toda a minha felicidade!... Muito bem, n'esse caso partamos... está decidido: partimos! Todavia sabe que eu não sou inteiramente livre... e, já, n'esta occasião, assim immediatamente...

Joanna. Como assim!... Ah!... as suas occupações, a sua posição social... os seus negocios em Paris!...

Gastão. Perdão: Essas razões, por mais serias que sejam, porque effectivamente é d'ellas que depende todo o meu futuro, ainda assim, considero-as secundarias, ao pé dos deveres a que, pela situação da prima, me vejo obrigado... *(Movimento de Joanna.)*... obrigado com prazer, Joanna, com o maior prazer... Mas não era a isso que eu agora me referia, queria apenas fallar — perdôe-me a prima lembrar-lh'o — das minhas obrigações para com o Sr. de Solis. Devo achar-me á disposição d'elle.

Joanna *(caminhando com agitação e passando para a D.)* Oh! felizmente serei poupada, pelo menos, a esse horror... o Sr. de Solis prometteu-me que o não procurava.

Gastão. Ah! bem!... n'esse caso... muito bem!... evidentemente, nada tenho que responder a isso... Mas, se, por esse lado, está evitado o escandalo, não deveremos, tambem nós, Joanna, contribuir pela nossa parte para que elle se não dê, commentando-se a nossa viagem, que vae dar um brado enorme na sociedade? Não será isso aggravar gratuitamente o seu infortunio? Não lhe parece?

Joanna *(desconfiadamente)*. Talvez.

Gastão. Se a prima se separa de seu marído e se retira para casa de sua mãe... a sociedade poderá dar a esse facto uma explicação qualquer, incompatibilidade de genios, uma causa desconhecida, e finalmente, ao cabo de poucos dias, ninguem mais pensaria n'isso... Mas, se houver um rapto, uma fuga para a Italia, isto vae ter uma explosão terrivel... Peior que terrivel! Porque a desgraçada verdade é que a fuga, nas circumstancias em que nós a vamos fazer, é — ridicula!

Joanna *(glacial)*. É justo; o melhor é não partir.

Gastão *(mais ternamente)*. Não é verdade? Porque, emfim, o que é que se pretende? an-

tes de tudo, salvar o nosso amor, o nosso adorado amor.... Pois bem, se soubesse, minha querida amiga, quantas vezes eu vi nos corações mais unidos, nas intimidades mais doces, a funesta influencia d'esses paizes longinquos, a nostalgia, a tristeza, o tedio... Ao passo que, aqui, em Paris, na sociedade que a prima conhece e que a estima, no meio das suas relações habituaes, vivendo serenamente como outr'ora, em companhia de sua mãe, que tão bondosamente me recebeu sempre...

Joanna. Sim, sim... basta... tem razão... Está decidido. Irei para casa de minha mãe... Agora o que me ia esquecendo é que já não estou aqui em minha casa, e que portanto não tenho o direito de o receber mais tempo.

Gastão. É justo.... Mas então não poderei ser-lhe util para alguma coisa n'este momento desastroso, minha querida prima? Se resolve escrever a sua mãe, quer que lhe leve a carta?

Joanna. Não. Não quero abusar da sua dedicação. Estou-lhe muito reconhecida.

Gastão *(procurando pegar-lhe na mão que ella abandona com desdem)*. Até breve, sim?— *(Joanna responde-lhe com um aceno de cabeça. Elle sae.)*

SCENA X

JOANNA *(só)*

Joanna *(com dolorosa indignação)*. Nunca mais o verei na minha vida! *(Deixa-se cair no sofá á E.)* Oh! é agora que verdadeiramente me considero perdida, abandonada, humilhada, só no mundo! Oh! infeliz! infeliz! *(Enxuga rapidamente os olhos ouvindo chegar o marido. Levanta-se.)*

SCENA XI

JOANNA e SOLIS

Solis *(trazendo uma pasta)*. Não temos tempo que perder. A menina não foi; vim eu.

Joanna. Perdão... eu ia agora.

Solis *(lançando um olhar á porta do F.)* Está só?

Joanna. Estou.

Solis. Tenho pena, porque seria melhor concluir immediatamente estes negocios, de que a menina naturalmente não entende. Emfim, peço-lhe que faça examinar estes papeis o mais breve possivel. *(Joanna responde affirmativamente com um gesto.)* Uma só pergunta agora, se me dá licença: Poderei saber em que paiz resolveu fixar-se?

Joanna Não... eu não parto.

Solis. Ah!

Joanna. Retiro-me para casa de minha mãe.

Solis. Pensei que lhe merecesse mais attenção o conselho... o pedido, que ha pouco lhe fiz.

Joanna. Quereria ter podido satisfazel-o.

Solis. Ah! sim .. *(A meia voz e como fallando comsigo)* Sim, era o mais natural.... N'esse caso parto eu, é o que se segue... E que vae a menina dizer a sua mãe?

Joanna. Não sei.

Solis. Quer que eu a previna? que lhe falle em seu nome? Oh! socegue... Não aggravarei a sua situação; pelo contrario: attenual-a-hei, ou antes direi simplesmente a verdade... Direi que o seu erro, imperdoavel aos olhos d'um marido, o não é talvez aos olhos d'uma mãe.

Joanna (*em voz baixa*). Compadece-se de mim....

Solis *(depois d'um curto silencio de commoção. Com firmeza*). Compadeço-me de sua mãe e desejo fazel-a soffrer o menos que possa: alem do quê estimo quebrar quanto antes uma situação impossivel. Prevenida sua mãe, poderá a menina deixar em seguida esta casa. E tudo estará terminado.

Joanna *(com doçura).* Comprehendo que tenha pressa de se desfazer de mim.

Solis. É verdade, Joanna... Deus sabe que não fui eu que procurei este momento... Não provoquei este desastre, mas apesar de tão lastimoso, ainda assim confesso-lhe que encontrei n'elle uma consolação: desfazer-me de si, como a menina diz, livra-me d'uma existencia que não era um tormento unicamente para a menina. É custoso, asseguro-lh'o eu, para um homem de sentimentos, vêr incessantemente, durante annos, as melhores, as mais dignas

inspirações da sua razão e do seu coração, desconhecidas, desdenhadas, repellidas quasi como ultrages!

Joanna. Ultrages, não, mas...

Solis (*com força*). Que queria a menina de mim?... Bem sei o que queria... Queria, esperava de seu marido, os sentimentos romanescos, a embriaguez dramatica, com que a sociedade, os livros, o theatro, enchem e inflammam a imaginação das mulheres... ao ponto de que as mulheres acabam por fazer d'essa embriaguez a essencia e o fim da sua vida! Pois é verdade: esse amor assim não lh'o dei... longe de mim dar-lh'o.... E aqui tem porque, em duas palavras: É que o casamento não é uma aventura galante! O casamento vive e dura por sentimentos d'outra ordem, por commoções mais verdadeiras, mais sãs, menos fugitivas... É que eu amava-a como minha mulher; não a amava como minha amante! Percebe?

Joanna. Percebo.

Solis. É forçoso, já se vê, é indispensavel que uma mulher honrada prescinda das alegrias.... das alegrias — dos outros! Não se pode ter tudo! Mas será isto porventura condemnar-se a esposa a uma vida de pesado dever, em que o seu coração nada tenha que ouvir e nada tenha que dizer, resignando-se a viver sem amar e sem ser amada?!.... Como assim! Pois então um homem escolhe-a entre todas para lhe confiar o seu nome, a sua casa, a sua honra... entrega-lhe todo o seu destino, é para essa mulher escolhida entre todas que elle deseja ser por todo sempre no mundo feliz ou miseravel, honrado ou despresivel! Todas as cousas do coração e da intelligencia d'um homem, os segredos do seu pensamento, o seu valor, os seus desanimos, tudo lhe pertence a ella, se ella o quizer .. Tudo o que elle tem mais intimo, mais caro, mais sagrado, entrega-o nas suas mãos!... E, depois d'isto, uma senhora... a menina, por exemplo, não se acha sufficientemente amada... deseja ainda outra coisa?! Pois bem, encontrou o que desejava... Seja feliz!

Joanna. Ah! porque não me fallou uma vez, uma só vez, como me está fallando agora?

Solis. Tentei fazel-o, vinte vezes... Não me quiz ouvir.... A minha altivez cançou-se... Apesar de tudo, Joanna, a minha ultima palavra não será uma palavra de colera... A menina é uma creança que despedaça a minha vida, mas que eu amei... Permitta Deus que a menina não reconheça já tarde, tudo quanto ha de falso, de egoista, e de fragil nos sentimentos que preferiu aos meus!

Joanna (*com uma explosão de dôr*). Oh! está vingado já, descance!

Solis (*depois de ter olhado para ella com uma admiração dolorosa*). N'esse caso somos bem desgraçados ambos! Adeus.

Joanna (*com desespero*). E é então essa... irrevogavelmente, a sua ultima palavra?... Tudo mais se acabou entre nós? Diga?

Solis (*ao sair, volta-se*). Decida-o a menina, faça-se juiz: é sincera e altiva, Joanna... Responda!—Se eu lhe abrisse os meus braços depois de a ter visto nos de outro homem, o que pensaria de mim? (*Ella abaixa a cabeça e não responde.*) Julgou. Adeus.

Joanna (*caindo de joelhos*). Pois bem, julgue tambem agora! Sabe tudo.... Eu sou muito culpada... mas, se esta despedida quer dizer *nunca*, não será isso punição de mais?

Solis. Oh! se bastasse apenas perdoar... o perdão depende de mim! Mas é preciso tambem esquecer, e o esquecimento esse depende do tempo... e de si! Adeus! (*Sae.*)

Joanna (*ardentemente, atravez das suas lagrimas, vendo-o desapparecer e mandando-lhe um beijo nos dedos*). Obrigado! (*Cae, abatida e chorando, no canapé.*)

Algumas poesias que me foram offerecidas nas minhas festas artisticas

AO ACTOR SANTOS

A arte é como um livro precioso,
Que a cada nova phrase mais se infiltra
N'alma de quem o lê:
Que obriga a meditar se mais bellesas
Mostrar póde o talento — e volve a folha,
Pasma do mais que vê!

Sempre um novo primor — mais um encanto —
Mais suave harmonia, um leve gesto,
Onde o dedo de Deus
Escreve, que infinitas como Elle,
São as graças do genio — azas formosas,
Que deu aos filhos seus.

N'esse palco que pisas, já minha alma,
Amante do que é bello — a dois artistas
Seus hymnos offertou.
— Emmudecêra a lyra — quando o astro
Da scena portugueza — Emilia Neves —
As cordas lhe vibrou!

E eu, inda tremulante d'enthusiasmo,
D'ouvir aquella fada inspiradora,
No proscenio te vi.
Fizeste-me sentir, que a harpa do genio
Tinha mais uma corda, — um som mavioso,
Encontrado por ti.

Coimbra, 10 de março de 1864.

Amelia Janny

AO ACTOR SANTOS

Protagonista do drama «Fortuna e Trabalho» offerece um typographo

Que poesia na joven captiva
Se se lembra da terra natal,
E se a rôla, por tarde lasciva
Lá suspira,
Se expira
No val!

Que poesia na virgem doente
Se a camelia lhe imita o rubor!
Se na selva diz brisa indolente
Na folhagem
Mensagem
D'amor!

Mais poesia eu te sinto! N'um élo
Prende as almas, transportas ao ceu!
Tens, artista, os delirios de Othelo,
Tens a chamma
Que inflamma
Romeo!

Eis! da vida o festim te offerece
Como á cêa o Cordeiro do amor!
Transfigura-te, altivo apparece,
Faz sem pena
Da Scena
Thabor!

Quando o martyr se eleva o ceu abrasa em gloria
Anjos em legiões lhe tomam sua cruz!
É lá, sómente lá, que alcança de victoria
Corôa d'alma luz!

Assim a extranho mundo, assim alma te vôa
E nos leva comsigo e no alto mais seduz!
Ah! recebe tambem a applaudida corôa
Tirada da tua Cruz!

Porto, 13 d'agosto de 1864.

O GENIO

AO ACTOR SANTOS

Sempre as aguias reaes tiveram mais arrojo,
E o ninho aos filhos seus quizeram fabricar
Entre fraguedos nús, pendidos sobre o mar,
Lá onde o mar viesse embalar-lh'os... de rojo!

Sempre as aguias reaes pairaram nas alturas!
—Vôos de luz assim, quem os soltou jamais?—
No firmamento azul sempre as aguias reaes
Mostraram o caminho ás outras mais obscuras!

Quando se esconde o ceu na tremula penumbra
Da noite, que baixou qual funebre lençol,
Apenas seu olhar, reverbero do sol,
Conserva a luz, que cega; o brilho, que deslumbra.

Tão longe ás vezes vão, mergulham-se tão alto,
Procuram tanto em cima os paramos da luz
Que Deus, onde está só, do vôo que as conduz
Ao pavido rumor, desperta em sobresalto!

Parece que as inflamma a scentelha que Vasco
Sentiu roubando um mundo ás ondas que rompeu...
E inveja-as, cá de baixo, o torvo Prometheo
Ligado pelo genio aos cimos d'um penhasco!

Assim as via o Dante e via-as o propheta
Que em Pathmos escrevera a sacrosanta Ley!
Visto assim as terá, dos ermos de Jersey,
O exilado da França, o pallido poeta!

Eu mesmo as vejo assim, eu, verme cujos rastos
Ficam gravados só no lodo d'um paul!
Eu mesmo as vejo assim, voando pelo azul,
E pergunto quem são aquelles grandes astros!

Ó genio! ser audaz que vaes no firmamento
Gravar o nome teu, com azas de condor!
Mazeppa do presente, escravo pela dôr,
Mas rei pela esperança e rei pelo talento!

Tu, que deixas teu ninho ás rochas do progresso
Quando vôas aos ceus, para guardal-o em paz!
Que, por amar a Gloria, ás torturas te dás
E cinges a ti mesmo a tunica de Nésso!

Tu, que mais alto vaes! que mais longe te elevas!
Que tens um vôo immenso, um vôo, que é só teu,
Que fitas o clarão das estrellas do ceu
Para o mostrar depois aos que vivem nas trevas!

Tu, que és só como Deus e que só te apresentas
Quando vês a procella a quebrar-se-te aos pés
Como sobre o Sinai, o fulgido Moysés
Ou como o Adamastor no cabo das Tormentas!

Genio, tu vaes rasgando a condensada bruma!
E vaes —romeiro audaz—aos mundos do porvir!
—Colombo que já viu a America surgir
Das ondas do Oceano entre a enrolada espuma!

Genio! Ahi tens um filho! A scena—o seu Calvario —
Dá-lhe aquelle clarão dos que passam na luz!
—Martyr por illusão—soffre na alheia cruz!
Imprime o rosto seu dos outros no sudario!

Vae pela mão da Gloria aos fulgidos caminhos
É a Gloria—a Beatriz que os Talmas inspirou—
Para adornar-lh'a bem, na fronte lhe enlaçou
Os viçosos laureis—esses nobres espinhos!

Quando ás vezes teu fogo, um fogo ardente e puro
Tão alto o faz subir, que espanta a multidão,
O echo do seu andar é a immensa ovação
O echo da sua voz a estrophe do futuro!

Porto, 31 d'agosto de 1864.

Guilherme Braga

AO DISTINCTO ACTOR

JOSÉ CARLOS DOS SANTOS

EM A NOITE DA SUA FESTA ARTISTICA

Poesia recitada pelo actor Cesar de Lima

Toma esta c'rôa! aceita-m'a,
Genio que és luz e amor.
A c'rôa sobre a aureola
Deixa-te vêr melhor.

Qual terás tu mais fulgido?
qual de mais fino dom?
— o seio? o genio esplendido? —
irmão, que és grande e bom!

Eu que te sigo o horoscopo
que ha tanto me seduz,
e libro-me, satelite,
suspenso d'essa luz,

Sei o que és, e adoro-te;
porém não sei, não vi,
grande, que és meigo e próvido,
o que é mais nobre em ti.

Peço uma graça, e unica:
— Aperta a minha mão! —
Bem hajas! Segue e acclamem-te!
Bem haja a multidão.

Maio, 16 de 1874.

Thomaz Ribeiro

A JOSÉ CARLOS DOS SANTOS

Na sua festa artistica, 16 de Maio de 1874

N'este imperio de palmas rutilante,
Onde é luz o talento, o estudo, a idéa,
Na festa por que o povo ha muito ancêa,
De novo empunha o sceptro, ó d'arte Atlante!

Teu talento assombroso, audaz, gigante
É do nosso theatro uma epopéa;
Vimos *Othelo* aqui, vimos *Medéa*.
Relembramos o genio... és tão brilhante!

No theatro p'ra ti não tens escolhos;
Em cada creação... uma victoria!
Se transformas em flôr's rudes abrolhos!

E porque o preito graves na memoria,
Te acclamamos, com as lagrimas nos olhos,
—Gloria á Patria! honra ao Palco! assumpto á Historia!

Um collega

NA NOITE DO BENEFICIO
DE
JOSÉ CARLOS DOS SANTOS
NO THEATRO DE D. MARIA II
Em 16 de Maio de 1874

Foi aqui—a historia o conta—
Que entre flores, palmas, hymnos,
Dos talentos peregrinos
Brilhou a constellação.
Era um loureiral a scena,
O theatro eschola e templo,
Cada talento um exemplo,
Cada palavra — lição.

Formoso o esplendido quadro!
As bellas frontes rasgadas
Resplandeciam banhadas
Em mysterioso fulgor...
Grupo onde tudo era grande,
Merecia moldura d'ouro,
Se tantas corôas de louro
Não o cingissem melhor.

Foi o tempo devastando
As maravilhas da tela.
Onde a loira Manuella?
Onde Epiphanio, o pharol?
Onde Sargedas, a graça?
Onde Tasso e a sua gloria?
Mais quatro nomes na historia.
Mas não é posto inda o sol.

Não é. O quadro tem vida,
Move-se, agita-se, falla...
Remurmuram n'esta sala
Os eccos da sua voz...
Supponde muitas palmeiras
Rasgando do ceu as brumas...
Quando o vento prostra algumas,
As outras não ficam sós.

Dos velhos heroes da scena
Descem hoje sobre o espolio,
No theatro—Capitolio,
Flôres da antiga ovação.
É que um talento robusto,
Honrando um nobre legado,
Resuscita hoje o passado,
Renova as flôres d'então.

E a sua voz que domina
Da ovação a anciedade,
— a voz da posteridade,
Que da scena aos velhos reis,
Diz como um brado da historia:
«Lá vos honrei o legado.
«Se vos prostrou o passado,
«Não sois mortos. Reviveis...»

Alberto Pimentel



AO ACTOR SANTOS

Ao sabor das paixões, que em ti s'inflammam,
Vibra-te aos pés, como uma lyra enorme,
Do povo o coração!
Como a tormenta, que subjuga as selvas,
Tu'alma ardente, luminosa, esplendida,
Subjuga a multidão!

Pallida, muda, attonita, fremente,
Vê-te exultar e exulta! A dôr a opprime,
Quando te opprime a dôr!
Ri, se tu ris! Quando tu choras, chora!
Soffre comtigo! Odeia com teu odio!
Ama com teu amor!

Traduzes-lhe n'um gesto um cèu d'esp'ranças,
N'uma phrase o prazer; a dôr n'um grito!
Mil cousas n'um olhar!
Assim reflecte o mar na face immensa
Dos raios o clarão, da estrella os raios!
Teu genio iguala o mar!

G. B.

AO DISTINCTO ACTOR

JOSÉ CARLOS DOS SANTOS

Na noite do seu beneficio em 1 de Maio de 1875

Grande artista, ouves as palmas,
Os clamores d'esta ovação?
São echos das nossas almas,
São vozes do coração!

São-te a c'rôa que mereces!
São-te o premio animador,
De que tu bem reconheces
O estremado valor!

São-te as flôres d'essencia grata
E de perfumes sem par,
Com que um povo te retrata
Quanto sabes inspirar!

Entre os nobres, nobre artista,
Com os olhos d'alma vê,
Que mais vale esta conquista,
Por maior, maior que o é:

Que quantas vão pela terra
Revestidas do ouropel,
Que a lisonja em si encerra,
E que d'ellas tem o fel!

Portanto vê n'estas palmas
E clamores d'esta ovação,
Os echos das nossas almas
E a voz do coração!

Sabino Corrêa

A JOSÉ CARLOS DOS SANTOS

OFFERECEM

OS DISCIPULOS E DISCIPULAS DO THEATRO DE D. MARIA II

PELA SUA FELIZ REAPPARIÇÃO

I

Resurge! A esp'rança perdida,
De novo p'ra ti raiou!
Luctaste, ganhaste a vida
Que a sombra te disputou!
Ascende! Mostra-te agora
Ante a luz santa que outr'ora
Te foi guia, inspiração:
Tens no porvir outras glorias,
Occultam-se alli victorias
Vae começar outra acção!

II

Esse astro que te guiava
Mais brilhante resurgiu!
A nuvem que o offuscava
Para sempre se esvahiu!
Avante, agora, e sê forte!
Olvida tudo o que a sorte
Te forçou a derribar!
Breve a desdita se esquece
Quando uma luz resplandece
Para não mais se apagar!

III

Sem ti, o que era o proscenio?
Como houvera progredir?!
Faltava-lhe o immenso genio,
Que a tão alto o fez subir!
Deus não quiz ver humilhado
O que fôra idolatrado,
Como artista sem rival!
E das paginas da historia
Rasgada a mais bella gloria
Das glorias de Portugal.

Cesar dos Santos

... de maio de 1876.

HOMENAGEM AO MERITO

A JOSÉ CARLOS DOS SANTOS

NA SUA REAPPARIÇÃO EM SCENA POR OCCASIÃO
DO BENEFICIO NO THEATRO DO GYMNASIO, A FAVOR DAS VICTIMAS DAS INUNDAÇÕES, OFFERECEM OS SEUS AMIGOS E ADMIRADORES

Francisco José Cascaes, Antonio Maria Cesar, Eduardo Costa,
Domingos Augusto Garcia, Francisco de Almeida Rebello, Antonio Luiz Ribeiro, Domingos Parente da Silva, Julio Augusto Pinto, Fernando Pereira,
Carlos Augusto Posser, Eduardo Augusto Villar Coelho, Joaquim Luiz Dias Costa, Jeronymo Francisco da Silva,
Julio da Luz e Frederico da Silva Gomes

POESIA DE EDUARDO COELHO, RECITADA POR CARLOS POSSER

Eil-o aqui, o mestre, o amigo,
Nosso orgulho, e nosso amor!
Saudamos-te, ó grande actor,
Sobre o palco inda uma vez.
No templo, saudoso e triste,
Que a alegria agora invade,
Chorava da arte a orphandade
Todo este povo, bem vês.

Tu, o interprete inspirado
Das sublimes creações,
Tu, que ás ideaes paixões
Dás o tom da realidade,
Tu, que as multidões commoves
Ante as virtudes, e os crimes
D'esses vultos em que exprimes
Uteis lições de verdade,

Que força cruel e insolita
Te afastára de entre nós?
Era muda a tua voz,
Ausente o artista gigante...
Vagavas sombrio e lento
Como um ser amortecido...
Anima-te, ó mestre querido,
Ergue essa fronte radiante!

Bem sei que tens dado á scena
A alma, a saude, a vida,
Que é dura, ingente esta lida,
Que tambem mata esta lucta;
Mas esta nação, que illustras,
Não quer, não! sacrificar-te,
E ás glorias puras da arte
Amor fecundo tributa.

Como o sol, que a natureza
Tem poupado n'estes dias
P'ra não vêr as agonias,
Do povo, que arrasta a cruz,
Hão de poupar-te, ó artista,
Pelo futuro não tremas,
Só nas situações extremas
Se buscará tua luz.

Só assim, quando se ennoite
Como agora, o horisonte,
Que á cidade, ao campo, ao monte
Desça a cheia, a fome, o horror,
Então sim, aos teus thesouros
Se irão buscar os diamantes...
Acção, voz, gestos brilhantes,
Da tua c'rôa explendor.

Serás o livro onde todos
Hão de lêr da arte o evangelho,
A regra, o modelo, o espelho,
O mestre, o exemplo a seguir;
Tua affirmação está feita,
Teu nome pertence á historia,
És do theatro uma gloria...
Não vês a fama a sorrir?

A gloria! a fama! ai, são ellas
Que aqui te traz a amisade:
Vem o amor, vem a saudade,
Da gloria é preito esta corôa;
Teceram-t'a alguns amigos,
Mas inda mais ella val...
Quem t'a dá é... Portugal;
Quem t'a offerece é... Lisboa.

Lisboa, 11 de Janeiro de 1877.

LUZ E TREVAS

Ao insigne actor José Carlos dos Santos

Erguia em plena luz a fronte radiosa,
fitava n'um olhar, aguia audaciosa!
a lucida amplidão.
Fizera um culto da Arte, a deusa rutilante;
fanatico sublime, ergueu-a deslumbrante,
votou-lhe o coração.

Brilhante lidador, nas pugnas do proscenio
já teve o mundo aos pés; fulgiu-lhe sempre o genio,
sorriu-lhe sempre a gloria!
Foi apostolo e crente, heroico visionario!
mas empanou-lhe a luz a noite d'um calvario,
cerrou-lhe a nobre historia.

Cercou-lhe a fronte audaz a noite dolorosa,
como nuvem sinistra occulta pavorosa,
o disco d'uma aurora!
Tentou inda luctar, athleta ennobrecido;
luctar da escuridão, mas não cair vencido,
morrer na lucta, embora.

Debalde! Emfim cedeu; vergou ao seu destino!...
O cego surge aqui: ergamos hoje um hymno
ao nobre desditoso.
Saúde-se de pé o genio deslumbrante,
saúde-se de pé a fronte, egregia, ovante
do martyr portentoso.

Oh! se a fé lhe fugir, scentelha que vacilla,
e o pranto lhe inundar a funebre pupilla,
dizei-lhe no proscenio:
Levanta a fronte ahi, levanta-a sobranceira;
não se pode apagar nas trevas da cegueira
a gloria do teu genio.

Leiria, 19 de fevereiro de 1879.

C.

Á festa tão grandiosa
Vem humilde a mocidade
Tributar culto á verdade
Da fama d'um grande actor.
Eil-o — Doença fatal
Nos priva d'um grande artista,
Porém elle sempre conquista
D'um nobre povo o amor.

N'este brinde tão modesto,
Lembrança do coração,
Esqueça elle a ingratidão
De quem tanto lhe devia.
O Porto, a cidade invicta,
Que fez livre Portugal,
Hoje lhe dá o signal
Da mais pura sympathia.

Os injustos e ingratos
Hoje devem aprender
Que nunca fazem esquecer
O nobre filho de Talma.
Na tristeza da doença,
Do palco na orphandade
É doce vêr a amisade
Que as dôres consola e acalma.

N'esta festa grandiosa
E das palmas no fervôr
Consenti que solte um—Viva!
Ao nosso primeiro actor.

Julho, 2, de 1877.

P. C. d'A. Chaves

POESIA

Recitada no Theatro de S. Pedro em homenagem ao insigne e desditoso

ACTOR SANTOS

É destino do genio, é sina do talento,
luctar, sempre luctar no meio da desgraça!
Ephemera ventura, és breve como o vento
que ergue do chão o pó, e que soluça, e passa!

Ha pouco a natureza erguia-se ridente,
e era azul o espaço e o campo tinha flores,
e o sol mostrava alegre a luz resplandecente,
e tinha o céo estrellas, e tinha a lua amores!

Hoje, somente a vida escura, triste, fria!
É muda a natureza, ao prado a flôr morreu!
Sem estrellas no céo a noite é mais sombria;
o sol perdeu a luz, o dia escureceu!

E que vasto horisonte a vista descobria!
A aguia quiz voar, voou; depois cahiu!
Era a gloria, era o genio a força que o erguia.
A gloria está de pé; o genio succumbiu!...

O genio? não! Ainda, envoltas na cegueira
lhe perpassam na mente imagens luminosas.
Talvez .. quem sabe? A esp'rança, essa visão fagueira,
lhe suavise a dôr nas trevas dolorosas.

. . . .
. . . .

Podeste erguer um throno! Artista laureado,
tinhas um povo aos pés louvando o genio teu!
E ao peso da desgraça agora eis-te curvado,
como á rocha do monte o velho Prometheu.

Embora! Um nome resta, illustre, immaculado,
e um throno glorioso á tua nobre historia.
O futuro acabou, mas fica-te o passado.
Perdeste a luz do olhar, resta-te a luz da gloria!

Henrique Pereira

Leiria, 20 de fevereiro de 1879.

Haver, ha — flor sem arôma;
Não a póde haver sem côr.
E a quem foi da scena — flor,
No ramo, que hoje lh'offeréce,
Dizer, ao certo, paréce:
=Ramo, que inspiras—tu vejas!=
Oxalá! — Os votos meus,
São estes, que faço a Deus.

Maio, 29 de 1879.

Joaquim da Costa Cascaes

BEMVINDO

(Ao actor Santos, na sua passagem por Alcacer)

Eil-o, senhores, o eminente artista,
o filho do talento e da desgraça!
e, quando um martyr laureado passa,
de todos nós mais ovações conquista.

Conheci-o em seus dias venturosos!
ante a luz da ribalta, no proscenio,
vi-o dar fórma ás creações do genio,
entre expontaneos *bravos* calorosos.

Incarnava-se n'elle o vulto ingente
dos gigantes da lenda e dos da historia;
e, ao realçar a sua propria gloria,
dava realce ao dramaturgo ausente.

Na sua alma de artista e de poeta
toda a comedia humana se espelhava
e os mysterios sem conto adivinhava
da paixão nobre e da paixão abjecta.

O odio,—o sonho mau do condemnado,
o charco onde a alma pôdre se enlameia;
o ciume,—a serpente que se enleia
ao coração trahido e envenenado;

a hypocrisia,—o tumulo faustoso
em que se escondeu a mentira e o crime,
monstro que o impulso natural reprime
e ao mal chama virtude, e ás dores goso;

a caridade,—a luz dos desvalidos,
a branca fada dos ideaes amores,
que se desata em bençãos, gala e flores,
onde quer que haja fome e oiça um gemido;

a abnegação,—o nobre pelicano
que rasga o seio por amor dos filhos;
o patriotismo,—que repisa os trilhos
do nobre orgulho e do valor romano;

O amor,—o espelho eterno da poesia,
o enigma secular, a fonte immensa
d'onde brotam—as duvidas e a crença,
o bem e o mal, o fel e a ambrosia;

o amor,—que foi para Heloisa o inferno
e o céo para Thereza, a santa austera,
para Ninon florida primavera
e para Sapho um luctuoso inverno;

o amor,—a região mysteriosa,
onde perpassa em grupos scintillantes
a pleiade lasciva das bacchantes
e a tunica das virgens, vaporosa:

toda a comedia humana se espelhava
na sua alma de artista... o bello, a ideia,
percorria de um jacto uma plateia
que a voz e o olhar e o gesto dominava.

O olhar! Perdão! o olhar do eximio artista
já não penetra as multidões absortas;
e nas pupillas, embaciadas, mortas,
cairam sombras, apagou-se a vista!

Duas grandezas, ambas veneraveis,
a grandeza do genio e a da desdita,
inscreveu-lh'as da gloria a mão bemdita
da historia sobre as folhas perduraveis.

E eil-o aqui hoje, o artista laureado!
querido a todos nós, de nós se abeira,
e bate-vos á porta hospitaleira
para mostrar-vos que inda é grande e amado!

Não vê nada, e vê muito: vê a gloria,
vê a piedade, os preitos, a homenagem,
juncando-lhe de flores a passagem
té aos umbraes do templo da memoria!

Alcacer, 23 de Abril de 1879.

Candido de Figueiredo

JOSÉ CARLOS DOS SANTOS

Ha tres annos, em maio de 1875, o *Contemporaneo* publicava o retrato de José Carlos dos Santos, biographado pela penna elegante de Gervasio Lobato.

Era a noite da sua festa artistica. Representava-se pela primeira vez no theatro de D. Maria o *Drama do Povo* de Pinheiro Chagas.

Quando Santos entrou em scena, com o seu pittoresco trage de montanhez, a espingarda ao hombro, a platéa, avida por patentear ao maior vulto da scena portugueza toda a sua sympathia, toda a sua admiração, e quasi iamos dizendo, toda a sua adoração, recebeu-o com uma d'aquellas salvas de palmas, compactas, prolongadas, onde se sente a electricidade do enthusiasmo, e que differem tanto das palmas de encommenda, uma especie de palmas de pragmatica, como um raio de sol da luz amarella d'um bico de gaz.

Durante todo o espectaculo o enthusiasmo do publico cresceu com a força com que no inverno engrossa a corrente dos rios. Ás palmas succediam-se os bravos; quando as mãos dos espectadores, rebentadas as luvas, apresentavam a côr vermelha das d'um collegial depois de duas duzias de palmatoadas, elles então davam bravos, chamavam o grande actor, tinham na garganta a rouquidão das grandes commoções, e apenas elle apparecia, como se a sua presença lhes désse novo alento, as palmas rebentavam mais enthusiasticas a cada nova chamada.

Dir-se-hia que o publico n'essa noite como que tinha o presentimento de que d'ahi a bem pouco já não poderia applaudir o seu actor querido, o homem que tinha o raro condão de n'uma phrase, n'um volver de olhos, rasgar-lhe os grandes horisontes da paixão, que elle illuminava com a faiscante luz do seu olhar resplandecente.

O seu olhar resplandecente!

Quanta ironia da sorte n'esta phrase!

D'esse olhar resplandecente, d'esses dois olhos que eram duas crateras de luz, fez a adversidade, essa prestidigitadora dos destinos, um olhar sem vida, dois olhos apagados, extinctos, mortos.

Como o Hermann tirava milhares de fitas d'um chapeu, ou de dentro d'um ovo, ella, a terrivel pelotiqueira, foi-se aos olhos d'esse homem, e tirou de lá quantos raios de luz encontrou.

Pois teve de tirar muitos.

Hoje Santos apparece de novo ao publico. Não é Antony, não é Luiz XVI, não é Mortemer, não é o montanhez Paulo, não é o duque de Aleria, não é Bocage, não é Richelieu, não é Tartupho, não é Maximo Odiot, não é uma paixão que vae trovejar ou suspirar; d'esta vez não vem acompanhado por Maria Antonietta, nem por Margarida, não se vae bater com o sr. de Nantiat, não vae seduzir a mulher de Anselmo, não vae insultar a nobreza pôdre do principio d'este seculo, não vae improvisar versos a um velho canapé, não vae despedir-se da rainha e do delphim, antes de partir para a guilhotina: — não é um personagem de Dumas ou Sardou — é o actor José Carlos dos Santos, é um cego que vem dizer uns versos!

O que aquelle homem deve ter padecido!

Se ha alguma coisa peior do que sentir fugir a vida, deve ser sentir fugir a luz.

Pois se até quando o sol desapparece nós nos sentimos tristes!

E como elle a sentiu fugir! Gradualmente, lentamente, talvez com alguns estacionamentos, para que o desgraçado, que devia assistir á morte de todas as suas radiantes illusões, tivesse ainda mais algumas, para que mais soffresse, ao vel-as desapparecer, como um bando de aves, n'um horisonte longinquo.

Deu luz a tantos, e só para si a não poude conservar.

Foi um perdulario quando era rico — tinha muita luz, deu-a toda.

Como o Pelicano, que arranca as entranhas para as dar aos filhos famintos, esse homem,

Pelicano de luz, parece que tambem a arrancou do seu cerebro e dos seus olhos, para a distribuir generosamente a quantos se chegavam a elle e iam pedir-lh'a.

Pelos palcos dos nossos theatros ha muito quem recebesse grandes, enormes parcellas d'essa brilhantissima luz.

Na reapparição de Santos, hoje, ha notas melancholicas. Vem da recordação dos tempos felizes, das noites de gloria, dos triumphos passados.

Quantas individualidades mortas vâmos hoje saudosamente recordar, contemplando aquelle pobre cego!

É como se assistissemos a um cortejo funebre e phantastico.

Não foi só elle que cegou, não é só elle que não póde apparecer no palco — todas as suas grandes creações, todos os personagens a que elle deu vida, com o sopro do seu talento gigante, todos elles perderam tambem a luz, todos elles desappareceram.

Nem podiam deixar de desapparecer. Quando a luz desapparece, quando já não illumina o alto da estatua, o pedestal ha de forçosamente estar na sombra.

E o pedestal de José Carlos dos Santos eram todas aquellas creações gigantes.

A redacção do *Contemporaneo* tributa mais uma vez ao grande artista a homenagem da sua estima e admiração.

Urbano de Castro



POR CAUSA D'UMA CARTA

APONTAMENTOS SOBRE A DECLAMAÇÃO

PROFESSORES DA ESCOLA DO REAL CONSERVATORIO DE LISBOA

Dr. Luiz da Costa Pereira e José Carlos dos Santos

Declamação propriamente dita ou declamação antiga

Systema particular de fallar em publico. Era composta e escripta com notas. Estes signaes chegaram a 10. Serviam para designar *como* e *quando* se devia elevar ou baixar a voz em cada syllaba. Esta especie de recitado era sustido por um *baixo* continuo que regulava a declamação e o accionado. Os gregos chamavam-lhe *orgesis* e os latinos *saltatio*. Consistia, segundo Platão, na imitação de todas as acções e movimentos que os homens podem fazer para regular o gesto (d'actores e oradores) e para ensinar a mimica — Demosthenes, Roscio e Cicero. Declamação dividida para dois actores, um que recitava e outro que accionava. (Livio Andronico). Collocava-se tambem perto do actor um homem calçado com uma especie de sandalias de ferro, e que batia com o pé para marcar a medida (compasso) ou rhytmo que devia seguir o actor que accionava, o escravo que declamava, e os instrumentos musicos que acompanhavam a declamação.

Os primeiros poetas gregos compunham a declamação de suas peças: a parte poetica e a parte musical. A arte de compôr a representação passou a ser profissão particular. Comedias de Terencio — *Qui facerat modos.*

Declamação moderna

Sciencia ou arte que ensina a fallar em publico, sujeitando a determinadas regras a *voz*, a *acção* e o *gesto*.

N. B. Deve entender-se aqui por acção os movimentos do corpo em geral, e por gesto os do rosto em particular.

DIVISÕES DA DECLAMAÇÃO

SAGRADA

A que dá regras aos ministros da religião para fallar aos fieis.

Divide-se em pathetica ou sentimental, panegirica, etc.

PROFANA

Parlamentar — Ensina a fallar em assembléas, como o parlamento, etc., etc.

Forense — Que dá regras para fallar nos tribunaes, e que faz differença da anterior, etc., etc.

Dramatica — Ensina o modo porque o actor se deve haver em scena dramatica.

Lyrica — Idem na scena lyrica.

Reflexão sobre a declamação em geral

A lei capital da declamação é a conveniencia com os pensamentos, pessoas, logares e partes do discurso: pois não se affirma com a mesma voz com que se nega, pergunta ou exclama; não convem a um orador moço o mesmo que é ajustado a um ancião; não se falla n'um logar espaçoso como n'um recinto acanhado; não se declama o exordio como a peroração.

As suas regras geraes são: 1.º, que o corpo se conserve ordinariamente direito, e que os seus movimentos sejam dignos e compostos, e quanto mais violentos mais raros; 2.º, que o gesto seja natural, sem affectação nem grosseria, que esteja em perfeita harmonia com os pensamentos.

Da declamação é que os pensamentos e affectos recebem não só a manifestação exterior, mas a força e poder que os torna contagiosos:

e por isso é tão grande a sua importancia que uma boa declamação póde fazer parecer excellente um discurso mediocre, como uma viciosa perderá o melhor discurso. *Noções d'oratoria.*

Oradores celebres da antiguidade

GREGOS

Lysias — Genero simples e tranquillo.
Platão — Natural, ameno, fluente, puro.
Eschinio — Brilhante e solido, simples e claro. Voz sonora, declamação esplendida.
Isócrates — Agradavel, doce, harmonioso.
Isie — Dicção pura, energica.
Thucydides — Estylo cerrado, brusco, impetuoso.
Demósthenes — Sublime, vehemente, cheio de magestade, declamação perfeita. O fogo, acção do seu rosto, o som da voz d'accordo com a expressão e pensamentos, o tom das palavras e o ar de seu gesto abalavam quem quer que o ouvisse.

ROMANOS

Catão o censor — Mostrou o bello dos sentimentos, nobre orgulho.
Cicero — Reuniu todas as qualidades que immortalisaram a muitos famosos oradores: força de Demósthenes, abundancia de Platão, doçura de Isócrates.

MODERNOS PORTUGUEZES

Garrett, José Estevão, Thomaz de Carvalho, Latino Coelho, Rodrigo da Fonseca Magalhães, Rebello da Silva, etc., etc.

MAIS ANTIGO

Padre Antonio Vieira.

No orador ha dois individuos: um que inventa, dispõe e redige; este é o pensador: o outro que executa; este é o artista. Um é o auctor, o outro o actor.

A declamação aprende-se pelos estudos theoricos, mas principalmente observando e estu-

dando os geraes artistas da palavra, quer na tribuna quer no palco, e tambem visitando as galerias das obras primas da estatuaria antiga e moderna. (Aulete).

A bôa declamação só póde ser filha de um estudo previo e profundo do trecho que se pretende declamar. Eis aqui alguns principios geraes: o que é raciocinio e meditação requer morosidade; o que é extemporaneo, subito, e como que inspirado, exige rapidez; a melancholia é morosa; a jocosidade, o alvoroço, o enthusiasmo, os affectos vivos, a ira, são tanto mais velozes quanto maior é a sua intensidade; a vingança costuma ser tardia nas suas concepções, como que hesita de passo a passo; a benevolencia brota do instincto e corre caudalosa. O que se refere á velhice, á desgraça, ao outono e inverno, á noite e á morte, assume em geral o caracter do recolhimento; pelo contrario o que é da meninice e adolescencia, dos folgares da primavera e estio, etc., arremessa-se com facilidade. As excursões do espirito pelas regiões d'além mundo são constantemente precedidas da sonda, emquanto pelo tumulto da vida social e delicias do viver cidadão, a alma se precipita como por terreno conhecido e declive.

Entre os graus de velocidade e os da escala de tons ha secretas harmonias, mas que se reconhecem facilmente; os tons mais baixos sympathisam com as pausas mais dilatadas; os mais agudos com as mais ligeiras. A força da voz deve ser proporcionada á intenção que acompanha cada idéa; esta escala é vastissima, pois corre desde o tom confidencial e do segredo, que são caracteristicos da tristeza, da inveja, e de outros affectos que a si mesmos se aborrecem, até ao brado, ao grito, ao clamor, que parecem espontaneos no alvoroço e nas paixões nobres. A respiração é outro ponto digno de muito estudo. A recitação, quer de verso quer de prosa, tem de apresentar, assim como a musica, periodos mais ou menos longos, e em cada um dos quaes póde haver mais ou menos dispendio de expiração; por conseguinte devem regular-se prudentemente os tempos das aspirações, assim como a maior ou menor abundancia d'ellas. Convem que a as-

piração coincida quanto possivel com as pausas ou córtes racionaes, de modo que o ouvinte a não perceba. Se não é possivel, escolha-se a melhor occasião no mesmo sentido. Depois do ponto final convem encher sempre de ar toda a caixa do peito; apoz os dois pontos e ponto e virgula ainda, na virgula não, e onde a não houver é inadmissivel.

A voz é um dote natural, mas póde modificar-se grandemente. Demósthenes. S. Jeronymo chegou a limar os dentes para bem pronunciar o hebraico. Domesticos antigos contrahem o que quer que seja da voz de seus amos. Os actores de primeira ordem transformam o seu orgão de voz nos diversos caracteres que desempenham. A faculdade imitativa da falla em certas pessoas chega ao ponto de quasi completa illusão. A recitação dos versos não ha de ser modulada como geralmente a costumam. Recitar versos não deve ser medil-os nem cantal-os.

As pausas do recitado não devem ser contadas pelas syllabas, mas pelos córtes mais ou menos profundos dos pensamentos ou dos affectos que se expressam (1). Mas esta determinação das pausas não deve de modo nenhum excluir a absoluta necessidade de fazer sentir o rhythmo da poesia. É delicado (2) os hemistichios extremam-se dos hemistichios, os metros dividem-se dos metros d'uma maneira apenas sensivel.

Elementos de declamação

(Se pozermos de parte a memoria) são a *palavra* e o *gesto*.

Palavra — Além da sua significação tem a *entoação, emissão* e *inflexão*.

Entoação — Timbre ou metal de voz em toda a sua extensão, do mais cavo ao mais agudo.

Emissão — Força ou quantidade de voz desde fallar em segredo até gritar.

Inflexão — Mudança de voz quando passa d'um tom a outro, ou modulação pela qual a palavra exprime idéas não contidas na sua significação. Veja-se *Principios de declamação*.

(1) Castilho.
(2) A melhor escola.

Gesto, suas divisões, emprego do gesto em declamação. Arte de ouvir, transição. (Veja-se *Principios de declamação*).

POESIA

Imitação da natureza bella por meio de palavras de ordinario metrificadas.

Linguagem da paixão e da imaginação, viva ou animada, quasi sempre sujeita a uma medida regular e sonorosa.

VERSO OU METRO

Ajuntamento de palavras, e até em alguns casos uma só, comprehendendo determinado numero de syllabas, com uma ou mais pausas, de que resulta uma cadencia aprazivel.

Syllabas — grammaticaes e poeticas. (Exemplos):

FIGURAS

Vogaes contrae a *Synérese*
Dentro na mesma dicção,
Mas tu, *Synalepha*, absórvel-as
Se em duas vozes estão.

Obrigação de ellisão — Muit'amor.
Liberdade — Saudade.
Prohibição — na'alma.
Principios como a *Aferese* — ante por diante.
A *Prothese* os inventa — arruido por ruido.
No meio tira a *Syncope* — cuidoso por cuidadoso.
A *Epenthese* accrescenta — Mavorte por Marte.
Corta nos fins a *Apórope* — Simples por simpleces.
Paragoge os augmenta — Fugace por fugaz.

PARCIMONIA D'USO

Accentos predominantes ou pausas

N'um vocabulo se chama aquella syllaba em que parecemos insistir ou deter-nos mais. *Louvo, louvado, louvador, omnipotente, extravagantissimo.*

PALAVRAS

Agudas — Ultima syllaba aguda: *paixão.*
Graves — Penultima aguda e ultima breve: *dado.*
Esdruxulas ou *Datylica* — Ante-penultima aguda e duas ultimas breves: *pyramide.*

Especies de versos em lingua portugueza

De 2 a 12 syllabas, contando as que se proferem até á ultima aguda ou pausa.

2 Aqui
3 De amor foge
4 A primavera
5 O inverno qu'importa?
6 Salvè florinha simplece
7 Que eu fosse emfim desgraçado
8 Acompanhae meu vão lamento
9 Vem ó dona das graças e flôres
10 Nos deleitosos campos do Mondego
11 D'espigas e palmas c'roemos a enxada
12 Se a fortuna um diadema em teu berço
ha lançado.

Agudos, graves, esdruxulos — Como as syllabas.

CLASSES DE VERSOS

Simples — De 2 até 4 syllabas.
Compostos — D'ahi por diante cada um d'elles é reduzivel a 2 ou mais metros simples.

Composição dos de 5 (unica) 2: o 1.º de 2
o 2.º de 3

O inverno que importa.

1.º O inver (1 2)
2.º No que importa. (1 2 3)

Do de 6: (4 modos) Ex.: 2 de 3.

Bellos sem artificios.

Bellos sem (1 2 3)
Artificios. (1 2 3)

Do de 7: (varios) Ex.: (1 de 2, outro de 5):

Da vida o sonho agitado.

1 2
Da vi
1 2 3 4 5
da o sonho agitado.

Do de 8: (2 de 4):

Fatal doença golpe fero.

1 2 3 4
Fatal doen
1 2 3 4
ça golpe fero.

Do de 9: (3 de 3):

Tu és Venus, e deusa da lyra.

1 2 3
Tu és Ve
1 2 3
Nus e deu
1 2 3
sa da lyra.

Do de 10: Heroicos de grande formosura. Pausa constante e infallivel na 10.ª syllaba, e além d'esta uma obrigada na 6.ª, ou faltando a 6.ª, a 4.ª e a 8.ª. Ex.: 1 de 6 e outro de 4. 2 de 4 e 1 de 2.

6.ª 10.ª
As armas e os varões assignalados.
4.ª 8.ª 10.ª
Nise formosa como as graças pura.

As armas e os varões
assigalados
D'Africa as ter
1 2 3 4
ras do orien
1 2
te os mares.

Do de 11 (1 de 5 e outro de 6):

Da serra de Cintra por Deus enviado.

1 2 3 4 5
Da serra de Cin
1 2 3 4 5 6
tra por Deus enviado.

De 12: (2 de 6). Alexandrinos ou francezes:

Pobreza, eu te agradeço, o honrado velho diz.

Pobreza, eu te agrade
ço, o honrado velho diz.

Declamação theatral ou representação

É a que por meio da voz, do semblante e da acção, exprime os affectos do personagem que o actor representa. Isto deve ser feito com toda a exactidão e variedade, com as modificações que exigem a idade, o caracter e as circumstancias em que se suppõe achar-se a pessoa que se intenta representar.

Até muito perto da reforma do theatro ainda se podia applicar á execução das peças dramaticas o nome de *declamação*, porque era até esse ponto uma cantoria parecida com o canto monotono de certas ordens religiosas (*psalmodia*). Mas logo que a naturalidade substituiu a affectação, a palavra *declamação* não póde exprimir a idéa das representações modernas; todavia corre, mas é melhor *arte de representar*. Do seculo XIV conta a declamação a sua primeira idade e quasi os seus mais bellos dias. Depois a arte foi alterada e corrompida pelos esforços para a enriquecer. Uma actriz inimitavel restituiu-lhe o brilho. Dois luminares esclareceram as lettras: Voltaire e M.[lle] Lecouvreur. Não esquecer Garrich, Lekain, M.[lle] Dumesnil, Clairon, Talma, Mars, M.[lle] Maillard, Rachel. Decadencia actual.

Actor: o que sabe representar certos caracteres.

Comediante: o que sabe representar todos os caracteres.

Deve o actor ser dotado de extraordinaria sensibilidade, profunda intelligencia e grande illustração.

Sensibilidade é a faculdade de se deixar possuir de qualquer sentimento.

Elementos de declamação

Voz articulada ou *Palavra*.

Acção do corpo expressiva de sentimento ou *Gesto*.

Auxiliares da arte de representar

Uma das mais bellas qualidades do actor é um timbre de voz cheio, doce e sonoro. O exercicio corrige-lhe os defeitos. — Demosthenes e Satyro, actor grego. — Usar da voz para não sahir das cordas medias e fazer-se ouvir é um segredo importantissimo. — Clairon, Lekain. — Não se falla dos casos em que é necessario eleval-a ou baixal-a, como em gritos, rugidos, etc. — *Peito* motor — *Bocca* executor.

Pronunciação ou dicção. — Antes de aprender a declamar é necessario saber fallar. Uma pronunciação exacta e limpida é a primeira condição da arte. Dicção é a maneira de se exprimir. Rigor de articulação. A variedade das modulações, dar-lhe encanto.

Gesto. — Acção do corpo para exprimir os sentimentos; movimentos que acompanham ordinariamente a palavra e que algumas vezes devem precedel-a. Indica especialmente os movimentos do rosto.

Acção. — Gesto geral.

Accionado. — Dos braços e mãos. Pouco gesto. Largo e simples. A alma do braço está no cotovello e punho. O gesto é o movimento do braço e não da mão. Fazer cahir o braço a proposito. Combinação da cabeça e do braço. Firmeza sobre os pés. Corpo inclinado.

Rosto ou *semblante.* — Espelho ou expressão dos movimentos da alma (Lavater). Olhos, testa (fronte), sobrancelhas, palpebras, bocca, nariz, cabeça, collo, hombros, mãos, braços, pés, tudo concorre para a expressão.

Le Brun não attribue aos olhos a maxima expressão e eloquencia, senão ás palpebras. Plinio e outros sim.

Principio geral. — A alma falla muitas vezes, e de modo muito facil e claro, pelos musculos de maior mobilidade. Por isso se manifesta muito frequentemente pelas feições, sobretudo pelos olhos.

Principios geraes de declamação theatral

(ANTES CONSELHOS)

1.º Leitura de toda a peça, estudo, analyse

precedida de noções sobre as paixões, temperamentos, caracter.

2.º Conhecimento do seculo e epocha do anno.

3.º Estudo do caracter e situação dos personagens, e especialmente do que vae representar. A idade, para o trajo, acção e locução; o temperamento, se é violento, brando, ciumento, etc., e a analyse das situações.

4.º Saberá o papel sem ponto.

5.º Ensaios solitarios para dizer o papel com clareza e naturalidade.

6.º Não se deixar vêr antes do movimento proprio.

7.º Não dirigir a palavra ao publico.

8.º Diligencia que o espectador á sua entrada conheça logo a idade do personagem. Os olhos e o rosto devem principalmente indicar o que se passa n'alma.

9.º Não se distrahir um só instante.

10.º Regular o tom da voz pelas situações dos personagens.

11.º Propriedade e verdade historica no vestuario.

12.º Caracterisação. Utilidade de noções de anatomia e physiologia.

13.º Estudo dos silencios e do modo de ouvir.

14.º Ensaios com os outros actores para afinação e ensemble. Pronunciação. Arte de saber respirar. Modo de estar em scena. Entradas e sahidas.

Lisboa, 19 de Setembro de 1878.

~~João Baptista Alves Mendes~~



JOÃO, O CARTEIRO

LURLINE

POLKA POR CAROLINA LOURENÇO

DEDICADA AO ACTOR

JOSÉ CARLOS DOS SANTOS

Para a noite do seu beneficio



JOÃO, O CARTEIRO

LURLINE

POLKA POR CAROLINA LOURENÇO

DEDICADA AO ACTOR

JOSÉ CARLOS DOS SANTOS

Para a noite do seu beneficio

O CAMAROTE DA OPERA

Tem uma historia curiosa esta comedia.

Primeira peça que vi representar em Paris. Entrava n'ella o grande actor Bressant. No original francez até á penultima scena, o personagem Darsy é um cego!!! A primeira peça que ensaiei foi esta mesma, tive que ensinar a fazer um cego! Primeira peça que representei depois de cegar ainda foi esta, com a differença que o papel do falso cego, para o poder representar, alterou-se na sua fórma e foi cego até ao fim como vae na traducção que segue. Notavel coincidencia! Como já disse foi esta uma das primeiras peças que ensaiei. Tive a honra de ser convidado pelo Ex.mo Sr. conde de Rio Maior, para essa brilhante festa que nunca esquecerá áquelles que tiveram a felicidade de tomarem parte na recita, e assistir ao sarau.

É preciso entrar no trato intimo d'aquella illustre familia para se conhecer bem a sua bondade e o seu cavalheirismo. Mais uma vez reconhecido protesto a minha gratidão.

Tenho deveras pena de não ter sido possivel encontrar um folhetim devido á pena brilhante de Bulhão Pato, em que descrevia a recita e o baile. Deixei para o fim os meus agradecimentos ...io Lobato com um bom aperto de mão a significar-lhe o muito que preso a sua estima

O CAMAROTE DA OPERA

Comedia em 1 acto por Jules Leconte, traducção de Gervasio Lobato

PERSONAGENS

A Condessa de Liria — Henrique Darsay — Anatolio Duvivier

PARIS — ACTUALIDADE

SCENA I

CONDESSA (*só*)

(*Sentada, pensando*) O meu camarote... O meu camarote da opera!... (*Pausa — levanta-se e olha para o relogio.*) Oito horas! Agora está-se levantando o panno, vae começar o Propheta! a sala da opera enche-se pouco a pouco: d'aqui a uma hora todos os *diletanti* da sexta feira estarão a seus postos, para assistir á estreia d'Olivetta, a formosa dançarina hespanhola, que tão fallada tem sido!... E eu, fico aqui sósinha, mas sem saber o que heide fazer do tempo... d'esse pobre tempo que custa tanto a matar... e que toma tão bem a sua desforra. Mas que capricho este de minha tia... obrigar a decidir-me até á noite, por um dos meus pretendentes, e o signal seria á entrada no seu camarote dando o braço ao escolhido... Já viram um semelhante capricho? Que fiz eu? mandei-lhe dizer que não ia ao theatro. Como se a gente não podesse ficar um poucochinho viuva... conceder-se um bom entre-acto entre um marido e outro! (*Senta-se, pensativa.*) Mas que saudades que eu tenho do meu camarote!... (*Levanta-se, e em voz baixa.*) É força confessar, não pude resistir á tentação do Propheta... escrevi a Duvivier, para ver se me arranjava um camarote... e succeda o que succeder... Pois aquelle lindo vestido havia de ficar em casa, aqui a perder o seu bri-

lho, á luz baça do candieiro... Não, e não... ainda que não fosse senão para enraivecer Clarisse. Clarisse, minha cunhada, que não só me rouba as minhas modas, mas tambem me rouba todos os meus pretendentes. Que santa familia a minha... uma tia que quer que eu escolha marido de manhã para a noite... uma cunhada que não pensa senão em supplantar-me... Eu vou arriscar-me a muito se Vivienne me arranja o camarote... mas se não tenho forças para ficar aqui, entre quatro paredes!

SCENA II

ANATOLIO *e a* CONDESSA

Anatolio *(fóra, gritando)*. Sr.ª Condessa... Sr.ª Condessa. Madame Liria!

Condessa *(gritando)*. Ai! que é Duvivier!

Anatolio *(entra esbafurido, sem poder fallar)*. Ai! Condessa, perdôe!... Ouf! não posso mais... estou morto! (*Á parte.*) Ai! o meu pé... ai! o meu pé!... Deus queira que ella me mande sentar. (*Fica com o pé no ar.*)

Condessa. O meu camarote? arranjou o camarote?... O que tem? não póde fallar? quer um copo d'agua?

Anatolio. Eu?!... (*á parte*) e não me manda sentar... (*alto — com importancia*) Desde esta manhã que digo commigo: Anatolio Duvivier, meu amigo, é absolutamente preciso que a Sr.ª Condessa de Liria esteja esta noite na Opera, no meio de todas as elegancias de Paris: é preciso que ella te deva esse prazer... e que saias vencedor d'um combate do qual Chiméne é o premio. (*Á parte.*) Maldito sapateiro!

Condessa (*á parte*). Como Chiméne? saberá elle?

Anatolio. Sim, disse commigo: é preciso que ella seja a estrella d'essa festa brilhante! que ella reine n'essa sala... onde estão as formosas toilettes... os assignantes de gravata branca... a côrte e a burguezia, a orchestra harmoniosa... o lustre resplandecente, o ministro no camarote... e o director da repartição publica... na sua cadeira. (*Na força do enthusiasmo tem girado por a scena, esqueece-se do pé, dá um grito.*) Ai!

Condessa. Que foi?

Anatolio (*mudando de tom*). Não é nada... não é nada...

Condessa. Mas o camarote... o meu camarote!...

Anatolio (*fazendo valer muito os seus gestos e tirando da algibeira do casaco o bilhete do camarote para a copa do chapéo, e apresentando-lh'o como n'uma bandeja*). Eil-o.

Condessa (*agarrando-o com soffreguidão*). Ah! mas como!? como!? Por que milagre?... sente-se, Duvivier... conte-me isso.

Anatolio (*sentando-se, e á parte*). Uf!! até que finalmente. (*Alto.*) Diplomacia... minha bella Condessa... alta diplomacia... diplomacia *pur sang*... Isto não é por me gabar, Condessa, mas olhe que talvez o Sr. de Bismark o não conseguisse.

Condessa. Oh!... isso tambem, Sr. Duvivier parece-me de mais.

Anatolio. De mais?... lembre-se, Condessa, que é uma sexta-feira... noite de assignatura... vae o Propheta pela segunda vez, é o debute de Olivetta!!

Condessa (*estendendo-lhe a mão*). É um anjo!

Anatolio (*á parte*). Chamou-me anjo!... é minha. (*Batem fóra.*)

Condessa (*levantando-se*). Tem a bondade de ver quem está ahi, Duvivier?

Anatolio (*levantando-se, e á parte*). Estava aqui tão bem... (*andando para a porta*) Muito me doe este maldito. (*Entrando e saindo logo.*) Um bilhete para V. Ex.ª (*chegando-se para ao pé do sofá onde esteve sentado*).

Condessa (*lendo com commoção*). Henrique Darsay! Como? Darsay já voltou a Paris... Ha quanto tempo?... O bilhete não está dobrado... (*caindo sentada n'uma cadeira*).

Anatolio (*á parte*). Então ella esqueceu-se de mim? Não, eu não posso estar em pé... sapateiro infernal.

Condessa (*pensando*). Mas porque não viria elle passar a noite commigo? Ah! sim, como hoje é sexta-feita, julgou-me no theatro... E, quem sabe, talvez Clarisse lhe pedisse tanto...

Anatolio (*á parte*). E nada.. eu sento-me... (*senta-se*).

Condessa (*distrahida e pensativa*). Sente-se, Duvivier...

Anatolio (*levantando-se e sentando-se ao mesmo tempo*). Obrigado a V. Ex.ª

Condessa. Sabe de quem é este bilhete que eu agora recebi?

Anatolio. De quem, minha senhora?

Condessa. De Henrique Darsay.

Anatolio (*dando pouca importancia*). Ah! bem sei... do cego Henrique Darsay. Já voltou? Curou-se?

Condessa. Infelizmente, não. Pobre Darsay! Que boas noites passamos juntos, no outro inverno, durante o meu lucto. Elle sentado alli, ao pé do fogão, n'uma poltrona... e eu, ahi estendida sobre esse sofá, á minha vontade... em robe-de-chambre... porque um cego é a visita mais commoda que eu conheço. (*Fica pensativa.*)

Anatolio (*á parte*). Parece-me que me vae tambem a doer o outro. (*Alto.*) Mas como foi aquella cegueira nunca pude perceber.

Condessa. Sabe que o Sr. Henrique Darsay, era um grande pintor... uma celebridade! Estava para entrar para o Instituto, quando, ha dois annos, o desejo d'estudar uma natureza... mais natural que a da floresta de Fontainebleau, fel-o partir para o alto Egypto. Ahi... não sei ao certo o que se passou, porque nunca ousei perguntar-lh'o... mas o que sei é que veiu de lá cego. Quê de coisas que eu aprendi a mais durante os nossos invernos, a respeito do mundo, das artes, das letras! Como elle sabia, sob uma fórma engenhosa, descrever o que eu, no meu turbilhão mundano, nunca tivera nem o tempo, nem occasião de observar. (*Suspirando.*) Ah! Clarisse é bem feliz!

Anatolio (*á parte*). Olá, falla d'elle com uma paixão!... (*Alto.*) É verdade, elle fallou-se muito no casamento da cunhada de V. Ex.ª com esse tal pintor, em que ficou isso? desmanchou-se o casamento?

Condessa (*dando pouca attenção*). Creio que sim, não sei bem ao certo.

Anatolio. E esse tal Sr. Darsay nunca viu a Condessa? o que se chama ver?

Condessa. Nunca, só o conheci depois da sua

desgraçada viagem ao Egypto. (*Continúa a ficar perfeitamente pensativa.*)

Anatolio. É verdade que tambem elle é pintor, e deve ter feito já o retrato da Condessa na sua imaginação. (*A' parte, torcendo-se no sofá e levantando-se.*) Parece-me que me fez peior estar sentado. Só se foi o polimento que aqueceu. Vou dar meia duzia de voltas, disfarçadamente.

Oh! tu que as almas, etc.

Condessa (*comsigo*). Tambem um marido que me não visse... era o mesmo que ser feia!

Anatolio (*cantando*)

Sou eu, etc.

(*parando e olhando para a Condessa*). Adormeceria? (*Aproximando-se d'ella, alto.*) Então, Condessa, são horas? já se esqueceu da Opera?!...

Condessa (*levanta-se e muda repentinamente para outro tom*). Ai! é verdade!! (*Olhando para o bilhete que tem conservado na mão.*) Quantos logares tem este camarote?

Anatolio. Seis logares... tres para a sua toilette... um para a aia... e os outros dois para o meu chapéo e para mim... se se dignar dar-me hospitalidade.

Condessa (*representando com elle*). Que espirito!! Duvivier... é uma joia, uma perola! Como lh'o poderei eu pagar!!!...

Anatolio. Como m'o poderá pagar, Condessa? Como? (*N'este momento olham um para o outro; elle desce, ella sobe, á parte, emquanto ella muda o vestido, d'um lado para o outro.— Puchando os punhos e pondo a luneta, mirando-se todo.*) Sou muito feliz... Já me não dóe tanto.

Oh! tu que as almas, etc.

Condessa (*á parte, mechendo no vestido*). Mas o que pensará minha tia? Imaginará que reconsiderando sobre a minha recusa d'hontem, fiz uma escolha, e que essa escolha recahiu em... Oh! não, é impossivel! Pensemos apenas em divertir-me esta noite, e em fazer desesperar. Clarisse. E tempo mais e que tempo

de me decidir a vestir. (*Alto.*) Meu caro Duvivier, estou-lhe profundamente agradecida...

Anatolio. Oh! não tem de quê, Condessa, porque a honra de a acompanhar é uma recompensa... um favor bem precioso... Sobretudo agora... que o governo tem os olhos fixos em mim!

Condessa. Como?

Anatolio. Oh! agora já lh'o posso dizer, vou ser nomeado sub-prefeito... para começar!

Condessa (*admirada*). Sub-prefeito?! Ah! estimo immenso... ou antes tenho muita pena... porque o vamos perder.

Anatolio (*vivamente*). Se me perde, é porque quer, nada ha mais facil para si.

Condessa. Adivinho!... mas as minhas ambições vão mais longe!

Anatolio. Mas eu chegaria a tudo para lhe agradar. Subiria a todos os logares! (*á parte*) Passou-me de todo a dôr do pé! (*alto*) Falle, diga, o que quer?

Condessa. Quero... vestir-me para ir para a Opera.

Anatolio. Sim... mas, depois?

Condessa. Depois?... Quero ser marechalla de França!

Anatolio. Ah! É o unico desejo que lhe não posso satisfazer. Fui sorteado em 1853, tirei o meu numero: compraram-me um homem. Fui ferido em Sulferino. Eis todos os meus serviços no exercito.

Condessa. E... não é condecorado?

Anatolio. Não, Condessa; mas se quizer ser Sub-prefeita, conte comigo! Uma Prefeitura é como uma Vice-Realeza!

Condessa. Francamente, não me sinto com animo de deixar o Bosque de Bolonha e a Opera.

Anatolio. Então deixarei a prefeitura p'lo conselho de estado... prefeita ou conselheira, o que prefere?

Condessa. Vestir-me. (*Sobe.*)

Anatolio. Então, fallemos serio. Uma mulher como a Condessa, deve fazer do marido tudo que quizer.—Recebedor geral... deputado... embaixador...

Condessa. Oh! oh! Embaixatriz! A embaixatriz du Vivier!

Anatolio. Com um *V* grande... Era esplendido! Vale bem o titulo d'uma marechala.

Condessa (*avançando para elle e fazendo-o recuar para a porta*). Sr. Anatolio, trouxe-me um camarote, logo é para me utilisar d'elle, creio eu... pois bem, então permitta-me... que me vista... e em troca do prazer que me deu, acredite que...

Anatolio (*com enthusiasmo*). Acceita a minha mão?

Condessa. Acceito... o seu braço.

Anatolio. É já um começo, pois emfim vae abrir campo ás suspeitas.

Condessa. Do ministro e do secretario geral? pois sim, e se esta comedia muda pode servir á sua ambição, estou ás suas ordens; mas não perca um instante para arranjar a prefeitura, porque, não me presto á illusão senão esta noite.

Anatolio. Esta noite? Ah! é bem pouco tempo! Eu que a amo sem calculo... porque, se calculasse, se não pensasse senão no dinheiro, tinha...

Condessa. Terei porventura alguma rival? será amado, Sr. Anatolio?

Anatolio. Um... Dizem isso... dizem isso.

Condessa. Espere... Ah! agora me lembra, ouvi já fallar n'isso, a viuva d'um fabricante.

Anatolio. D'um chimico, Condessa.

Condessa. Nada, não foi isso que me disseram.

Anatolio. Um chimico de primeira ordem... que insta arrancar á natureza um dos seus segredos, combinando o acido carbonico em hydrochlorato de soda, e o... carbonato de magnesia...

Condessa. Justamente, um fabricante d'agua de Seltz?

Anatolio. Seja, já que assim o quer... pois bem! Essa viuva scientifica, sacrifico-lh'a, Condessa, ella e o seu milhão.

Condessa. E os seus quarenta e cinco annos!

Anatolio (*com sentimento*). Sacrificar-lhe-hia mais ainda.

Condessa. Creio bem.

Anatolio. Não lhe sacrifiquei eu já...

Condessa. Uma paixão profunda... sim... o seu charuto.

Anatolio. Não ria, Condessa... o charuto! Sabe o que é o charuto, Condessa?

Condessa. Agora não temos remedio senão sabel-o.

Anatolio. É o opio oriental transformado para o uso do occidente, é a grosseira embriaguez do vinho idealisado para o homem elegante. Um charuto!... um bom charuto!... É um amigo sempre prompto, a Fenix dos amigos... que renasce continuamente das suas cinzas.

Condessa. Ah! mas o senhor falla do charuto como um poeta... o poeta do estanco!

Anatolio. É que é preciso fazer-lhe comprehender o valor do meu holocausto. Está-se fechado no seu quarto solitario, deitado n'uma boa poltrona, por fóra silencio... por dentro quasi a sombra, um charuto perfumado entre os labios! indolente, contemplativo... veem-se desenrolar e tomar corpo nas aspiraes do vapor azulado, todos os sonhos, todas as aspirações que enchem secretamente a alma. É a mulher adorada... é o logar desejado! Tem-se uma e outra!... É-se amado... casado... subprefeito! E ás vezes... marechal de França! É só quando o charuto se acaba, é que se recae na vida real para reconhecer que de tantas illusões, e de tão encantadoras imagens apenas resta... um bocado de cinza.

Condessa. E de mau cheiro!

Anatolio. Não digo que não.

Condessa. Mas, ponto nos gracejos! decididamente vae deixar-me á minha toillete? só lhe peço uma meia hora pequenina...

Anatolio. Uma hora e meia! conheço as damas. Mas não importa. Vou para alli, para a sua sala... e lá esperarei sósinho com as minhas doces impressões, as minhas esperanças... e o jornal da noite!

Condessa. Nada. Está inteiramente livre! basta que esteja aqui ás dez horas.

Anatolio. Mas...

Condessa (*chegando á porta e fallando para fóra*). Celestina, põe o Sr. Anatolio na rua (*fazendo-lhe um gesto para sair*).

Anatolio (*indo buscar o chapéo*). Que encantadora familiaridade... É adoravel! Pois bem, Condessa, parto como um foguete, mas voltarei como um raio!

Condessa (*da porta, repetindo o gesto de sair*). Pode passar!

Anatolio (*recuando*). Que graça! que graça!
Condessa. Com um *V* grande!
Anatolio. Com um *V* grande! (*Canta e sae.*)

SCENA III

CONDESSA (*só*)

Vamos vestir-nos depressa. (*Fecha a porta da D., depois desce á E. e vae para o espelho.*) Com que artes que elle escamoteou este camarote! E no fim de tudo essa prestidigitação que elle me queria fazer tomar por amor, não passava evidentemente d'uma especulação de riqueza. Esse camarote, emfim, mascarava simplesmente uma emboscada. Oh! horror!... Vamos, a datar de amanhã... (*senta-se defronte do toucador*) E por fim de contas talvez elle arranje o que quer, attinja o seu alvo... Com um caracter d'aquelles não se vôa decerto, mas marinha-se, e este Anatolio parece-me um gato. O essencial é que eu lhe não sirva de degrau. Mas isso não é uma razão para eu renunciar ao seu camarote. (*Ouve-se a campainha — vae á janella.*) Quem será? Que vejo eu?! Quem vem alli encostado ao braço de minha criada! (*Desce.*) O meu bom Henrique!... Sinto-me toda commovida com a idéa de o tornar a ver... (*olha para o espelho e arranja os cabellos com a mão, de repente pára*) Ai! é cego!... nem de tal me lembrava... o que é o habito!

SCENA IV

HENRIQUE *e a* CONDESSA

Henrique (*batendo fóra*). Condessa, minha querida Condessa!
Condessa (*indo á porta*). Dê cá a sua mão, cuidado, tome sentido. Sente-se aqui no sofá. Não imagina como estou contente em vel-o aqui.
Henrique. E eu, que direi então! se soubesse...
Condessa. Estava resolvida a não receber ninguem, mas o meu amigo é differente, meu pobre amigo... infelizmente!... E ao mesmo tempo que conversa comigo posso ir fazendo a

minha toilette. *(Sobe ao fogão, vae buscar o candieiro e colloca-o sobre o espelho.)*

Henrique *(á parte)*. Fazer a sua toilette.... Com a breca! Se as esperanças que me deram os medicos fossem já uma realidade?!.... E assim mesmo... as sombras que já vejo.... É quasi um caso de consciencia.

Condessa *(vae buscar Henrique e fal-o assentar na poltrona)*. Para aqui, para ficar mais junto de mim. (*Vae ao espelho.*)

Henrique. Tenho escrupulos de mais... e vista de menos.... Ora adeus! recebem-me como um cego... e effectivamente o que sou eu ainda?... vêr sombras não é vêr.

Condessa (*tira-lhe a luneta, os seus olhares encontram-se; solta um grito*). Ah!

Henrique. O que tem?

Condessa. É singular! Parece-me que já não é o mesmo!

Henrique. Como não sou o mesmo?

Condessa. E se não soubesse que os seus olhos abertos não vêem...

Henrique. Infelizmente... sobretudo agora...

Condessa. Julgaria que me estava vendo. *(Indo sentar-se ao toucador.)* Bom, agora diga-me d'onde vem... ha um seculo que o não vejo.

Henrique. Venho das margens do Rheno...

Condessa. Oh! que encantados sitios! *(á parte, indo para o espelho)* para quem póde vêr... pobre rapaz!... Vamos começar a nossa toilette. (*Descobre o peito.*)

Henrique. Se eu podesse vêr! É o mesmo, o coração sonha-a!

Condessa. E o que foi fazer ao Rheno, jogar?

Henrique. Exactamente!

Condessa. Ah!... e perdeu?

Henrique. Não... pelo contrario...

Condessa. Ganhou?

Henrique. Tenho essas esperanças pelo menos... espero ganhar a partida que fui jogar.

Condessa. Com que ar que me diz isso!... Ah! já sei! Clarisse fez quasi a mesma viagem... naturalmente encontrou-a?

Henrique. Clarisse?

Condessa. Não é a recordação d'esse encontro... ou a felicidade de a encontrar em Paris que o faz tão alegre?... Não responde?

Henrique. Não... por ora não... gosto de

demorar as surprezas... E depois não tenho pressa... sinto-me tão bem aqui...

Condessa *(penteando-se)*. Como queira! Para mim o principal é vêl-o feliz.

Henrique. É sou-o... depois de ter soffrido bastante!

Condessa. Pobre amigo!... que deveras o tenho lamentado!... Não tornar a ver o que se amava!

Henrique. Não tornar a ver o que se ama!

Condessa. Mas vê-se na imaginação sempre, não é assim? Clarisse deve ter-lh'o perguntado bastantes vezes? As feições da mulher amada nunca mais se apagam da memoria... Quando ella falla... o coração vê-a. E sabe que é uma grande vantagem para ella?... Nada tem a temer do tempo. A sua imagem será sempre bella e nova!... É como um punhado de cabellos ternamente dados na mocidade: a cabeça pode envelhecer... os cabellos nunca se fazem brancos!

Henrique. Sim: a vista tem a sua memoria... mais fiel ás vezes que a do coração...

Condessa. Como?

Henrique. Não lhe disse já? O maior desgosto que soffri foi principalmente não tornar a vêr aquellas paizagens que tentava reproduzir nas minhas tellas; aquelles grandes espectaculos que me appareciam estranhos e radiantes para logo se esconderem bruscamente na minha noite.

Condessa. Sim, o Nilo... com as suas aldêas arabes... o seu valle.!. Damietta e os velhos baluartes de S. Luiz.

Henrique. Entrever tudo isto... estar no momento de os fixar para sempre.... e perder tudo! *(A Condessa recosta-se para o ouvir)* Uma noite que o nosso barco subia o rio, eu adormeci ebrio d'alegria, inebriado de sol! Na vespera o meu olhar avido contemplava os horisontes immensos, os caprichos de uma vegetação desconhecida, os gigantes monumentos que resistem ás ondas d'areia que engoliram o exercito de Cambizes, e que foram o sepulchro de Cleopatra! Todo commovido com estas admirações, todo alegre com estes assumptos novos que se offereciam á minha palheta, adormeço, sonho com elles! No dia immediato

abro os olhos... O que se tinha passado?... Alguma coisa que não posso comprehender e que me assusta! E não obstante o calor do dia abafa-me... queima-me a pelle... O dia brilha para os outros, não o posso duvidar... e para mim é noite! solto um grito... acodem-me... fallo... Estendo os braços... oiço... apalpo... e não vejo aquelles que me fallam!

Condessa *(prompta para ir para elle)*. Henrique!

Henrique. Comprehende o meu desespero!... Eu, que applicava apaixonadamente a minha vida a fixar imagens das estações fugitivas, do céo, os combates da luz e da sombra: eu que me embriagava com o espaço, como a aguia, e que me ajoelhava como o leão ante os admiraveis esplendores do sol poente... via-me violentamente arrebatado ás contemplações do mundo, ás imagens da natureza!

Condessa (*indo a elle e pegando-lhe na mão.*) E nem uma só mão amiga para apertar a sua!

Henrique. Não... estava só!... e tive de arrancar de mim mesmo a coragem e a resignação. Pois bem! Aquillo mesmo que nos esmaga, levanta-nos! tinha perdido a realidade, a imaginação veio em meu auxilio. Na vespera pintava com as minhas côres, no dia immediato pintava com as minhas recordações. Ah! que brilhantes quadros que eu coloria assim na minha noite! Que maravilhosos pontos de vista vieram então fixar-se na camara escura das minhas palpebras! E assim resignado, ou antes sustentado por uma secreta esperança, dizia commigo que se os meus olhos se reabrissem á luz, se a minha mão podesse tornar a pegar nos pinceis, essa lônga meditação das trevas não teria sido prejudicial á minha carreira... ao meu talento!

Condessa. Diga ao seu genio, meu amigo!

Henrique. Mas que loucura que são estes sonhos d'artista ambicioso! D'antes julgava que a felicidade estava n'um raio de gloria... Cego, vejo, que a felicidade está... n'um raio de luz!

Condessa (*com insinuação*). N'um raio de luz... só?

Henrique. Parece-me: tambem n'um raio d'amor, porque se o amor é cego, o cego... pode bem ter amor.

Condessa. Ah! tinha-o adivinhado, ao vél-o tão alegre!

Henrique. Porquê? Acha-me alegre?... acha-me differente do que era... antes da minha viagem?

Condessa. Acho. Quando entrou ha pedaço logo o notei. Havia nos seus labios um sorriso, no seu rosto uma alegria que não estava costumada a vêr.

Henrique (*rindo*). Ah! tanto melhor! Mas voltemos agora ao fim da minha visita. Estive com sua tia: sei que não vae ao theatro...

Condessa (*levantando-se*). Mas pelo contrario, vou: e até já me tenho demorado de mais.

Henrique. Vae!... sosinha...

Condessa. Não... acompanhada.

Henrique. Com quem, então?

Condessa (*voltando ao toucador*). Vae rir-se talvez de mim, porque já vejo que minha tia disse-lhe tudo. Vou... com o Sr. Anatolio Duvivier.

Henrique. Com Duvivier? Mas a escolha de semelhante companhia não tem, espero eu, nenhuma relação...

Condessa. Inteiramente nenhuma, pode crer! Mas depois do momento da revolta pensei... tive saudades da opera, do bailado, da estreia d'essa celebridade hespanhola, e...

Henrique. E a fraca mulher reappareceu?

Condessa. Então, o Sr. Anatolio Duvivier, sabendo dos meus desejos, foi correr Paris para me arranjar outro camarote.

Henrique. E como corretagem do seu commercio, obteve o favor de a acompanhar. O juro é magnifico.

Condessa. Ora! é melhor para mim do que para elle, eu ganho mais...

Henrique. Ganha em primeiro logar a conversação do Sr. Anatolio, que certamente duplicará para si o prazer do bailado!

Condessa. Acho-o muito severo. O pobre Duvivier não conversa muito mal! Mas os homens não são bons juizes do espirito dos outros homens... como as mulheres não apreciam sob o seu verdadeiro ponto de vista a belleza d'outra mulher...

Henrique. Então confessa?

Condessa. Visto isso fiz mal em acceitar o camarote e o braço do Sr. Duvivier?

Henrique. O camarote... vá... mas o braço...

Condessa. Não pode ser um sem o outro! E depois que quer, meu amigo? Muitas vezes faz-se o mal sabendo que se faz... e é isso justamente, que distingue as pessoas de juizo das doidas, as pessoas de espirito dos tolos. Por isso, eu, por exemplo, faço com juizo toda a especie de loucuras — de loucuras que se podem confessar, bem entendido — e estou mesmo disposta a fazer uma, ante o tabellião, o que é mais grave.

Henrique (*commovido*). O que? está disposta a tornar a casar-se?

Condessa. Estou... Desapprova?

Henrique. Não! depende tudo da escolha que fizer.

Condessa. Está feita... apesar de não estar disposta a proclamal-a ainda em plena opera.

Henrique. Ah!... E... pode-se saber?

Condessa. Trata-se d'um homem serio... que me dará no mundo a protecção de que eu preciso!

Henrique. E... quem é esse homem... serio?

Condessa. O general barão de Brodembach.

Henrique (*levantando-se n'um impeto*). O general?!

Condessa. Tome sentido, onde vae?

Henrique (*com explosão*). O general... mas podia ser seu pae! (*Senta-se.*)

Condessa. Elle não acha isso!

Henrique (*com colera*). Um estrangeiro!.... Ah! decididamente as mulheres servem-se do seu espirito mais a favor da sua loucura, que do seu juizo!

Condessa (*á parte — admirada*). Mas o que tem elle!

Henrique. Brodembach!... A Condessa Laura de Liria, transformada em baroneza de Brodembach... É uma loucura, um disparate.

Condessa. Sr. Darsay!

Henrique. Perdão!... mas tenho ouvido dizer que é muito feio, esse guerreiro.

Condessa. Muito não! Além d'isso, á força de se olhar para a feialdade, acaba-se por se lhe achar attractivos! O general tem bellos bigodes.

Henrique. Está brincando!...

Condessa. E depois, é muito rico... outro genero de belleza!

Henrique. Que lhe importa a riqueza? Não tem a Condessa uma fortuna sufficiente?

Condessa (*rindo*). O que se chama uma fortuna sufficiente, é sempre um pouco mais d'aquillo que se tem.

Henrique. Ah! está calculista! já não é a mesma... Esse Brodembach...

Condessa. Mas o que tem contra o general? Porventura elle antes de me fazer a côrte estaria atrellado ao carro triumphal de Clarisse? Falla d'elle como quem tem ciumes.

Henrique (*muito commovido*). Ciumes!.... eu!... (*Pára com intenção.*)

Condessa. Então!... não diz mais nada?...

Henrique. É que... queria dizer alguma coisa que valesse mais que o meu silencio.

Condessa. Ah! meu amigo! mas o que se passa em si? Ha pedaço tinha toda a expressão da felicidade: e agora, está ao mesmo tempo colerico e mysterioso! Falle, porque o Sr. é a Sphinge, e eu declaro-lhe que não tenho nada de commum com Œdipo... não sei adivinhar.

Henrique. E não obstante, ha uma coisa que uma mulher adivinha sempre.

Condessa. O que é?

Henrique. O amor que se sente por ella.

Condessa. Nunca experimentei.

Henrique. Olhe bem em roda de si...

Condessa. Adivinhando isso, julgaria ter medo de ser presumpçosa!

Henrique. E não o adivinhando, é talvez ingrata...

Condessa (*com impeto*). Henrique!

Henrique. (*com ironia*) Quando casa com Brodembach?

Condessa. No dia em que o Sr. casar com Clarisse!

Henrique (*rindo*). Pois bem: imaginemos que se casam no mesmo dia... (*á parte*) um com o outro! (*Alto.*) Mas diga-me, não tem medo que os formosos bigodes do general se ponham em pé quando vir o joven Duvivier de sentinella ao seu camarote?

Condessa (*scismando*). Não é isso o que me preoccupa!

Henrique. Então em que pensa?

Condessa. Penso... penso... (*dissimulando*) em minha cunhada. Espero que quando fôr

casado lhe diga, que deixe de me roubar as minhas coisas.

Henrique. Como! pensava que ao contrario...

Condessa. Agora trata-se de uma grinalda de flôres (*Henrique sorri*) mas esta noite vou desesperal-a!

Henrique. Que engraçado! Adoram-se na intimidade, detestam-se em publico. Pela manhã festas... á noite arranhadellas!

Condessa. Meu Deus! eu gósto de Clarisse tanto pela manhã como á noite, affianço-lhe... ella, porém... creio que tem ciumes de mim.

Henrique. Tem seus motivos!

Condessa (*vivamente*). Porquê?... por eu ter dois annos menos do que ella?

Henrique. Por ter mais espirito, principalmente.

Condessa. Ora, espirito!... Ha pedaço disse que o meu serve mais á minha loucura que ao meu juizo.

Henrique. Então, tem ciumes.... porque a Condessa é mais formosa do que ella.

Condessa. Como sabe isso?

Henrique. Dizem-n'o.

Condessa (*encantada*). Ah! dizem isso? Mas Clarisse apesar de tudo tem um grande successo onde apparece.

Henrique. Hum! successo de *toilette*, é uma belleza sem expressão. O nariz ás vezes é vermelho... sobretudo á mesa!

Condessa (*contente*). Oh!... Parece-me que falla d'ella muito ligeiramente... no ponto em que está.

Henrique. É exactamente por causa d'esse ponto.

Condessa. Mas de mim o que lhe teem dito?

Henrique. Oh! de si... nada tinham que me dizer. Conheço-a... como se a visse.

Condessa. Ah! conte-me isso!... é pintor, e imaginou de certo de mim um ideal impossivel: a Fornarina... a Joconda... a Violante... todas as formosas creações dos pintores namorados.

Henrique. Oh! não, não precisava d'esses ideaes. Primeiro a Violante, essa filha de Palma o velho, tinha a pelle trigueira d'uma veneziana, e a Condessa ao contrario...

Condessa (*voltando-se com a borla do pó d'arroz na mão*). E eu?

Henrique. É branca... como o lyrio!

Condessa (*pegando no carmim*). E não tenho o nariz vermelho?

Henrique (*serio*). Só se o quizesse ter... pintando-o! E quanto a Joconda, essa obra prima de Leonardo, parece-se ainda menos comsigo... ella não tem sobrancelhas (*A Condessa que estava para arranjar as sobrancelhas com um pincel, pára.*) emquanto que as suas parecem desenhadas pelo delicado pincel d'um chinez.

Condessa. Sim? (*A parte, depondo o pincel.*) É exquisito.

Henrique. E emquanto á Fornarina, não sei se Raphael lhe achou os admiraveis cabellos que caem — dizem — em cataractas innumeraveis sobre os seus hombros brancos.

Condessa (*pondo todos os utensilios n'um cofre*). Ah! meu pobre Henrique, como abusaram da sua boa fé... Se Clarisse o ouvisse...

Henrique (*serio*). Não me falle mais de Clarisse!

Condessa. Como! Ter-me-hia enganado?... Essa grande alegria da volta não vem d'ella?

Henrique (*amargamente*). Então julga que Clarisse... que qualquer mulher poderia continuar a amar-me?

Condessa (*voltando-se para Henrique*). Que diz? Que papel mais nobre e mais dôce ao mesmo tempo do que o que offerece a sua desgraça! Passar a ser o seu olhar... a companheira da sua intelligencia!... Como o Sr. a adoraria!... Como lhe admiraria e louvaria o seu sacrificio! Que digo eu?... um sacrificio?... Seria a felicidade!

Henrique (*transportado*). Como? a minha desgraça não a teria afastado de mim...

Condessa. Afastado?... Diga antes que terme-hia attrahido!...

Henrique (*com explosão*). Ah! então...

Anatolio (*fóra*). Condessa! sou eu, cara Condessa.

Condessa. Dez horas já... Tinha-me esquecido tudo... vem buscar-me.

Henrique (*levantando-se e querendo andar*). Que o leve o diabo.

Condessa (*indo a elle*). Olhe que cae.

Anatolio (*batendo á porta*). Está prompta, Condessa?

Condessa (*com máu humor*). Já vou! (*á parte*) Chega mal a proposito!

Anatolio (*batendo*). Então, Condessa!

Condessa. Já vae, já vae. (*A Henrique*) Meu amigo, receba o Sr. Duvivier; não o trate muito mal... devo-lhe o meu camarote! (*Conduz Henrique para o sofá.*)

Henrique. Se quer vou pagar-lh'o.

Condessa. Bem, começa já!... Pode entrar, Anatolio! (*Sae, levando o vestido.*)

Henrique (*á parte, commovido*). Aquelle coração! Oh! comprehendeu-me, ia jural-o!

SCENA V

Anatolio e Henrique

Anatolio (*entrando*). Eis-me, cara Condessa! (*Procurando, e descendo á E.*) prompto a gosar da felicidade... de novo... Hein?... Onde está ella? Este toucador em desordem... pinceis... (*Admirado de não ver à Condessa, procura o seu logar, e vê Henrique encostado ao fogão.*) Como? Um homem aqui? Ah! já sei, é o cabelleireiro.

Henrique (*despresando-o*). Henrique Darsay, Senhor!

Anatolio. O Sr. Darsay! (*A' parte.*) N'este quarto... a assistir á *toilette*... Ah! esquecia-me de que elle não vê. (*Alto.*) Então, está de volta a Paris?

Henrique. Apparentemente. Contraria-o isso?

Anatolio. A mim?... inteiramente nada!... mas a surpreza!... Perdão... sabe-me dizer o que é feito da Condessa?

Henrique (*ironicamente*). Quando o sentiu... passou áquelle quarto.

Anatolio (*surprehendido*). Ah! comprehendo... metti-lhe medo. (*Indo á porta da E.*) Cara Condessa... o *Propheta*...

Condessa (*dentro*). Tral-o comsigo?

Anatolio. Nada!... Cahiu-lhe o panno sobre o ultimo acto!... Era uma vez *Propheta*... Está prompta?

Condessa (*dentro*). D'aqui a 6 minutos. Diga ao Sr. Darsay que converse comsigo.

Anatolio. Ah! que diga ao Sr. Darsay.... (*Canta*)

Oh! tu que as almas, etc.

(*Passa á D. examinando, Henrique impassivel de pé encostado ao fogão.*) Senhor, a Condessa pede-me que lhe pessa, que converse commigo. (*Senta-se n'uma cadeira.*)

Henrique. Ah! a Sr.ª Condessa pede-lhe... que me pessa... que... Muito bem! tenha a bondade de começar.

Anatolio (*embaraçado*). De começar, eu! (*á parte*) É preciso achar um assumpto... (*alto*) Tudo leva a crêr que vamos ter um inverno muito suave, meu caro Sr. Darsay, muito suave!

Henrique (*com altivez*). Tanto melhor, Sr.

Anatolio. Não, tanto peior, porque um pouco de frio não fazia mal aos productos agricolas.

Henrique. N'esse caso, tanto peior para os productos agricolas.

Anatolio (*á parte*). Mau!... Este assumpto não pegou! era preciso achar agora um meio pessoal! Ah! achei. (*Alto.*) Mau, o polimento tornou a aquecer. Quando antes o vi aqui, invejei-o! assistir á *toilette* das damas, é um doce privilegio... que eu desejava bem ter, apesar de ter boa vista.

Henrique. Sim, ás vezes não vêr as pessoas é um privilegio... mas está-se exposto a ouvil-as.

Anatolio. É verdade, essa observação é engenhosa... isto é... com licença. (*Levanta-se com vivacidade.*) Eu não entendo este homem! (*Canta*)

Sou eu, etc.

SCENA VI

CONDESSA, HENRIQUE *e* ANATOLIO

Condessa (*em grande toilette*). Eis-me em pé de guerra. (*Calça as luvas.*) Boas noites.

Anatolio. Meu Deus, Condessa, como está bella! Sinto-me orgulhoso em lhe offerecer o meu braço... Venho de dar uma vista d'olhos á sala da Opera... é adoravel!

Condessa. Viu lá minha cunhada?

Anatolio. Vi, com uma esplendida *toilette* e coroada com uma grinalda de rosas... que fez sensação... O seu camarote está cheio, completo... como o omnibus quando chove!

Henrique. Olá! um dito d'espirito, Sr. Anatolio?

Anatolio. Faz-se o que se pode.

Henrique. É assim que eu o entendo.

Condessa. Então a sala está magnifica?

Anatolio. Magnifica! O director da repartição publica entrou n'este momento; tive pois a honra de o comprimentar.

Condessa. Ah! bravo!

Anatolio. Todo o estado maior da elegancia de Paris.

Condessa. Vamos enraivecer a minha cunhada. Vivier, mande chegar a carruagem.

Anatolio (*á porta do F.*) A carruagem da Sr.ª Condessa.

Condessa (*baixo, a Henrique*). Henrique, parece-me que podia vir comnosco... Temos que fallar ácerca... de Brodembach.

Henrique. Preferia antes dizer-lhe o que fui fazer á Allemanha.

Condessa. É verdade, diga-o já.

Henrique. Chego d'Heidelberg.

Condessa. Ah!

... *...ndo as luvas*). Heidelberg!... um magnifico castello... edificado não sei por quem... destruido por... emfim, pouco importa! Eu vi-o...

Henrique. E eu entrevi-o.

Anatolio. O Senhor...

Henrique. Eu mesmo.

Anatolio. Só se foi na imaginação... como um castello... no ar!

Condessa (*inquieta*). E para que foi a Heidelberg?

Henrique. Para fallar com o Dr. Cheluis.

Condessa. O famoso especialista de doenças d'olhos, professor da universidade.

Henrique. Fui consultal-o.

Condessa (*assustada*). E então?

Henrique (*olha-a fixamente*). Tenho esperança...

Condessa. O que?... vê...

Anatolio (*espantado*). Vê!

Henrique. Sombras apenas.... uns vultos confusos... (*Aproximando-se d'ella*) Por exemplo... não a vejo a si, infelizmente; mas adivinho-a, não lhe vejo as feições, mas differenço a sua mão branca. (*Agarra-lhe na mão e beija-a.*)

Anatolio. Um falso Belisario!

Condessa (*alegre*). Mas então? cura-se.... póde ficar bom?

Henrique. Não sei, não me atrevo a esperal-o muito, mas vejo no fundo da minha noite apparecer como que ao longe uma aurora... É era isto que eu lhe vinha dizer alegre e feliz, era isto que eu lhe vinha participar, mas...

Anatolio (*offerecendo o braço*). Condessa, o tempo urge...

Condessa (*resolutamente*). Não vou á opera!

Anatolio. Hein?

Condessa. Não, fico em casa!

Anatolio (*inquieto*). Mas, Condessa, tinha-me promettido.... annunciei a toda a gente que teria a honra...

Condessa. Não pode comprehender, Sr. Duvivier, tudo o que ha de delicado na minha posição actual.

Anatolio (*raivoso*). O que é que é delicado? Não vejo nada...

Condessa. O Sr. Darsay assistiu á minha *toilette*... pensando eu que elle era cego... completamente...

Anatolio. Mas é-o quasi.... não vê senão sombras...

Condessa. Perdão!... tenho o direito de levar os meus escrupulos... até não admittir sombras no meu passado...

Henrique. Juro-lhe... que infelizmente.... apenas differenço vultos...

Anatolio. Vê... só vultos... então nada faz ao caso... em nada transtornaria os nossos planos...

Condessa. Os nossos planos?...

Anatolio. Sim, com os nossos planos.... é mais que tempo, cara Condessa... e se quer fazer uma agradavel surpreza a sua tia...

Condessa (*á parte*). Minha tia!... É uma boa idéa!... Ella que queria esta mesma noite fizesse a minha escolha... está feita, e o coração decidiu: vou ao theatro! (*Alto.*) Leve a minha capa, Anatolio... o meu oculo, o meu leque, o meu ramo.

Anatolio (*depois de ir buscar os objectos — á parte*). O maldito! o polimento aquece! (*Offerecendo vivamente o braço.*) Condessa!

Condessa. Perdão, Sr. Anatolio.... mas o unico cavalheiro que posso acceitar agora é...

Anatolio. É?...

Condessa. Meu marido.

Anatolio. Exactamente... aqui me tem!

Condessa (*indo a Henrique*). Sr. Henrique Darsay... o seu braço!...

Henrique (*com alegria*). Pois quê!... consente... um cego!... um cego!

Condessa. Com esperanças e mesmo sem ellas, escolho-lhe o coração!...

Henrique. Ah! Laura!...

Anatolio. Hein?... Como?... O que é isso? Então não sou eu! é elle? Depois de eu ter feito tantos sacrificios...

Condessa. Sacrificios?... Elle! É verdade; devo-lhe uma indemnisação. (*Vae ao fogão e entrega a Anatolio uma carteira; tira um charuto, acende-o, mette-lh'o na boca, e põe-lhe o chapéo.*)

Anatolio. Como? Uma carteira?

Condessa. Permitta-me que lh'a offereça... Desobrigo-o do seu voto.

Anatolio (*abrindo*). Uma charuteira?

Condessa. É o symbolo da sua liberdade.

Anatolio. Então, Sr.ª Condessa, um subperfei... quero dizer, esse camarote, conquistado com tanto trabalho.... (*Pega n'um charuto.*) Parecem-me excellentes!

Condessa. Com licença! (*Accende o charuto.*) Um charuto! um bom charuto! (*Entrega-lh'o.*)

Henrique. Mas o que dirá sua tia? Ella que sonhava vêr sua sobrinha casada com um marechal!

Condessa. Contentar-se-ha. (*Altiva.*) E vêl-a-ha casada com um homem que tem duas sagradas grandezas: a do genio e a do martyrio. (*Voltando-se para Anatolio.*) Sr. Duvivier, quer acceitar um logar no seu camarote?

Anatolio. Obrigadissimo, Condessa!

Condessa. O meu ramo! a minha capa! O meu oculo! o meu leque! traga tudo, Vivier. Vamos, Henrique.... O que é? Vê alguma cousa?

Henrique. Parece-me que vejo um tolo.

Anatolio (*Canta*)

Sou eu, sou eu, sou eu!

(CAE O PANNO)



MARIA ANTONIETTA

MARIA ANTONIETTA

Drama em 5 actos de Paulo Giacometti, traduzido por Ernesto Biester

Subiu á scena no anno de 1873 na noite do beneficio da actriz Emilia Adelaide.

PEÇA DO REPORTORIO DA GRANDE TRAGICA RISTORI, E UMA DAS SUAS MAIS BRILHANTES COROAS

ACTO IV, SCENA FINAL DA DESPEDIDA DO REI Á SUA FAMILIA

Minha irmã! minha boa, minha excellente irmã... vamos apartar-nos... bem cedo... mas mais tarde, um dia... rever-nos-hemos todos... Oh! desgraçado d'aquelle que n'este momento não acreditasse na immortalidade da alma! (*a Isabel*) Não lhe recommendo que ame e console a viuva de seu irmão; foi sempre para ella a melhor das amigas, uma verdadeira irmã, mas de hoje em diante mais precisará ainda da senhora!... Não se apartem nunca! Tambem lhe peço que ame os meus filhos, que sempre tiveram na senhora uma segunda mãe... Minha querida filha deixo-a a sua mãe como um anjo de consolação; ha de amal-a ternamente, sei... e honral-a tambem... E o meu caro Delfim, (*com extrema commoção e sentando-o nos joelhos*) não chore nunca o throno que seu pae lhe não poude conservar!... Mas se um dia, o que não praza a Deus, fosse destinado a subir a elle, affaste para longe todo o pensamento de vingança e lembre-se que seu pae, a exemplo de Christo, perdoou aos seus algozes! e agora recebam todos a minha derradeira benção!... (*Estende as mãos sobre as suas cabeças*) Ah! a natureza humana não tem forças para mais! (*Depois do signal do alcaide, e fazendo um grande esforço, ergue-se do canapé e dirige-se para a porta*) Adeus!...

Beneficio do actor Santos, em S. Carlos

Um actor, que foi ha quinze annos o mais glorioso, o mais farto de ovações, de applausos, poderiamos tambem dizer de invejas, já que ellas são apanagio dos triumphadores, representa ámanhã no theatro de S. Carlos depois de afastado da scena, ha muito tempo, por todas as perseguições da desgraça.

Teve tudo por si, tudo a seu favor, tudo a sorrir-lhe, durante largo periodo, este homem!

Orgulho de haver ganho o seu nome e o seu logar, sem outro auxilio senão o do seu talento e o do seu trabalho...

A alegria intima de se ver querido...

A paz de consciencia de ser util aos seus, de lhes fazer o bem que podesse, de os encaminhar na vida, de lhes adoçar a sorte; e aquella suprema satisfação do artista de ensinar os que lhe pedem conselho, e de poder vel-os medrar á sombra do generoso empenho com que promove os progressos d'elles...

Tudo isso a desgraça varreu n'um dia.

Pela sua aptidão e pelo seu amor ao trabalho havia conseguido, sem que ninguem se atrevêra a contestar-lhe um direito como que sagrado, ser o primeiro actor dramatico da scena nacional. A unica geração de artistas que tivemos, o Epiphanio, o Dias, o Victorino, o Sargedas, haviam morrido; Tasso, seu companheiro ainda em grande parte do melhor reportorio d'uma epocha, succumbiu em plena lida e em plena luta...

Ficando, porque assim digâmos, só, tratou de educar artistas; o que se costuma chamar creal-os. Artistas não se criam; ha uma cousa

que nem as escolas dão, nem a malquerença póde tirar, é o dote de nascer artista; tão inutil para quem não tiver tal prenda querer alcançal-a no trabalho, como dispensar-se d'elle pela fortuna de a possuir.

Esse talento, entre nós dos mais raros, o do theatro, onde elle o presentisse, apresentava-o, auxiliava-o, era o primeiro a acclamal-o...

Foi assim para com Antonio Pedro, o celebrado comico; para com um galã, Alvaro, que está no Brazil, creio eu; para com Mello, cujo delicado espirito não teve aliás tanto ensejo de fazer brilhar, porque o genero de papeis a que a sua vocação o destinava fosse o mesmo do reportorio d'elle no que respeitava a comedias, e os que escreviam para o theatro empenharem-se sempre, como era natural, em que fosse elle ao papel e não outro, por melhor habilidade que o outro revelasse.

O theatro partuguez estava n'uma das suas crises mais perigosas, quando Santos verdadeiramente appareceu.

Não se atreviam ainda os auctores novos.

Os antigos não se atreviam já.

Elle dirigiu-se a Pinheiro Chagas, por exemplo, e com a *Morgadinha de Valflor* alcançou o triumpho mais florescente do theatro portuguez nos ultimos tempos; nenhuma peça alcançou mais facil e espontaneamente a voga, a estimação, a affluencia do publico, os louvores da imprensa, o agrado unanime da opinião. Houve um enthusiasmo de phrenesi e de delirio. Não era um drama de surprezas e lances jámais sonhados, mas era por tal maneira interessante, estava escripto com taes galas de poesia, seguia a acção o seu caminho por modo tão habil, que, por melhor talento que se considerasse no auctor, o publico ficou maravilhado d'aquella auspiciosa estreia.

— Isto é que é estreia! exclamava o Santos, contente, feliz. Um poeta a escrever pela primeira vez para o theatro fica como um pintor que fizer vistas, ha de ver dançarem-lhe as linhas de um lado e do outro, mudarem os tons de intensidade, recuar o primeiro plano, os longes crescerem; e na *Morgadinha* não ha d'essas hesitações; já se calculam os effeitos, já a luz da rampa, que desfigura tudo, luz que em

vez de descer do ceu sobe do chão, não lhe produz vertigem nem o estonteia! O' querida *Morgadinha!...*

Era um enthusiasta!

Exaltado, exagerado, ora timido ora animoso, tão depressa humilde como emproado, nervoso se quizerem, mas natureza de artista, invencivel, sincera, que o theatro seduziu, attrahiu, chamou desde creança.

Vivera os annos da infancia no recato e conforto de familia que tinha meios e que, como se usa dizer, *passava* bem; mas a adolescencia foi já encontral-o em plena luz de liberdade, como que ao sol da praça publica, crescendo sem dar por isso, a participar já da vida do paiz, do sentimento litterario que se desenvolvia por aquella epocha, do movimento artistico que principiava a transformar os costumes e a vida lisbonense. Chegavam as companhias francezas para o theatro de D. Fernando, o Dargis famoso no *Marquez de Seiglière,* o Thibaut incomparavel no *Ce que femme veut*: no theatro de D. Maria davam-se as grandes peças espectaculosas, o *Templo de Salomão,* em seguida ao *Alcaide de Faro,* a *Prophecia* em seguid ao *Templo de Salomão;* a educação escolastic haveria suffocado aquelle temperamento de a tista, mais destinado a adivinhar do que aprender, fadado antes para a arte e para grandes canceiras da vida activa do que par a tranquilla applicação nos bancos das aula Nada de poeira de collegio velho, nada de de cascar pacientemente o Tito Livio, nada d mathematicas causticas e severas, nada de f rula de continuos, nem matricula, nem pont nem exames com carta de empenho; que en penho mettera o Epiphanio para ser celebre a Emilia das Neves para ser famosa? o Tass para ser querido? E depois acudiam logo boatos populares a exagerarem a condição i fima do ponto de partida dos principaes arti tas: dizia-se que, por algum de familia illustr havia dezoito saídos do nada, e erguidos com esse a primeira distincção do nosso tempo, nomeada, a gloria, até figurando de fidalg nas peças, melhor que os fidalgos mesm quando em theatros de salão se representava a si proprios: mil ditos que passavam por pr

verbios: que ninguem vestia casaca como o Tasso, que ninguem se apresentava mais nobre que o Epiphanio, mais solemne que o Victorino, mais magestatico e magestoso que o Theodorico, mais elegante que a Emilia, mais grave e senhoril que a Talasse, mais casta que a Soller, mais correcto e didactico que o Rosa; quantidade de raridades, phenomeno sobre phenomeno, gloria e mais gloria, a arte á véla, o paiz de vento em pôpa...

Santos esbogalhava os olhos, aquelles olhos scintillantes, que já hoje não vêem nem o theatro, nem o publico, nem a familia, nem o céo, e, como o outro que exclamava *Anch'io*, elle esgueirou-se por aquella escadinha de pedra do theatro de D. Maria, empurrou a porta que dá ingresso ao tablado, por ali farejou, por ali mexeu, por ali pediu, e lá deram por elle, e lá lhe confiaram não sei que papelito; e o talento, que fulge esteja onde estiver, brilhou por tanta maneira n'esse papelito, que d'esse papelito, d'esse pequerrucho, novinho, redondinho, a quem os machinistas do theatro, os velhos carpinteiros do palco, os actores e as actrizes, e o Felner e o Mendes Leal, e o Garrett ainda, chamaram o *Pitorra,* saiu o primeiro artista dramatico da nossa terra, e, como tal saudado de uns e de outros, recebido, acclamado de papel para papel e em peça sobre peça, se aguentou na *berra,* como diz o povo.

Teve então o encanto e vantagens das commodidades: vivia n'uma casa boa, quente no inverno, fresca no verão, bem mobilada, criadas, criados, excellente mesa, boa companhia, muita gente a cortejal-o, uns que precisavam lisonjear e outros não, especuladores, e tambem sinceros, o que se póde ter, emfim, mais agradavel, ver bom modo em todos, respirar poesia no bem estar da vida e do talento.

De uma occasião e de repente a roda principiou a desandar...

Tudo então, ou quasi tudo lhe fugiu...

A fortuna, a saude, o talento, a vista...

Cousa notavel, os cegos haviam-lhe produzido sempre uma impressão extraordinaria. Quando no theatro de D. Maria se ensaiou o *Tartufo*, a cada instante elle, maravilhado da riqueza de recursos com que o illustre tradu-

ctor sabia fazer valer e brilhar a lingua portugueza, exclamou com aquella expressão de artista tão privilegiada d'elle, que fazia uma só alma da accentuação do actor e da commoção do espectador:

—Oh! este cego!...

De outras vezes, se encontrava nas ruas um cego tocador de guitarra, que aqui havia, que andava acompanhado por um pequeno, fixava-o sempre muito:

—Coitado! dizia. E que boa cabeça! Fronte alta, rugas parallelas e pouco cavadas, orbitas profundas; e, na parte inferior do rosto, pelo sereno das linhas, pelo suave dos contornos, aspecto de mocidade! Que destino, hein? Escutar as vozes da natureza mergulhado sempre em sensações tumultuosas, e armar a tristeza por tal arte, que a faça fallar a linguagem das harmonias terrestres tocando o fado na guitarra! Olhem que historia aquella!

... E agora é elle que chora a desgraça propria de já não poder espraiar na luz os formosos olhos de artista, que tanto valeram e tanto diziam por si sós nos grandes e brilhantes lances das suas noites de theatro!

O producto da recita de hoje em S. Carlos, em que elle representa um ou dois actos, reverte em beneficio do famoso actor, em tempos emprezario e director do theatro de D. Maria, e hoje cego.

A desgraça tem os seus predilectos; e chega a parecer ás vezes que quer ter ciumes de seus direitos; mas a dôr é como o raio, santifica: em marcando alguem chega a impôr aos inimigos, obriga-os a recuar; concorrendo hoje a essa representação em beneficio de Santos, mostremos-lhe que os desgraçados pódem lograr, por menos natural que isto pareça, que a estima e a sympathia publica se lhes conservem fieis!

Julio Cesar Machado.



LEITORA

ACTOR SANTOS

Foi digna d'elle, do seu grande e insubstituivel talento, do seu fulminador infortunio e do acrisolado affecto que a todos nos inspirou, a noite de quinta feira em S. Carlos.

Lisboa, que tão arrédia anda de theatros e que deixa as mais das vezes os pobres actores representarem para si mesmos, Lisboa, levada de um espontaneo impulso, encheu o theatro de S. Carlos e castigou o destino fatal e descaroavel, accendendo na sombria noite da cegueira, que roubou Santos á Arte e aos jubilos das suas noites festivas, o sol radioso e fecundo do enthusiasmo, que é para o artista mais do que o pão da vida, que é a luz da sua alma, ao calor da qual reverdecem todas as suas mais intimas aspirações.

Brilhou esse remoto astro, como elle raras vezes brilha no plumbeo céu da arte portugueza, inundou de luz o vulto d'esse mallogrado e grande actor, fez-lhe do palco, que elle entrevia vagamente, pallido e fugidio como um sonho que não volta, um nimbo, irradiou o fulgor da apotheose em cada um dos bravos que rebentaram explosivos, entreteceu-lhe com palmas, que fremiam sonoras e eccoavam por toda a sala como hosanna triumphal, uma corôa immorredoura, e fez-lhe d'essa noite, que lhe parecia a elle que fosse a ultima, a primeira, a mais gloriosa de todas, a noite que compensaria em jubilos sem egual a sua immensa desventura, se acaso fosse possivel haver compensação na terra para quem perde a luz dos olhos.

A noite de quinta feira em S. Carlos teve uma grande e suprema significação, a de provarnos que não se extinguiu ainda entre nós o

culto pela arte, que os raros deuses dos nossos desornados altares teem ainda a genuflexão das adorações espontaneas, e que o frio desalento que nos traz, apparentemente, indifferentes ou descridos, provém mais da substituição do deus pelo idolo, do altar pela peanha, do culto pela pantomima, do que da apostasia dos fieis.

Ainda bem que assim é, e que um publico numerosissimo, composto de tudo quanto ha de mais illustre nas letras, nas artes, na diplomacia e nas *finanças*, affirmou a José Carlos dos Santos, por meio da mais imponente e unanime de todas as ovações, que elle está prompto a deixar-se enthusiasmar, logo que o bello,—a grande arte e os grandes artistas,—saibam vibrar-lhe a sonora lyra do enthusiasmo.

Fallemos agora do espectaculo, que abriu com a comedia em 2 actos, a *Leitora*, traduzida do francez, não sabemos por quem. A comedia, embora longa e demasiado diluida [illegible]umas scenas, que se ampliam ou que se [illegible]necessidade, e não obstante a contextura e linguagem accusarem os moldes antigos em que se fundiu, levanta-se comtudo no segundo acto e por meio de uma situação habilmente delineada, subjuga e commove o espectador.

O dialogo de sir Cobridge, militar velho e cego, ferido por um duplo infortunio, a cegueira e a apparente deshonra da filha, admiravelmente interpretado por José Carlos dos Santos; dialogo com Carolina, papel onde Amelia Vieira deixou mais uma vez assignalado o seu florente talento, que dia a dia se recama de novos encantos, em que o cego amaldiçoa a filha, inconsciente de que a pobre menina agonisa a seus pés não soltando uma palavra contra a tyrannia que a condemna a suffocar no peito os impulsos da ternura filial, esse dialogo, interrompido de subito pela entrada dos frivolos e estouvados amigos de sir Arthur, de que resulta um esplendido effeito dramatico, representado todo elle como raras vezes se tem visto representar nos nossos palcos, é realmente formosissimo e bastaria para confirmar o merito da peça.

Santos, que no 1.º acto se nos apresentou quebrado pelo infortunio, pungido pela perda de tudo que mais amava, entorpecido entre os gelos da velhice e do desalento, despertando apenas n'um breve lampejo de colera do seu lethargo moral, recobra no 2.º acto, á medida que as paixões acordam no dilacerado coração de sir Cobridge e n'elle se ateiam as chammas do amor paternal, do odio, da saudade, da vingança, o perdido vigor de militar denodado, até que por ultimo volve enternecido e radiante de ternura, aos braços da filha, injustamente calumniada.

É perfeita a humanisação do difficilimo personagem de sir Cobridge, estudado nas suas mais intimas commoções, e denota elle que o talento de Santos, á semelhança do tronco annoso, lascado pelo raio, reflori todas as primaveras, alimentado pela seiva uberrima e inexhaurivel.

Pareceu-nos que volviamos com o eminente actor ás suas mais ridentes e gloriosas noutes: a mesma distincção inigualavel, o mesmo gesto elegante e nobre, os mesmos processos indicativos de um raro e brilhante temperamento artistico, a mesma voz rica de modulações, que percorre com pasmosa facilidade os mais oppostos e variados sons. E tudo isso nos leva irresistivelmente a pedirmos ao grande artista que volte para o theatro, onde o seu logar permanece vago.

Amelia Vieira deu um prestigioso relevo ao papel sympathico de Carolina, e, particularmente nas scenas mudas, as mais difficeis no theatro, as que raros actores sabem esboçar, impoz-se á admiração unanime do publico que a victoriou, e chegou onde não chegam senão os predestinados do talento.

Posser declamou com acerto o papel de sir Arthur, apresentando-se briosamente e mostrando conhecer os segredos da arte, e representando com natural commoção a scena violentissima do 2.º acto com Cobridge e Carolina.

A. Vianna interpretou discretamente o papel de Lady Gerald, e o mesmo dizemos com respeito aos distinctos curiosos da sociedade Taborda.

No final da *Leitora*, entre os applausos delirantes do publico, Posser leu uns versos, dedicados a Santos, dos quaes nos pareceram formosissimas algumas estrophes.

Depois de dois intervallos comicos, deliciosamente desempenhados por Taborda e Valle, seguiu-se a comedia em um acto, *O camarote da Opera*, traduzida por Gervasio Lobato. Não tem enredo que chegue para tão extenso acto esta comedia, unicamente recommendavel por algumas phrases de espirito e pelo desempenho, confiado a Santos, Posser e Amelia Vieira. O papel de Henrique Darsay, interpretado por José Carlos dos Santos, é o de um moço pintor, phantasia ardente e devaneadora, coração apaixonado, mas de uma reserva inquebrantavel, o que se explica pela cegueira que o não deixa acreditar na ventura de ser amado. Vimos n'esse papel Santos em toda a pujança da mocidade, com a sua bella cabeça leonina e a irreprehensivel distincção de *gentleman* que de todo elle se exhala. Amelia Vieira disse com fina *coquetterie* de salão, os dialogos, um pouco á *demi monde*, da condessa Lyria.

O espectaculo terminou ás 2 horas da noite com a *reprise* da opereta *Tres dragões*, em que Herminia, Queiroz e Augusto cantaram e representaram com inexcedivel graça.

Guiomar Torrezão

THEATRO DO GYMNASIO

Recita em beneficio dos inundados

Foi hontem noite de festa no theatro do Gymnasio. O producto da recita revertia a favor das victimas das inundações e reapparecia na scena portugueza um dos vultos artisticos que mais a tem engrandecido e elevado. Referimos-nos a José Carlos dos Santos, que uma doença pertinaz tem trazido afastado das lides theatraes.

A sala do espectaculo offerecia um aspecto surprehendente. No camarote real viam-se suas magestades el-rei o sr. D. Luiz e a rainha a sr.ª D. Maria Pia, e sua alteza o sr. infante D. Augusto; no camarote fronteiro, sua magestade el-rei o sr. D. Fernando e sua esposa; e nos outros camarotes e frizas muitas senhoras da nossa primeira sociedade.

As duas platéas estavam completamente cheias. A procura de logares foi tal que hontem de manhã os contractadores vendiam frizas a dez mil réis e cadeiras a dois e tres mil réis.

Grinaldas de flores guarneciam os intervallos dos camarotes.

Ás oito e um quarto, achando-se a familia real no respectivo camarote, subia o panno e era executado o hymno de el-rei o sr. D. Luiz, que todos os espectadores ouviram de pé e descobertos. No palco apresentou-se toda a companhia e a empreza do theatro: — as actrizes, com vestidos decotados, e os homens de casaca e gravata branca.

Terminado o hymno, José Carlos dos Santos destacou-se dos seus companheiros e recitou, como elle o sabia fazer nos seus dias mais

felizes, a primorosa poesia do laureado escriptor o sr. Pinheiro Chagas, *A Caridade*, que foi acolhida com enthusiasticas demonstrações de agrado.

Seguidamente, commissões artisticas de todos ou quasi todos os theatros portuguezes de Lisboa e deputações da sociedade *Taborda* e da *Academia Civilisação Popular*, entraram no palco a felicitar José Carlos dos Santos. Todos os commissionados se apresentaram de casaca e gravata branca.

Pouco depois, o actor Posser adiantava-se aos seus companheiros para recitar uma sentida poesia do nosso collega do *Diario de Noticias*, o sr. Eduardo Coelho, e na qual se celebrava o reapparecimento na scena do nosso primeiro actor, hoje acabrunhado pela doença, e obrigado por isso a conservar-se afastado do palco com geral sentimento.

A poesia do sr. Eduardo Coelho foi muito applaudida pelo publico.

Santos, commovidissimo, abraçou o seu collega Posser, que lhe offereceu uma linda corôa.

Coube depois a Taborda a vez de expressar em poucas palavras, mas repassadas de sentimento e de sinceridade, a sua admiração pelo talento superior de Santos. Taborda abraçou estreitamente Santos, e dos olhos de ambos elles saltavam as lagrimas copiosamente.

Santos agradeceu então aos seus collegas, ao publico e á imprensa as provas de estima que todos lhe teem dispensado, e terminou dizendo que, se é dado ao desgraçado o ser feliz, sentia-se feliz n'aquella occasião, em que era alvo de tantas provas de estima. Nos camarotes e na platéa vimos muitos espectadores com os olhos marejados de lagrimas.

A noite de hontem foi por certo noite de balsamo para as dores que tem soffrido nos ultimos tempos José Carlos dos Santos.

Além das provas de sympathia enumeradas, o palco, magnificamente adornado, cobriu-se de *bouquets* que eram dirigidos ao insigne artista. As palmas e os applausos que recebeu foram enthusiasticos e sinceros.

No intervallo do segundo para o terceiro acto as actrizes Maria das Dores, Emilia dos Anjos e Amelia Vieira, acompanhadas pelo

empresario do theatro, o sr. Pinto, e outros cavalheiros, foram offerecer á familia real, que as recebeu com a sua costumada afabilidade, as poesias que se recitaram.

Depois percorreram os differentes camarotes, com outras suas collegas, offerecendo as poesias recitadas ás senhoras, e pedindo esmola para os inundados. A receita foi importante. O producto da recita tambem foi avultado.

A empreza do Gymnasio, honra lhe seja, fez o que humanamente era possivel fazer para que a festa de hontem fosse luzida e productiva.

Sua magestade a rainha, á similhança do que tem praticado nos outros theatros, brindou as actrizes que tomaram parte no espectaculo com ramos de flores, tendo cada um as iniciaes — M. P.

O peditorio pelos camarotes e pelo palco produziu 180$000 réis aproximadamente. A casa rendeu perto de 400$000 réis.

O actor Santos foi visitado no seu camarim pelo sr. ministro da justiça, Cardoso Avelino, e el-rei o sr. D. Luiz mandou-o chamar á sua presença, dispensando-lhe as palavras mais amaveis.

Diario Illustrado de 1877.

DIARIO DA CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS

SESSÃO DE 8 DE JANEIRO DE 1877

O sr. **Pinheiro Chagas**:—Mando para a mesa, a fim de ser enviado á commissão respectiva, logo que esteja organisada, um requerimento pelo qual o actor portuguez José Carlos dos Santos pede que lhe seja concedida a reforma a que teria plenissimo direito, se tivesse representado por mais algum tempo no antigo theatro de D. Maria II.

Permitta-me v. ex.ª e permitta-me a camara que eu accrescente algumas palavras antes de enviar simplesmente este requerimento para a mesa.

Este actor, se tivesse representado, como disse, por mais algum tempo no theatro de D. Maria II, estaria hoje ao abrigo da letra da lei; assim está ao abrigo do espirito da lei. A lei que garantia aos cultores da arte de representar na sua mais sublime expressão o direito a uma velhice socegada e ao pão do crepusculo da vida, não podia excluir das suas recompensas o homem entre todos aquelles que, fosse qual fosse o theatro em que estivesse, era sempre o sacerdote d'essa arte na sua mais sublime expressão. Theatro onde elle estava era theatro-escola, e a prova d'isso é que quando elle voltou para o theatro de D. Maria II trouxe comsigo, formados por elle, guiados por elle nos seus primeiros passos, os mais brilhantes talentos da nova geração dramatica em Portugal.

A lei que garantia uma velhice tranquilla aos que collaboravam na regeneração da arte dramatica em Portugal não póde excluir aquelle que mais que todos a ennobrecêra como actor,

como mestre e como emprezario. Como actor, representando os typos mais sublimes da litteratura nacional e estrangeira; como mestre, doando ao theatro portuguez uma das suas mais esplendidas individualidades, Antonio Pedro; como emprezario, resuscitando o reportorio de Garrett e abrindo o theatro nacional a Molière e Castilho.

Se a lei que recompensa os actores prestantes não abrangesse José Carlos dos Santos, quem é que podia ufanar-se de ter direito a essa recompensa? (*Apoiados.*)

Mas, sr. presidente, eu não venho aqui sustentar um direito, nem discutir a interpretação de uma lei, venho simplesmente apresentar uma supplica, e fallar ao coração dos representantes do paiz.

Senhores, o homem que honrou a arte e o paiz, que foi o idolo e a alegria das platéas, o seu dominador e fascinador, que tantas vezes as enthusiasmou e enlevou, hoje, perseguido por uma doença cruel, quasi cego, se não lhe acudirem, terá de estender a mão á caridade publica. (*Apoiados.*)

Para o actor, a hora em que cessa o trabalho é a primeira hora da miseria, Santos não póde trabalhar: a prova d'isso é que ha pouco, querendo elle tambem entrar n'essa santa cruzada, que, nobremente dirigida por Sua Magestade a Rainha, está sendo o santo empenho de todos os portuguezes, e desejando recitar uma poesia n'um beneficio a favor dos inundados, lembrei-lhe a esplendida poesia do nosso collega o sr. Thomaz Ribeiro, *Festa e caridade,* e Santos respondeu-me que não podia estar mais de dez minutos diante da luz da ribalta, diante d'essa luz que outr'ora lhe illuminava a gloria e que hoje projecta a sua luz hostil na tristeza da sua situação. (*Apoiados.— Vozes:—* Muito bem.)

Chamo para este assumpto a attenção da camara dos deputados. É digno da sua attenção o homem que soube ser o enthusiasmo e enlevo das platéas. O enthusiasmo é o brio, é o pundonor das nações.

Tristes dos povos que não têem quem saiba enthusiasmal-os, inflammal-os no amor por tudo quanto é grande e sublime; quem lhes in-

spire o culto dos grandes, dos varonis ideaes, que são tanto na arte, como na vida das nações, a honra, a patria e a liberdade. (*Apoiados.—Vozes:*—Muito bem.)

Os povos que não respeitam as suas glorias nacionaes, são povos moribundos. (*Apoiados.*)

No tempo em que Portugal estava no auge da sua grandeza, era quando ao comico Gil Vicente se abriam de par em par as portas dos paços dos reis; quando estava decadente e moribundo, era quando Camões vagueava ao desamparo pelas ruas de Lisboa. (*Apoiados.*)

Creio ter dito bastante para que os representantes do paiz me acompanhem na supplica que faço.

É tempo, no seculo actual, que as glorias nacionaes, os homens que honram as artes e o paiz, não se vejam obrigados a esmolar o pão da caridade, e para que esta vergonha não se repita mais uma vez, é que eu venho aqui, em pleno dia, de fronte levantada, dirigir-me a vós, senhores, a vós representantes do povo, e, estendendo-vos esta supplica, dizer-vos: «Senhores, esmola para o primeiro actor portuguez.

Vozes:—Muito bem.

O sr. **Teixeira de Vasconcellos:**—Depois das eloquentes palavras com que o sr. Pinheiro Chagas acaba de advogar a causa do requerimento que mandou para a mesa, nada tenho a accrescentar; mas quero, menos por proveito da causa, que por honra minha, associar a minha modesta supplica á que s. ex.ª dirigiu ao parlamento.

Assim como a nação cuida da velhice dos seus marechaes, dos seus generaes, dos magistrados, dos funccionarios publicos, ha de cuidar igualmente dos artistas, que são os marechaes, os generaes, os supremos magistrados d'aquella especie de serviço publico nacional, serviço de grande monta, porque desenvolve o gosto nas classes populares e as moralisa.

Reunindo a minha supplica á do sr. Pinheiro Chagas, estou persuadido que não haverá membro d'esta casa que recuse o obolo, que se póde dizer da caridade; mas que é antes testemunho publico do decoro e da honra nacional. (*Apoiados.*)

Não tenho nada mais que dizer ácerca d'este insigne vulto da arte dramatica, não só porque o seu nome e a sua reputação alcançada em todo o reino me dispensam de apresentar mais cousa alguma, mas porque o nosso collega o sr. Pinheiro Chagas acaba de indicar brilhantemente todos os dotes d'aquelle esclarecido e desditoso artista.

Vozes:—Muito bem.

O sr. **Ferreira de Mesquita**: — Depois que a voz auctorisada do meu illustre collega e amigo, o sr. deputado Teixeira de Vasconcellos, advogou tão brilhantemente a causa do actor José Carlos dos Santos; desde que o meu antigo condiscipulo e tambem sempre amigo, o sr. Pinheiro Chagas, a patrocinou com as suas phrases eloquentes, eu peço a v. ex.ª e á camara que me façam a justiça de acreditar, que não me levanto com a idéa vaidosa de accrescentar uma palavra sequer ao que s. ex.ªs disseram.

Está dito tudo. Nada mais ha para dizer.

Desejo, comtudo, affirmar as minhas convicções, e dizer desassombradamente o que entendo, no tocante a este assumpto.

Como de todos é sabido, em nome de um principio que se exagerou excessivamente e que então se julgava salutar para este paiz, cortou-se, em um dia e de um só golpe, o futuro de alguns homens, que nutriam a grata esperança de poderem acolher-se, mais tarde, á sombra benefica dos seus direitos adquiridos.

Não venho agora discutir se se fez bem, se mal. Venho lamentar que esses homens — artistas, que pelo seu aturado estudo e pelo seu arduo trabalho, faziam florir um dos mais virentes ramos da arvore da moderna civilisação, ficassem reduzidos a ter de esmolar o pão de cada dia, quando, faltando-lhes as forças, porque a velhice ou a enfermidade os levassem de vencida, se vissem inutilisados para o desempenho da sua pesada tarefa.

Venho lamentar que o paiz das gloriosas tradições, o paiz que sabe riscar das paginas do seu codigo a mais negra palavra que ellas continham, o paiz que sabe levar ás terras d'além mar a liberdade para os povos que lá nasciam escravos; que Portugal, emfim, onde ha generosa caridade, e onde essa pomba de azas bran-

cas vôa sempre em favor dos desvalidos da fortuna; venho lamentar, digo eu, que este paiz engeitasse alguns dos seus filhos, que por elle e para elle se afadigavam. (*Apoiados.*)

Era caso de consciencia, senhor presidente.

Hoje, que esta questão, nascida agora de um grande infortunio, foi trazida á camara, venho tambem pedir-lhe uma medida que repare os males passados.

E seja um dos primeiros, ou o primeiro attendido com favor, em vista das circumstancias especiaes em que infelizmente se acha, o actor cujo requerimento v. ex.ª tem sobre a sua mesa.

É quasi um cego, como disse o sr. Pinheiro Chagas, que vem implorar a caridade.

Sr. presidente, a vida é rodeada de espinhos; n'esta perigrinação do mundo encontram-se muitos marcos de tristeza, de provações, de lagrimas e de dôr; mas não alcanço com a imaginação, nada mais cruel, desgraça mais cruciante e fatal, supplicio mais horroroso, abysmo mais profundo, do que aquelle em que se afunda um homem, quando as trevas da cegueira o rodeiam por toda a parte; mais ainda, quando esse homem, na força da mocidade, tinha no coração esperanças de gloria, e no futuro as mais legitimas e as mais largas aspirações. (*Apoiados.*)

Não ver com os olhos, e ver muito e muito longe com o entendimento, é a suprema desventura n'este mundo. (*Vozes:* — Muito bem.)

Ha n'este estado deploravel o sentir que a morte nos envolve, com as dobras de seu gelado manto, dia a dia, hora a hora, instante por instante. (*Vozes:* — Muito bem.)

Não ver os filhos que nos acariciam, não ver a mãe que nos abençôa, é como não ver a Deus! É ter quasi o direito... não direi assim, porque seria soltar uma phrase talvez heretica; mas é, na verdade, ser tentado diabolicamente, ser tentado infernalmente a duvidar da sua clemencia.

Pois a esta tristissima extremidade é que chegou o signatario d'esse requerimento.

Sr. presidente, o actor José Carlos dos Santos era certamente, e é, um dos homens de mais glorioso renome entre os seus irmãos da arte.

Grande coração para sentir, grande talento para pensar!

Foi sempre emquanto pôde, e soube sel-o, o melhor mestre dos seus companheiros e o melhor companheiro dos seus collegas: hoje que elle quer, mas não póde, será generoso, é exemplo dar-lhe attenção e favor, a elle primeiro, e a todos.

Vozes: — Muito bem.

(*O orador foi comprimentado por muitos srs. deputados.*)

O sr. **Cunha Belem**: — Não quero tomar tempo a v. ex.ª nem á camara; mas desejo associar-me tambem a favor do primeiro artista dramatico portuguez, hontem o heroe da arte, hoje o martyr d'ella. (*Apoiados.*)

Não posso accrescentar nada ás palavras brilhantissimas que foram pronunciadas pelos illustres deputados que me precederam. Quando se pede esmola com a elevação de phrase com que a pediu o illustre deputado o sr. Pinheiro Chagas, ninguem se recusa a dal-a. (*Apoiados.*)

Precisava dizer isto, para me associar ás supplicas dos meus illustres collegas, visto que sou um dos sinceros admiradores do talento artistico de José Carlos dos Santos.

A PENSÃO AO ACTOR SANTOS

Na morte como na vida, ha modestos e orgulhosos.

Uns desapparecem subitamente, quando estão em plena luz, como Victor Manuel e Thiers, enchendo o mundo de assombros e de trevas, impondo-se, mais do que ao luto, á surpresa universal — são os grandes vaidosos do tumulo. Quando caem, as sociedades abalam-se, os espiritos amedrontam-se, os animos entibiam-se ante os implacaveis caprichos fogosos d'essa *cocotte* sinistra, que tem todas as seducções dos atavios luxuosos para os ricos e para os grandes da terra, a quem os seus beijos fataes tornam em cadaveres-acontecimentos.

Outros desapparecem pouco a pouco, passam de Austerlitz a Waterloo, como do meio dia ao anoitecer, mettem-se pelos atalhos do exilio, que conduzem direito ás grandes estradas do esquecimento, e um dia afogam-se silenciosamente no tranquillo Lethes, dando apenas uma noticia curiosa ás necrologias illustres, e um curto telegramma á agencia Havas.

Encheram o mundo na vida, na morte enchem apenas um caixão de chumbo.

As conversações alegres deixam-os passar em silencio das casas modestas do exilio para as paginas gloriosas da historia.

E são essas paginas brilhantes, que tanto nos fallam em Roscio como em Julio Cesar, em Molière como em Luiz XIV, em Talma como em Napoleão, em Kean como em Cromwell, em Rachel da França como em Catharina da Russia, que nos ensinam a fallar, ao lado dos grandes heroes da guerra e do throno, dos grandes heroes da arte e do palco.

Na historia todas as realesas se confundem, todas as heroicidades fulguram, todas as glorias scintillam.

Quantos reis serão esquecidos por ella, a olympica imparcial, e quantos actores serão lembrados?

O genio inscreveu já o nome de Santos no seu glorioso registo, a desventura fel-o cedo figurar na tradição.

«Passei depressa a monumento» disse-nos elle, ainda ha dias, apertando a nossa mão nas suas mãos tremulas e inquietas de cego.

Hontem era um actor, hoje um nome.

Desappareceu do palco como o sol desapparece do ceu. Teve a modestia fatal das terriveis agonias lentas no seu desapparecimento.

A noite não veio cortar subitamente com as suas trevas o dia na sua luminosa plenitude.

Tem tido um occaso demorado. Escondeu-se pouco a pouco, atraz das nuvens douradas do crepusculo. E sem ruido, sem as transicções bruscas das concepções Meyerbeannas, aquella voz possante, que na scena agitava as fortes commoções e arrancava os loucos enthusiasmos, foi esvaecendo-se pouco a pouco, *smorzando* n'um suspiro, como um canto de Bellini, até se perder nos horisontes serenos e longinquos, onde paira a saudade e onde a reminiscencia é a unica luz.

Se n'aquellas noites de ardentes commoções, em que Luiz XVI chorava as lagrimas do genio na prisão do Templo e na platéa havia em todos os olhos as lagrimas das rudes dores moraes, o publico soubesse que aquella porta que se abria ao rei da França para a guilhotina, em vez de se abrir ao rei da scena para o camarim alegre e illuminado, se abria para as escuridões implacaveis da cegueira, só illuminadas pelos sinistros clarões doentios, que vem da atrophia e da nervose, e que vão para o mundo doloroso do delirio e da loucura; se quando gritava febril pelo homem, que fizera reviver um cadaver, em vez do actor radiante de gloria, visse apparecer n'aquelle palco, cheio de luzes, um homem cheio de trevas, que tragedia mais cruel, que drama mais pungente, que martyrio mais lancinante poderia despertar dôr igual n'aquelles corações electrisados pelo sôpro do genio e atirados violentamente do alto do bello ideal para o fundo das tristes realidades monstruosas da vida?

Mas nada d'isso aconteceu.

A doença do homem matou o actor, como aquelles demorados venenos italianos.

Um dia Santos desappareceu do palco, mas não desappareceu do theatro. O publico não o via em scena, mas via-o cá fóra.

Estava doente. «Scismas!» diziam muitos, sorrindo. Não se acredita nas catastrophes senão depois d'ellas acontecidas.

O duque d'Aleria, cego, como uma avó cachetica! Era lá possivel!

D'ali a pouco o duque d'Aleria tornou a apparecer deslumbrante de elegancia fidalga, de espirito parisiense, *d'entrain* de leão.

Elle já não via bem por detraz das suas lunetas fumadas, mas o publico via-o bem a elle, atravez dos seus binoculos, e sentia-se tão alegre que não podia acreditar em tristezas.

As luzes da ribalta enfraqueceram; mas o seu talento estava cada vez mais luminoso. Deitava tantos raios para fóra, que não se podia conceber que estivesse lá dentro cheio de trevas. Depois tornou a desapparecer. D'esta vez a demora foi maior.

O publico, que se esquece de tudo, não se esqueceu d'elle. Esperava a cada momento tornar a vel-o: e essa esperança diminuia-lhe a anciedade. Por fim appareceu a recitar uns versos n'uma das festas mais santas a que Portugal tem assistido. Não foi o actor que appareceu, foi o homem. O publico estremeceu. Teve de recorrer á memoria para poder ver n'elle o elegante Richelieu, o famoso De Jalin, o Alberto de Magalhães, e todas essas figuras deliciosas que aquelle cego que ali estava magro e tremulo tinha immortalisado com o seu talento creador.

D'ali em diante, Santos appareceu raras vezes, e quando apparecia não era a dar primores do seu talento, era a receber os applausos que o outro Santos ganhára, transformados agora em sympathia; era depois da larga safra de louros, a despedaçadora colheita das migalhas do passado.

Como é triste tudo isto!

Viver do passado sem futuro, é morrer.

É peior ainda.

A vida resume-se em duas funcções do espi-

rito, uma amarga, cruel, desconsoladora, pungente, ainda mesmo, ou antes principalmente quando é suave: — recordar; a outra risonha, radiante, vivificadora, sublime: — esperar.

Arrancar d'uma alma a esperança arrancando-lhe dos olhos a luz, é mais do que atirar um corpo á cova, é atiral-o á tortura.

E todas as torturas tem aggravantes. A gloria da vida passada, os ruidos alegres, as noites triumphantes, as realisações felizes das grandes concepções da Arte — a maior, a indizivel alegria do artista — fazem das torturas um martyrologio.

E é o que Santos é hoje — um martyr; o martyr da sua propria gloria, as trevas da sua propria luz.

N'elle o actor centuplica o soffrimento do homem, se — triste compensação! — acima da cegueira ha *maximo* possivel.

E, na nossa dôr por elle, ha um grande sentimento d'egoismo que a torna mais cruel.

Na communidade de sentimentos, d'alegrias, de pezares, que ha entre o actor e o publico, a sua cegueira reflecte-se em nós.

N'aquelle cerebro sem luz viceja omnipotente a saudade. Essa saudade tambem nos punge atrozmente.

O seu passado, que é a sua gloria, era o nosso enthusiasmo. Elle nunca mais ouvirá, senão em recordações, esses hymnos triumphantes que hoje lhe soam aos ouvidos como uma musica sinistra: mas nós tambem tão cedo não os tornaremos a cantar.

A Arte tem isso de grande; une, nas immensas alegrias immaculadas do enthusiasmo, o glorificado e os glorificadores.

E no nosso espirito, como no seu, não sorri a esperança, porque olhando em torno de nós vemos o campo ermo de gigantes como esse que a adversidade pouco a pouco derrubou.

E atraz d'esse cortejo de catastrophes vem como sempre essa amiga terrivelmente fiel das grandes desgraças — a miseria.

Essa, porém, podemos nós enxotal-a. Podemos e devemos. Se a caridade não o aconselhasse, se a gratidão não o recommendasse, a dignidade impunha-o.

Se não é por elle, é por nós.

Seria uma vergonha se o não fizessemos.

Portugal poderia fazer a sua trouxa e sahir da Europa. O que duvido é que o sertão lhe abrisse o seio.

No parlamento trata-se a questão, que não é uma simples questão d'esmola a um comediante, como pensaria alguem, mas uma questão de dignidade nacional e de civilisação moderna.

A camara dos deputados honrou o paiz votando quasi por unanimidade uma pensão — para que no fim de tudo o estado concorre com pequenissima quantia — a essa gloria artistica que tão cedo a fatalidade collocou na galeria das reliquias nacionaes.

Falta á camara dos pares dar o seu voto, mas dal-o-ha de certo.

Não se dirá que, no seculo XIX, em Portugal, um homem que deixa o seu nome á historia, lega o seu cadaver ao hospital.

A respeito da pensão a Santos fallou-se, não sabemos bem porque, em generaes.

Sem querermos de fórma alguma menosprezar as glorias militares e prestando homenagem ao numerosissimo corpo de generaes com que Portugal se enfeita, não comprehendemos bem o que veem os generaes fazer a esta questão d'artistas. Se é pelo merito dos serviços, provamos, com a historia na mão, que é muito mais facil commandar bem um regimento do que representar bem um papel. A lista dos bons generaes excede espantosamente a dos bons artistas, o que diz com toda a eloquencia das estatisticas que é preciso muito mais merecimento para matar Adelia do que para commandar manobras.

E no fim de contas, ainda que assim não fosse, nós, com a mão na consciencia, confessamos ingenuamente que preferiamos n'um *casus belli* ver o actor Santos a commandar um corpo de voluntarios, ou Lucinda Simões á testa d'um bando de amazonas, do que nas tabuas d'um palco o sr. Rego a suspirar os amores de Romeu, ou o sr. visconde de Sagres ter os desesperos fataes de Antony.

GILBERTO.

Diario da Manhã — 11 de fevereiro de 1878.

Portugal acaba de tributar un homenaje notable y digno de ser conmemorado, al mérito artistico, concediendo su parlamento una pension vitalicia al insigne actor José Carlos dos Santos, gloria y prez de la escena portuguesa, digno émulo de nuestro Romea, que despues de haber sido por tanto tiempo inspirado inintérprete de los primeros trajicos e y dramaturgos, ha tenido la desgracia de perder la vista.

Las mas densas tinieblas cubren los ojos de aquel que con tan brillante luz del entendimiento dotó Dios. — Noche oscura, eterna, — inalterable, punjente, se hizo para el ilustre cómico, cuyo talento tantas lagrimas arrancó y tan sublimes emociones hizo nacer en aquellos que tuvieron la dicha de escuchar su declamacion siempre natural y que por eso sabia elevar el espiritu á la realidad de las concepciones mas arrebatadoras de los primeros poetas del Universo. Ya ciego, dió su última funcion el infeliz actor, siendo conmovedora su despedida del numeroso y escogido concurso en que desde los primeros majistrados de la nacion, hasta el último compañero, han vertido lagrimas de pena y cariño.

(D'um jornal de Madrid.)

HOMENAGEM A MADAME RATTAZI

Foi brilhante a recita offerecida pelo emprezario José Carlos dos Santos, no theatro da rua dos Condes, a mad. Rattazzi. Enchiam o theatro os nossos mais eminentes escriptores e jornalistas, entre outros vimos os seguintes: Thomaz Ribeiro, Antonio Ennes, Latino Coelho, Guerra Junqueiro, Alberto de Queiroz, Magalhães Lima, Gervazio Lobato, Fernando Caldeira, Serra, Teixeira de Vasconcellos, representantes de todos os jornaes, D. Guiomar Torrezão, etc. O espectaculo, que se compunha da fina comedia de Pinheiro Chagas, *A roca de Hercules*, um delicioso *lever de rideau*, perfumado e espirituoso como uma pagina de Arsène Houssaye, o poeta das fragrancias subtis e das scintillações prismaticas, e da *Filha do Saltimbanco*, o drama shaksperiano de Antonio Ennes, foi enthusiasticamente applaudido pelo numeroso e selecto auditorio. No desempenho, em que todos os artistas disputaram primazias, ergueram-se ao ponto culminante que separa o talento do genio, e em que a sacra chamma d'este brilha com o fulgor estranho que deslumbra, Antonio Pedro e Amelia Vieira. Para a figura complexa que encarna um drama, onde, como no Triboulet de Victor Hugo, marulham, n'um oceano de lagrimas, todas as lancinantes angustias humanas a par do riso pungente do truão, só podia convir a figura grandiosa de Antonio Pedro, o actor de maior folego artistico que possuimos. O vulto de Alice, a candida alma desilludida, pomba que revoa com o gelo da morte no coração, da estancia opulenta onde folgava descuidosa, a refugiar-se na misera e despresivel barraca de feira que lhe abrigou a infancia, foi a pedra de toque do levantado talento de Amelia Vieira, crysalida que até então não deixara libertar-se

e voar á luz do sol a borboleta, scentelha latente que não brotára ainda chamma creadora!

A descripção do sonho, no 2.º acto, uma pagina de Hoffmann colorida pelo fulgor ardente da inspiração meridional, bastaria para assignalar proeminente e luminosa a physionomia artistica d'esse talento gentilissimo, que é porventura hoje balsamo ineffavel, gloria, orgulho, astro emfim que norteia e aquece o calvario escuro e arido de um martyr da Arte, que viu de repente desapparecer na voragem sombria o radioso diadema que lhe constellava a fronte inspirada.

A princeza Rattazzi, em honra de quem se celebrava a festa, recebeu no seu camarote comprimentos de todos os litteratos, deputados, jornalistas, etc. A insigne escriptora franceza enviou do seu camarote ao nosso mallogrado e distinctissimo actor Santos, como testemunho de reconhecimento, o seu volume de poesias *L'ombre de la mort,* com uma dedicatoria amabilissima escripta pelo proprio punho da auctora; e mandou chamar á sua presença as actrizes Emilia dos Anjos e Amelia Vieira, para significar-lhes de viva voz o interesse que lhe inspirava o seu bello talento; acrescentando que a recita a que assistia era uma das mais gratas recordações que levava de Portugal.

Acompanhavam mad. Rattazzi a sua *dame de compagnie* e sua gentilissima filha, a pequenina Isabel Roma, que assistiu ao espectaculo no camarote da sr.ª D. Guiomar Torrezão.

A Revolução de Setembro, 5 de abril, 1878.

L'ASSOMMOIR

Aproveito a occasião para dizer aos que se interessam por estas coisas, que fui o primeiro que tornei conhecido no theatro portuguez o nome de E. Zola. O seu drama *Thereza Raquin*, representado no theatro dos Recreios pela companhia da actriz E. Adelaide, ainda que não fui o traductor, comtudo fui eu que apresentei a peça, insisti com a empresa para a mandar traduzir, fazel-a representar, e eu mesmo dirigi os ensaios.

A *Taberna*, traducção do *Assommoir*, é agora o momento de agradecer reconhecido a toda a imprensa os elogios que dispensaram á minha traducção, ao publico que a recebeu com tantas provas de agrado, a Salvador Marques que tão dignamente a pôz em scena, e finalmente a todos os meus collegas que me coadjuvaram n'aquella ardua tarefa; e eu conhecia bem os espinhos que a rosa tinha...

Cochichava-se por ahi, nos conciliabulos da intriguinha e da má lingua indigenas, por entre umas baforadas de pessimismo petulante, muito nossas, muito burguezas, que *L'Assommoir* de Zola seria duas vezes estropiado: na traducção, e no palco da rua dos Condes.

Não que ao traductor faltasse competencia, e que ao director do theatro escasseiassem a illustração e o bom gosto, diziam os criticos *blasés* do Martinho, com ares de obsequiosa generosidade; mas traduzir o auctor dos *Rougon-Macquart* e trazer para o velho tablado

da rua dos Condes a lavanderia de *L'Assommoir*, era um duplo *tour-de-force*, de mais difficil execução, que qualquer dos trabalhos impostos ao famoso Hercules da mythologia oriental; um impossivel metaphisico; um verdadeiro milagre!

E, afinal de contas, com grande pasmo dos que duvidavam, e com assombro de nós mesmos, embora nunca nos houvessemos associado ás declamações pretenciosas dos pessimistas, fez-se o milagre, sendo milagreiro o actor Santos, um desventurado illustre, e o *Assommoir* foi á scena, e a peça de Zola teve um successo assombroso.

Traduzir do francez um drama qualquer em tres actos, que tivesse dado duas duzias de representações na *Porte de S. Martin*, é facil, é trivial, quasi nem merece as honras da critica e o matiz de qualificativos laudatorios, que ahi se malbaratam a torto e a direito nas chronicas pomposas do elogio inconsciente. Basta para isso ter aprendido mal a lingua de Victor Hugo e recorrer a um diccionario de Castro Freire. Mas traduzir o *Assommoir* de Emilio Zola, e traduzil-o com os olhos de todo cerrados por uma cegueira cruelissima, como fez Santos, imprimindo na traducção, a cada phrase, o vigor accentuadamente realista do original francez, dando a cada expressão popular parisiense o verdadeiro equivalente na nossa linguagem burgueza, isto é que não tem nada de trivial, e demanda as attenções da critica, como se se tratasse de uma creação puramente portugueza.

Transplantando para a nossa lingua a obra gigante de Zola, Santos viu mais e melhor, com a sua profunda cegueira, que muitos dos modernissimos traductores indigenas, com os seus olhos bem abertos á luz do dia e ao ensinamento dos diccionarios. Fazendo-a representar, demonstrou Salvador Marques, á evidencia, que a sua iniciativa vale mais e é mais fecunda, que a de todos os empresarios juntos. Honra lhes seja.

Não faremos longa dissertação, dizendo o que é a peça de Zola. Quem a for ver no theatro, ficará sabendo d'ella tanto como nós; quem a ler attentamente, ficará por certo sabendo

mais, e qualquer das coisas custa pouco. No *Assommoir* pinta-se a traços vigorosos e verdadeiros a queda fatal de uma familia operaria, no meio empestado dos bairros de Paris. Primeiramente, a embriaguez e o horror ao trabalho honesto; depois, como consequencia d'isto, a quebra dos sagrados laços da familia, as torpezas asquerosas e infamissimas da promiscuidade, e o progressivo esquecimento de todos os sentimentos dignos, tendo por triste epilogo a vergonha e a morte miseravel.

A linguagem usada na peça é a linguagem do povo, tal qual ella se falla, sem atavios mentirosos que destoem da *blouse* do operario; sem lavores convencionaes de estylo, que estejam a brigar com o meio onde se movem e vivem os personagens. Apalpa-se ali a verdade em toda a sua nudez, nas scenas mais intimas da familia, no desencadear tumultuoso das paixões, na …vassidão vertiginosa e febricitante dos lupa… nos desregramentos asquerosos da orgia … villãs do soalheiro. … não é apenas um drama mo… é um estudo philologico de grande interesse social e historico… obra que respira verdade em todas as suas scenas, em cada uma das suas phrases, desde a tempestade de improperios brutaes vomitados pelas frequentadoras do *lavoir*, até ao lugubre e sinistro «*fais dodo, ma belle*» do *croque-mort* Bazouge, sem recorrer ás gastas *ficelles* ainda empregadas por grande numero de dramaturgos contemporaneos, sem procurar enfeitar-se com os rendilhados lavores de um estylo facetado e primoroso. Ahi está o que é *L'Assommoir*, o drama que hontem vimos soberbamente representado no palco da rua dos Condes, com uma *mise-en-scène* irreprehensivel, e um desempenho acima de todo o elogio, por parte dos primeiros artistas d'aquelle theatro.

Fazendo esta chronica ligeira do espectaculo, não diremos, como é de antiga usança, a quem couberam as honras da noite, na interpretação conscienciosissima e fiel dos personagens da peça. Couberam a todos. A Amelia Vieira, na esplendida creação realista de Gervasia; a Amelia Vianna no papel de Virginia; a Dorothea na sr.a Roche; a Carlos Posser, que, principalmen-

te nos ultimos actos, desenhou com inexcedivel mestria o typo de Coupeau; a Salazar, no sympathico Gouget; a Faria, no sinistro Bazouge; a Almeida, no devasso Lantier; a Roque no comico Lorilleux, a todos elles, emfim, sem exclusão de nomes e de pessoas, porque todos mereceram os enthusiasticos applausos com que o publico os victoriou, esquecendo o adiantado da hora, o chá com torradas e o conchego macio da cama confortavel, que de longe o namorava, na penumbra da alcova serena.

Rigoberto.

São da bem redigida correspondencia de Lisboa para o *Dez de Março,* os seguintes periodos:

—«Tem tido um enorme successo no theatro da rua dos Condes o drama *Assommoir* de Busnack, moldado sobre o conhecido romance de Zola. A traducção está primorosamente feita pelo glorioso e infeliz actor Santos.

A proposito de Santos. O illustre actor vae todos os dias assistir á representação da peça, conservando-se por muito tempo sentado n'uma cadeira á *Voltaire* do camarim de Amelia Vieira, que tem sido para elle um anjo de consolações, na sua dolorosa cegueira.

O camarim de Amelia é, pois, o *rendez-vous* dos amigos de Santos, que alli vão conversar com aquelle excellente rapaz, que tem um dos maiores nomes do theatro portuguez. Santos é um conversador espirituoso e possue larga illustração. Mesmo depois de cego, o illustre artista não deixou de seguir os seus estudos litterarios. É Amelia Vieira a sua leitora.

Santos falla-nos muito das suas viagens, descreve as suas impressões, os monumentos que visitou, as celebridades que viu, com o tom melancholico e suave de quem não mais as poderá ver. Que tristeza n'aquelle dizer, que de soffrimento enorme o que se passa n'aquella alma, ao recordar o seu passado feliz!

Um dia d'estes, Santos, conversando com Maximiliano de Azevedo, Urbano de Castro e commigo, teve occasião, depois de fallarmos largamente em litteratura contemporanea, na politica da França, em Gambetta, em Victor Hugo, em Zola, de nos contar um episodio da sua viagem a Paris, quando foi consultar os primeiros especialistas de molestias de olhos.

A celebridade da época era um doutor polaco, M. Galiuska — se me não engano — que dava consultas a 25 fr. e que tinha o escriptorio sempre cheio de clientes. Santos foi procural-o. Chegou e encontrou-se com uma enorme multidão que aguardava a sua vez para ouvir o illustre especialista. O grande actor enviou para dentro a sua modesta *carte-visite*, com a indicação de *actor portuguez*.

Mal o criado entrou no gabinete do doutor com o bilhete de Santos, aquelle levantou-se immediatamente e arredando o reposteiro fez entrar o illustre actor, dizendo para os circumstantes: — *Pardon, messieurs, c'est un médecin.*—Santos ficou surprehendido e disse-lhe que se enganava, pois não era medico.

—«Assim é preciso, meu caro, pois só assim o poderia receber já. Os medicos preferem todos clientes, que esperam a sua vez.

Depois observou Santos e receitou-lhe. O actor portuguez puxou pela bolsa e ia a pagar os 25 fr. da tabella, quando o dr. Galiuska lhe disse:—«Não é nada! Volte muita vez, porque me interesso vivamente por si. Volte a vêr-me que sou seu amigo».

—«Mas, porque tudo isto... ia retorquindo Santos.

—«Não se admire, meu caro, o senhor é portuguez e eu sou casado com uma filha de Tamberlik, que deve a Portugal o maior reconhecimento, e eu quero, pela minha parte, tanto quanto podér, diminuir a enormidade da sua divida de gratidão para com os portuguezes todos».

—«Quando eu saí, acrescentou Santos, senti que as lagrimas me saltavam dos olhos, tamanha foi a commoção, que me fez, ouvir assim um estrangeiro fallar do meu paiz».

AUGUSTO RIBEIRO.